

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

LARISSA DE KÁSSIA SIMÕES

**O RASTREAR DA REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE  
CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO ATOR-REDE NOS RELATOS DE  
LICENCIANDOS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO**

São João del-Rei  
2019

**Larissa de Kássia Simões**

**O RASTREAR DA REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE  
CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO ATOR-REDE NOS RELATOS DE  
LICENCIANDOS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Gabriel Menezes Viana

São João del-Rei- MG  
Novembro/2019

*A todos os professores em formação, os quais, acreditam na força transformadora que a educação pode exercer sobre os sujeitos. E, principalmente àqueles que usam as dificuldades como ferramenta de investigação para cada vez mais, melhorarem sua prática.*

DEDICO

## AGRADECIMENTOS

*Às vezes, nossas palavras não bastam para expressar nossas emoções. São impotentes para transmitir tudo o que a alma quer dizer.*

Mikhail Bakhtin (1993, p. 231)

Agradeço primeiramente a Deus, Pai de infinita amorosidade, por toda força e discernimento, por estar sempre iluminando e guiando meus passos e sempre ter me dado forças quando eu pensava em desistir.

Aos meus pais, Antonio e Neuza, por me educarem, por sempre me incentivarem com amor e confiança, pela paciência por minha constante “correria” e mudanças de humor nesses últimos dois anos, e especialmente, pelo apoio e encorajamento para que eu realizasse mais essa etapa da minha vida. Aos meus irmãos, Iara e Matheus, pelo companheirismo e estímulo. As minhas amadas sobrinhas, Lara e Geovana, por deixarem minha vida mais alegre. Ao meu companheiro Luiz Augusto, pela sabedoria nas palavras de encorajamento, por compreender minha ausência em vários momentos, pela paciência durante as “crises” e principalmente, por acreditar em mim quando eu mesma não acreditava. Obrigada por estarem sempre ao meu lado, eu amo muito vocês!

Ao Prof. Dr. Gabriel Viana, meu professor-orientador, por sua imensa compreensão, pela maneira sempre cuidadosa e preocupada com seus orientandos e alunos, transformando um ambiente que para muitos é de tensão, em um lugar prazeroso. Suas contribuições, despertaram em mim, vontade e exemplo de buscar sempre melhorar minha formação profissional e pessoal. Muito obrigada pela oportunidade de crescimento.

Aos membros da banca, os quais, prontamente aceitaram o desafio de participar dessa fase final. Prof. Dr. Bruno Monteiro, que me acompanha desde a graduação, como professor em várias disciplinas, supervisor de estágio, coordenador do PIBID-Química e membro da banca da minha monografia, não tenho palavras pra expressar a felicidade de voltar a ter suas contribuições em mais uma da etapa da minha formação, você foi um dos principais exemplos pela escolha em seguir a área da educação. Profa. Dra. Bruna Sola, que consegue mostrar sua rigorosidade com tanta *boniteza* é um exemplo de pessoa e profissional coerente com o que a educação requer. Obrigada por ler e revisar com tanto carinho e atenção esse texto, suas contribuições foram cruciais para a qualidade dessa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Ao nosso Grupo de Pesquisa (GEHBIO) e companheiros Latourianos, nossas reuniões foram os melhores momentos durante este processo. Vinícius, Samuel, Raíza, Ana Elisa e Bruno que foi meu parceiro desde a entrada no mestrado e nas disciplinas, sempre me dando dicas e me inteirando de todas as informações importantes, que por vezes passariam despercebidas por mim. Um agradecimento mais que especial ao colega Isaias, que além de co-pesquisador nesse estudo se tornou um amigo, sempre me incentivando, me motivando e se colocando à disposição todas as vezes que precisava, fosse com ajuda no trabalho, fosse com uma palavra amiga e reconfortante. Muito obrigada a todas vocês pela rede de conhecimentos que viemos tecendo.

À UFSJ e ao PPEDU que me acolheram durante esse tempo que estive em São João me proporcionando um aprendizado e crescimento que não teriam como descrever em palavras. A todos os professores e professoras do programa de Mestrado em Educação por todas as reflexões construídas durante as disciplinas que ampliaram meu olhar sobre as problemáticas que educação enfrenta. À secretária Ana Carla, que nunca media esforços para ajudar no que fosse preciso. À turma de mestrado de 2017, foi uma honra conhecer e conviver com cada um de vocês. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa.

*Não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para sabermos o que seremos. (Paulo Freire)*

## RESUMO

A pesquisa buscou compreender se, e como a prática reflexiva é estimulada e se constrói na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São João del-Rei, Sudeste de Minas Gerais. Com referências nos estudos de Pimenta (2002), Alarcão (1996) e Contreras (2002), entendemos a reflexão como um movimento em que o professor em formação realiza quando em conjunto com outros sujeitos e com condições sócio-materiais que possibilitem um distanciamento do momento da ação desenvolvida e assim consegue (re)formular ideias e propostas para um pensar e/ou agir diferenciado. Para conseguir compreender esse movimento nos amparamos na Teoria Ator-Rede (ANT) como principal referencial teórico-conceitual-metodológico, criada por Bruno Latour e colaboradores. Denominada por *sociologia das associações*, a ANT propõe investigar como a ciência é construída por associações, considerando atores humanos e não-humanos. Os dados desta pesquisa foram originados de observação-participante dentro da disciplina de Estágio Supervisionado, no período de março a junho de 2018. Nesse tempo, foram utilizados registros em áudio e caderno de campo da pesquisadora para coleta de dados. Nosso primeiro movimento de análise, buscou identificar como a reflexão era construída na voz dos sujeitos através das controvérsias, momento nos quais os sujeitos discordavam de algo. Dentre os eventos destacados, momentos nos quais as controvérsias ocorreram, identificamos três que se relacionavam ao processo de formação dos estagiários: (I) O que leva os estagiários às escolhas de suas escolas/espacos para realizarem o estágio? (II) A primeira experiência em sala de aula de professoras iniciantes e (III) Uma estagiária entre dois perfis de professora de Biologia. Analisamos quais os possíveis fatores influenciaram nessas diferentes experiências, a importância e o cuidado com esse momento tão delicado que é a iniciação no ambiente escolar como um futuro professor. Algumas conclusões puderam ser construídas a partir das análises e dos resultados em nosso estudo, a primeira é que as controvérsias se mostraram como o principal momento para observar as vozes dos sujeitos e momentos reflexivos. Percebemos também a socialização das experiências dos estágios enquanto formação de redes, os momentos analisados neste estudo mostram um significativo número de actantes que mediarão a construção da reflexão dos estagiários. Os actantes formam grupos e podem captar o estagiário para eles, favorecendo ou distanciando da profissão docente. Outro ponto que se destacou nas conclusões é o de que a construção da reflexão é um processo, que tem sequência e continuidade e vai se modificando pela prática e que refletir é um ato social, que se dá pelas relações com outros sujeitos e com o ambiente no qual ela ocorre. Os estágios curriculares supervisionados se mostraram como potenciais espaços para a construção da reflexão na formação de professores, onde os sujeitos podem expressar suas opiniões e a de que o estágio é um ambiente de formação que consegue estabelecer relações multitemporais. Diante do que foi investigado, notamos que alcançar uma prática reflexiva não parece ser uma tarefa fácil. Por isso, ela deve ser desenvolvida aos poucos, por meio de processos interativos e sempre sob supervisão especializada. É na relação com o grupo, por meio de perguntas e comentários, que eles aprendem a falar mais e compor melhor o contexto das experiências vividas. Assim, criando condições para ressignificar as ações conduzidas e projetar outras que julguem serem melhores para/no contexto em que atuam.

**Palavras-chave:** Formação de professores de Ciências e Biologia; Reflexão; Professor reflexivo; Estágio curricular supervisionado; Teoria Ator-Rede.

## ABSTRACT

This research aimed to understand if, and how reflective practice is stimulated and built in the discipline of Supervised Curriculum Internship in a degree course in Biological Sciences at the Federal University of São João del-Rei, Southeastern Minas Gerais state. Based on Pimenta (2002), Alarcão (1996) and Contreras (2002) studies, we understand the reflection as a movement in which the teacher in formation carries out when together with others and with socio-material conditions that allow a distance from the moment of action developed and thus can reformulate ideas and proposals for a differentiated thinking and / or act. In order to understand this movement, we supported on the Actor-Network Theory (ANT) as the main theoretical-conceptual-methodological framework, created by Bruno Latour and collaborators. Named by *sociology of associations*, the ANT proposes to investigate how science is structured by associations, considering human and non-human actors. The data of this research was originated from participant observation within the Supervised Internship discipline from March to June 2018. During this time, audio records and the researcher's field notebook were used for data collection. Our first movement of analysis tried to identify how reflection was constructed in the subjects' voice through controversies, a moment in which subjects disagreed about something. Among the events highlighted, moments in which the controversies occurred, we identified three that were related to the trainee training process: (I) What leads trainees to the choices of their schools / spaces to carry out the internship? (II) The first classroom experience of beginners teachers and (III) An intern between two profiles of biology professor. We analyzed what possible factors influenced these different experiences, the importance and care with this delicate moment that is the initiation into the school environment as a future teacher. Some conclusions could be drawn from the analysis and results of our study, the first is that controversies proved to be the main moment to observe the subjects' voices and reflective moments. We also noticed the socialization of the internship experiences as a formation of networks, the moments analyzed in this study show a significant number of actors who mediated the construction of the interns' reflection. The actors form groups and can capture the intern for them, favoring or distancing from the teaching profession. Another point that stands out in the conclusions is that the construction of reflection is a process, which has sequence and continuity and is modified by practice, and that reflecting is a social act, which takes place through relationships with other subjects and with the environment in which it occurs. The supervised curricular internships proved to be potential spaces for the construction of reflection in teacher education, where the subjects can express their opinions and that the internship is an formation environment that manages to establish multitemporal relationships. Considering what has been investigated, we note that achieving a reflective practice does not seem to be an easy task. Therefore, it should be developed gradually, through interactive processes and always under specialized supervision. It is in the relationship with the group, through questions and comments, that they learn to speak more and better compose the context of the lived experiences. Thus, creating conditions to resignify the actions carried out and project others that they believe are better for / in the context in which they operate

**Keywords:** Qualification of Sciences, Biology Teachers; Reflection; Reflective teacher; Supervised curricular internship; Actor-Network Theory.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** A esquerda a figura da espiral do desenvolvimento profissional, onde a cada ciclo os sistemas de direção melhoram, e, a direita a figura das fases que compõe cada ciclo da espiral. (KORTHAGEN, 2001, p. 61,62).....24
- Figura 2:** Croqui representando o laboratório (LEBio) onde foram realizadas as observações. ....51
- Figura 3:** Trecho do diário de campo utilizado pela pesquisadora durante as reuniões de estágio. Em 1, 2 e 5 a tarja foi utilizada para ocultar nome de participantes e instituição; em 3 observamos que a pesquisadora destacava o uso do diário como instrumento de auxílio para o relato e em 4 a marcação de momentos que despertavam algum tipo de reflexão. ....55
- Figura 4:** Representação de resumos com a descrição das ações que aconteceram nas aulas. ....57
- Figura 5:** Representação da construção da reflexão sobre a escolha pela escola .....67
- Figura 6:** Representação da construção da reflexão sobre a escolha pela escola .....70
- Figura 7:** Representação da construção da reflexão sobre formação durante a primeira experiência com a docência .....75
- Figura 8:** Representação da construção da reflexão sobre uma formação política .....80

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ANT-** Teoria Ator-Rede

**DED-** Departamento de Educação

**DCN-** Diretrizes Curriculares Nacionais

**GEHBIO-** Grupo de Pesquisa em Ensino e Formação de Professores de Ciências e Biologia

**IC-** Iniciação Científica

**PIBID-** Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

**PPEDU-** Programa de Pós-Graduação em Educação

**SIMAVE-** Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública

**TCLE-** Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**UFSJ-** Universidade Federal de São João del Rei

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Quadro de eventos dos dados coletados nas observações com os possíveis momentos para análise.....	58
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Discente, turma e etapas do estágio que realizaram.....	63
--------------------------------------------------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>O RASTREAR DA REFLEXÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: UM ESTUDO ATOR-REDE NOS RELATOS DE LICENCIANDOS NO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO .....</b>	<b>1</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>9</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>12</b>
<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I - Formação de professores e reflexão docente.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Relações entre as estruturas dos cursos de formação de professores e possibilidades para o processo de construção reflexiva de licenciandos .....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Um perfil reflexivo na formação dos futuros professores .....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 Prática reflexiva dos professores .....</b>	<b>23</b>
<b>1.4 O professor reflexivo crítico .....</b>	<b>27</b>
<b>1.4 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: possibilidade de um diálogo reflexivo .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO II - Conceitos Latourianos e Teoria Ator-Rede.....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Bruno Latour e a construção de fatos científicos .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 Introdução à Teoria Ator-Rede.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3 As cinco incertezas de um pesquisador Ator-Rede .....</b>	<b>41</b>
<b>2.4 A teoria Ator-Rede e a pesquisa em educação.....</b>	<b>43</b>
<b>CAPÍTULO III - Orientações Teórico-Methodológicas .....</b>	<b>46</b>

<b>3.1 Pesquisas qualitativas em educação.....</b>	<b>46</b>
<b>3.2 O contexto de pesquisa - A Unidade Curricular (UC) Estágio Curricular Supervisionado no curso investigado.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3 A observação e coleta de dados .....</b>	<b>52</b>
<b>3.5 Mapeando os eventos - sentidos para as análises.....</b>	<b>57</b>
<b>CAPÍTULO IV - ANÁLISES: aonde os rastros nos levaram ... ..</b>	<b>60</b>
<b>4.1 Os encontros de orientação do estágio curricular supervisionado .....</b>	<b>61</b>
<b>4.2 As redes que mapearam o processo de aprender a refletir .....</b>	<b>64</b>
<b>4.2.1 As controvérsias: as escolhas pelos espaços para realização do estágio. ....</b>	<b>64</b>
<b>4.2.2 Controvérsia: A primeira experiência em sala de aula de professoras iniciantes....</b>	<b>70</b>
<b>4.2.3 A formação de grupos: uma estagiária entre dois perfis de professora de Biologia</b>	<b>76</b>
<b>4.3 As associações que o grupo formado proporcionou .....</b>	<b>81</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>91</b>
<b>Anexo 1: Cartas de apresentação dos estágios.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNCIDES .....</b>	<b>95</b>
<b>Apêndice 1: TCLE.....</b>	<b>95</b>
<b>Apêndice 2: Projeto Piloto .....</b>	<b>99</b>
<b>Apêndice 3: Transcrições na íntegra dos eventos escolhidos.....</b>	<b>101</b>
<b>Apêndice 3.1: Transcrição na íntegra do evento I.....</b>	<b>101</b>

<b>Apêndice 3.2: Transcrição na íntegra do evento II .....</b>	<b>103</b>
<b>Apêndice 3.3: Transcrição na íntegra do evento III.....</b>	<b>106</b>
<b>Apêndice 4: Resumo das aulas .....</b>	<b>111</b>

## APRESENTAÇÃO

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.”

(Paulo Freire)

Posso dizer que minha trajetória educacional passou por grandes mudanças, até o momento em que me vi dentro da educação. Sempre fui apaixonada pelas ciências naturais e exatas, sendo estas resultado da escolha pela formação em química quando ainda estava no ensino médio. Contudo, nunca havia passado pela minha cabeça, seguir a carreira docente mas, sim a de bacharel. Durante os primeiros semestres, nada mudou com relação a isso, porém, ao contrário da maioria, sentia um prazer imenso ao ler os textos das disciplinas do DED (Departamento de Educação), como chamávamos, mesmo com imensa dificuldade em entender algumas teorias e autores dos quais nunca tinha ouvido falar. Lembro do primeiro texto que li *Sobre o Ato Cognoscente*, de Paulo Freire, e pela primeira vez ouvi sobre educação bancária e educação libertadora/transformadora, tocando a mim com pensamentos relativos aos problemas que a educação enfrenta, com os quais nunca tinham preocupado-me ou afetado-me. Mesmo dedicando-me e interessando-me cada vez mais por essas disciplinas, até o final dos dois primeiros anos do curso, não pensava em mudar a minha escolha de carreira. Porém, isso só aconteceu quando finalmente me vi dentro das escolas no estágio, foi como a faísca para acender o desejo de estar sempre naquele ambiente. Do estágio parti para o PIBID, projeto com toda certeza crucial na construção da minha escolha profissional. Neste projeto, pude vivenciar a prática docente conseguindo estabelecer relações com as teorias estudadas nas disciplinas. E, foi quando tive a certeza de que queria ser professora.

A questão de pesquisa deste estudo, foi formulada a partir de um sentimento de inacabamento durante a realização do trabalho de conclusão da minha graduação (Licenciatura em Química), intitulado *Contribuições do Pibid-Química na Formação de Professores Reflexivos*, o qual investigou, os instrumentos e medidas, que o programa utilizava para auxiliar na formação reflexiva dos licenciandos. Dentre os relatos dos bolsistas, o diário de campo foi bastante destacado, o que proporcionou o surgimento do interesse por estudar mais sobre esse instrumento. Assim, me senti no compromisso de dar continuidade a

esse estudo e elaborei um pré-projeto de mestrado o qual visava analisar as contribuições do diário de campo como um instrumento de promoção da reflexão na formação de professores.

Durante o primeiro ano de mestrado, com as disciplinas, as leituras, os grupos de estudos e em especial o GEHBio (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Científica, Currículo e Formação de Professores de Ciências e Biologia), minha perspectiva com a relação a esse estudo foi se modificando. Nas reuniões do GEHBio, iniciei as leituras do autor Bruno Latour, e pude conhecer sobre a ANT (Actor-Network Theory/Teoria Ator-Rede), teoria desenvolvida por ele e colaboradores, que se tornou parte fundamental do referencial teórico-metodológico que orienta esta pesquisa. Portanto, sendo a Teoria Ator-Rede e os conceitos Latourianos parte essencial desse estudo, dedicamos um capítulo para apresentarmos como a ANT é desenvolvida e os principais conceitos usados para que o leitor, compreenda os caminhos que percorremos rastreando nossos actantes. Ao longo desse período, o projeto inicial foi passando por mudanças e se reestruturando, novos objetivos e novas questões foram surgindo e modificações fizeram-se necessárias. Durante o acompanhamento das turmas, percebemos que o Diário de Campo não era utilizado com assiduidade pelos estagiários, decidimos então que ele não seria mais o elemento principal a ser investigado, mas passa a ser uma ferramenta (um actante) dentre outros que possibilitam momentos reflexivos emergirem.

Sendo assim, nossa pesquisa teve por objetivo, compreender os processos de construção de reflexão na formação docente. Com isso, nos propusemos a investigar os relatos que os estagiários tecem durante as orientações, afim de observar os momentos em que a reflexão é construída pelos estagiários e averiguarmos quais os fatores que possibilitam esse processo. Referenciados pelos estudos latourianos, seguimos os rastros dos actantes<sup>1</sup>, um actante é tudo o que age deixando um traço, elencados pelos estagiários entendendo suas relações e identificando aquilo que emergiu durante essa atuação dos actantes.

---

<sup>1</sup> O termo actante é um dos principais conceitos da Teoria Ator-Rede, sendo então melhor definido no capítulo II.

## **CAPÍTULO I - Formação de professores e reflexão docente**

Em nosso estudo, investigamos se, e como, o processo de reflexão ocorre com professores iniciantes em suas primeiras experiências na prática docente durante o estágio curricular. Nossos sujeitos de pesquisas, são licenciandos do curso de Ciências Biológicas de uma universidade pública do interior do estado de Minas Gerais.

Tendo esse objetivo em mente, algumas questões guiaram nossa investigação: O que entendemos por *reflexão* e por *prática reflexiva*? O que significa o termo *prática reflexiva* em um ambiente de formação de professores? Neste capítulo, buscamos responder estes questionamentos. Nesse sentido, primeiramente buscamos dialogar com alguns estudiosos que tratam sobre a reflexão na formação de professores, desse modo, propusemo-nos a entender os processos de construção de pensamentos reflexivos durante a formação profissional. Posteriormente, buscamos compreender a importância e as possibilidades do contexto formativo estudado: o estágio curricular supervisionado para a docência. E, por fim analisamos suas condições de contribuições para os processos de reflexão dos licenciandos.

### **1.1 Relações entre as estruturas dos cursos de formação de professores e possibilidades para o processo de construção reflexiva de licenciandos**

Algumas das principais questões elucidadas pelos cursos de formação de professores, costumam estar relacionadas à orientações curriculares que remetam a uma racionalidade técnica, a qual não estaria ainda completamente abandonada nesses cursos. Nesse modelo de formação, o professor é visto como “técnico, entendendo a atividade docente como essencialmente instrumental, dirigida para a solução de problemas mediante a aplicação de teorias e técnicas”, como enfatizado por Schnetzler (2000, p. 21). Nesse modelo, o ensino é dividido em duas partes, a específica e a geral. As duas partes apresentam-se de modo separados e àquela mais relacionada à formação pedagógica do professor é relegada a segundo plano, quando comparada a parcela da formação dedicada a aprendizagem dos conteúdos científicos específicos (CARVALHO e GIL-

PÉREZ, 2011). Schön (1983) identifica uma fragmentação entre a ciência básica, aplicada e as habilidades para solução de problemas encontrados na prática, bem como também a hierarquia priorizando a primeira:

A partir do ponto de vista do modelo da racionalidade técnica institucionalizado no currículo profissional, o conhecimento real baseia-se em teorias e técnicas da ciência básica e aplicada. Portanto, essas disciplinas devem vir primeiro. “Habilidades” no uso da teoria e da técnica para resolver problemas concretos devem vir mais tarde, quando os estudantes já tiverem aprendido a ciência relevante – primeiro, porque ele não pode aprender habilidades de aplicação sem antes aprender conhecimento aplicável e segundo porque habilidades são um tipo ambíguo e secundário de conhecimento (SCHÖN: 1983, p. 28).

Prioriza-se assim o domínio dos conteúdos específicos das ciências de referência sobre uma atenção aos processos de ensino-aprendizagem escolares, por exemplo. As disciplinas de conteúdos específicos são, em sua grande maioria, ministradas por um corpo acadêmico formado por bacharéis e profissionais em áreas distintas da área de Educação ou do Ensino. Acentua-se uma visão de que o conhecimento do conteúdo específico de ensino é mais relevante que os saberes pedagógicos. Nesse modelo da racionalidade técnica, entende-se que bastaria a aplicação na prática dos conhecimentos teóricos aprendidos em sala de aula. Caracterizando o profissional docente como um técnico, ao qual bastaria seguir fielmente os fundamentos teóricos sem considerar que a prática é um local também de produção de conhecimento. De acordo com Diniz-Pereira (2014), haveria, em contraposição a esses modelos de formação docente, outros dois modelos: o *da racionalidade prática*, e o *da racionalidade crítica* de formação docente.

Diniz-Pereira (2014), ainda pontua que a racionalidade prática, diferente da técnica, não se resumiria a uma aplicação de um conjunto de técnicas pré-estabelecidas nem se basearia exclusivamente em um conjunto de instrumentos e dispositivos para produção do conhecimento. Mesmo não descartando o uso de tais técnicas, esse modelo percebe o processo de aprendizagem como algo que necessita de direcionamentos flexíveis, também fundamentada em princípios do aprender fazendo. Segundo Schön (1983, p. 68) “quando alguém reflete na ação, ele torna-se um pesquisador no contexto prático. Ele não é dependente de categorias teóricas e técnicas pré-estabelecidas, mas constrói uma nova teoria de um caso único” diante das incertezas que podem surgir.

Em consonância, outro modelo de formação de professores é proposto por Diniz-Pereira (2014), denominado modelo da racionalidade crítica, o qual objetiva uma formação na prática

visando uma transformação social. Dessa maneira, um diálogo problematizador é lançado com o professor que apresenta uma dimensão social e política, em uma busca por “maior igualdade, humanidade e justiça social na sala de aula, na escola e na sociedade” (DINIZ-PEREIRA, 2014, p.7). Em suma, considera-se os contextos sócio-históricos nos quais a educação é construída, e por sua vez entendendo a aprendizagem como um processo democrático que se desenvolve entre professores e estudantes com a intencionalidade de alcançar maiores e melhores condições de emancipação dos sujeitos. Portanto, destaca-se uma perspectiva de prática política desenvolvida por meio da investigação e da crítica sobre as condições sociais dos aprendizes.

Schnetzler (2000), traz a luz outro obstáculo, presente na estrutura dos cursos, a separação entre a teoria e a prática e os problemas que podem causar na formação de licenciandos. Durante as disciplinas, os possíveis problemas que podem vir a ser enfrentados no ambiente escolar são ordenados de forma a desenvolverem-se de modo genérico de solucioná-los, “constituindo-se em problemas ideais e que não se aplicam às situações práticas, instaurando-se aí o indesejável distanciamento entre teoria e prática” (SCHNETZLER, 2000, p. 21). Desse modo, as questões idiossincráticas dos contextos educacionais estudados são esvaziadas e pouco problematizadas nas relações com os saberes teóricos acadêmicos.

No entanto, diante destes diversos fatores os quais acarretam inseguranças aos licenciandos em seguirem a carreira docente, visto que, a imagem de um bom profissional demonstra estar relacionada a uma ideia de pleno domínio sobre grande parte dos conteúdos de ensino a serem lecionados para contextos genéricos e ideais. Não obstante, Carvalho e Gil-Pérez (2011) relatam outros dois desafios para estes cursos: o primeiro, seria o de romper com a ideia de que ensinar é fácil e basta saber mais que o aluno e, o segundo, de que devemos analisar os sistemas de formação com suas insuficiências, reorientando a preparação dos professores.

Segundo Oliveira (2007):

A educação está diretamente vinculada a uma perspectiva de desenvolvimento da pessoa, o que por sua vez remete ao seu caráter abrangente e formador, que visa não apenas a esfera das habilidades técnicas, mas, principalmente, se volta à construção da personalidade social e do caráter. (OLIVEIRA, 2007, p.291)

Com isso, percebemos a importância de um posicionamento crítico do professor no lugar de um mero transmissor de conhecimento, que busque a relação entre “a sociedade, a escola, os alunos e o seu próprio papel” em uma educação que vise a transformação da sociedade (OLIVEIRA, 2007, p. 295).

Em geral, os apontamentos apresentados até o momento, objetivam evidenciar como a estrutura que os cursos de formação de professores apresentam pode influenciar no perfil profissional dos futuros professores. O modelo de formação alicerçado na racionalidade técnica, por exemplo, traz uma perspectiva de priorizar e dar mais importância aos conteúdos específicos frente aos pedagógicos. Tal condição pode levar os licenciandos a considerar que para ser professor basta ter mais conhecimento que o aluno e aplicar técnicas prontas para o ensino. Deixando assim de lado, as necessidades específicas de cada contexto, o valor das experiências e dos conhecimentos produzidos nas relações com os alunos e a escola. Um modelo hierárquico de formação docente, no qual o professor se coloca como detentor de todo o conhecimento perante os alunos, pode promover um perfil profissional que não questione sua própria prática e não se coloque aberto a futuras mudanças. Dessa forma, vemos com nitidez como o processo de construção de uma prática reflexiva, junto aos licenciandos, vem sendo afetado pela estrutura e organização dos cursos. Ou seja, é necessário valorizar o local da prática na formação docente, em especial, nas suas possibilidades de reflexão sobre as práticas pedagógicas dos futuros docentes. O processo de estimular a reflexão, durante a formação inicial e na prática docente mostra-se importante para que os professores, criem sua identidade profissional de forma a se integrarem com modelos de ensino que destaquem elementos como reflexão, crítica, diálogo, autonomia.

## **1.2 Um perfil reflexivo na formação dos futuros professores**

Neste item, pretendemos discutir sobre a importância do desenvolvimento da reflexão nos cursos de formação docente. Nosso intuito é apresentar o processo de construção de um perfil reflexivo do licenciando, para além de um domínio de técnicas prontas e acabadas, a serem aplicadas independente do contexto da prática profissional. Com o contato que o estagiário tem com a escola, este por sua vez tem a oportunidade de conhecer alguns dos problemas relativos à sua prática profissional. Argumentamos de que uma formação reflexiva, oportunizaria a condição de que uma vez na escola, os professores em formação se identificarem uma situação como problemática, ele pode (e deve) sugerir mudanças e soluções para lidar com esses problemas. Contudo, em um esquema em que o docente, seja capaz de enxergar os problemas, perceber como se organizam e elaborar maneiras de resolvê-los de acordo com Donald Schön (1987). Para que isso seja possível, torna-se necessária uma formação na qual o mesmo seja motivado a questionar

o mundo a sua volta, uma formação problematizadora (FREIRE, 2013), que almeje se tornar uma prática reflexiva.

No que se refere a década de 1980, o conceito de prática profissional reflexiva emerge com força no campo da formação de professores. Donald Schön, um dos principais expoentes, problematiza as relações entre teoria e prática nas formações profissionais, introduzindo o conceito de profissional reflexivo. Para esse pesquisador, as ações que reduzem a prática profissional à escolha de estratégias já prescritas por outrem, creditavam um caráter de técnico aos profissionais. Para a profissão de professores, a proposta de Schön apresenta-se como uma possibilidade dos professores reverem e interrogarem acontecimentos em suas práticas de ensino, proporcionando oportunidades para seu desenvolvimento profissional.

Em consonância, há estudos que defendem a importância de movimentos de reflexão na formação e atuação profissional. Para tanto, Dewey (1933) relaciona a capacidade de refletir com o momento no qual um problema ou dilema emerge. Enquanto isso, Zeichner (1993) defende que o professor tem um papel emancipatório na investigação dos processos de ensino e aprendizagem. Em completude, Schön (1983, 1987) um dos autores mais evocados ao se falar em prática reflexiva e Alarcão (1996) que tem suas ideias influenciadas por Schön, norteiam a reflexão como uma reconstrução mental a partir da análise da ação através de uma retrospectiva. Assim, nos dias atuais coloca-se para a formação de professores, o desafio de preparar profissionais que estejam preparados para experimentar e refletir sobre alternativas pedagógicas disponíveis nos contextos escolares.

Alarcão (1996), abarca que mesmo estando nós na contemporaneidade, ainda estamos enfrentando um processo de reaprender o ensino como uma realidade em constante processo de mudanças e reformulações, carecendo cada vez mais do ser humano ser visto como um ser questionador. Nesse sentido, mostra-se a importância de assumirmos um modelo de uma formação inicial problematizadora, na qual a relação entre teoria à prática, seja o ponto de partida, para deixarmos o modelo tradicional de ensino.

É necessário, contudo, analisarmos o uso superficial do “ser um profissional reflexivo”, pois não deve acontecer, o ato de reflexão apenas por modismo, mas sim, pela nossa capacidade de decisão consciente e autônoma, para isso é fundamental considerar inserir-se no contexto histórico-cultural presente (ALARCÃO, 1996). Refletir, coloca-se como uma das possibilidades

de investigar e questionar a sua prática, tornando possível rever acontecimentos, os quais chamam a atenção e a nos questionarmos sobre como e o que poderia ser feito de forma diferente.

Desse modo, ao lançarem de reflexões e discussões no que se referem suas ações, o professor abre novas oportunidades para gerar outros entendimentos, permitindo-lhe a construção de novas capacidades para lidar com as necessidades dos alunos (MALDANER, 2000). Portanto, o ensino não pode ser uma atividade imutável, visto que, os alunos têm necessidades sobre as quais é preciso refletir e adequar o ensino a eles. Oliveira (2007) define que

Dada a sua importância social, o ato de educar não é algo que se possa desempenhar automaticamente. Tampouco ele deve estar fundamentado em uma prática de escrita reprodução na qual não se contemplem quaisquer evidências reflexivas. (p. 291).

Assim, faz-se importante que os futuros professores, desmitifique que, cada estudante traz consigo uma bagagem de suas vivências e experiências de seu contexto sociocultural. E, esta por sua vez requer que o professor reflita de forma efetiva sobre estas peculiaridades de cada indivíduo e, desse modo, usá-las como ferramentas no processo de ensino-aprendizagem. Portanto,

O educar deve passar por processos reflexivos que garantam escolhas e direcionamentos conscientes por parte do educador no sentido de se levar em consideração, o mais amplamente possível, todas as variáveis do processo educativo: a sociedade, a escola, os alunos e o seu próprio papel. (OLIVEIRA, 2007, p. 295)

Em linhas gerais, trata-se de compreender que o processo reflexivo, vai muito além de apenas enxergar as necessidades dos alunos. Mas sim, o de compreender o contexto e o ambiente, no qual o aprendizado está sendo construído, com vistas a identificar as escolhas possíveis e as consequências dos direcionamentos adotados.

Segundo Alarcão (1996), a formação de caráter tecnicista ou mecanicista, ainda tão presente, desestimula a reflexão. O desafio é romper com esse tipo de formação e incentivar uma formação, na qual o professor reconheça os licenciandos como sujeitos que refletem, dando-lhes o direito de construir seu próprio aprendizado, propiciando a formação docente reflexiva, a qual irá conduzir a autonomia dos alunos. Nesse sentido, a autora aponta para um ensino no qual,

se dá voz ao sujeito em formação numa tentativa de restituir aos professores a identidade perdida, aos alunos a responsabilidade perdida e de devolver à escola a sua condição de

lugar onde se interage para aprender e onde se gosta de estar porque se aprende com o inerente entusiasmo e prazer de quem parte à descoberta do desconhecido. (ALARCÃO, 1996, p. 175).

Portanto, diversas são as possibilidades advindas da prática reflexiva. Tal prática, permite a promoção de um ensino, o qual distancie-se de propostas não reflexivas e mostrem-se notáveis, uma vez que, superam as dificuldades já discutidas. Na próxima seção, levantaremos alguns aspectos sobre o que entende-se por prática reflexiva na atuação dos professores, suas características, objetivos e dificuldades.

### **1.3 Prática reflexiva dos professores**

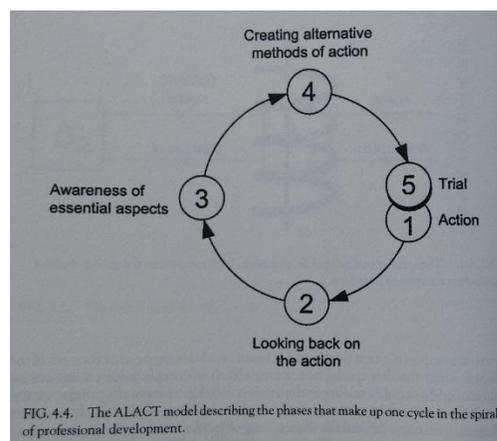
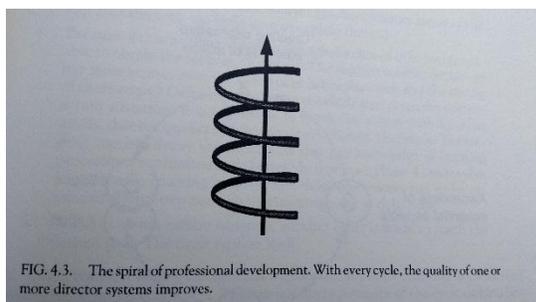
Refletir, encontra-se atrelado a maneira de como lidar com divergentes situações no contexto de atuação, e em que estas emergem problemas ou questões da prática profissional. Ou seja, através da aceitação das incertezas torna-se possível avaliar de forma contínua, hipóteses e interpretações plausíveis que permearão a construção de uma solução (OLIVEIRA; SERRAZINA, 2002).

Para Alarcão ser reflexivo “é ter a capacidade de utilizar o pensamento como atribuidor de sentido” (ALARCÃO, 1996, p.175). Com isto, entendemos que ser reflexivo é realizar movimentos de afastamento que, permitam ao sujeito observar o momento vivido nas relações com o desejado, para posteriormente, estabelecer um diálogo com a situação e compreender as questões, pelas quais no momento de sua ação, não se mostravam tão evidentes. Dessa forma, contextualizando este pensamento na cena profissional para possibilitar uma nova perspectiva de ação, um saber-fazer no local.

Alarcão (1996), destaca a importância que as perspectivas de Schön tiveram para a construção de uma imagem do professor, como um sujeito reflexivo e autônomo, capaz de formular suas próprias ideias e de pensar, analisar, e de questionar a sua prática. Perspectiva esta, que vai de encontro ao perfil de professor proposto pelo modelo de ensino tecnicista. O professor reflexivo, caracteriza-se como um ser humano criativo, que age sobre a educação, não como um mero reprodutor de ideias e práticas que lhes são exteriores, mas que atue de forma mais autônoma, inteligente, flexível e construa e reconstrua conhecimentos.

Korthagen (2001), outro estudioso sobre os processos de reflexão docente, destaca a dificuldade de pesquisar sobre o conceito de reflexão. Pois, em sua perspectiva, o termo vem sendo

utilizado apenas como sinônimo de pensar, tornando-o geral e vago para a aplicação no cotidiano. Para o autor, a reflexão é um processo mental, que envolve uma tentativa de estruturar e reestruturar uma experiência ou problema, em que este já em ciclos, forma-se um espiral. Vejamos abaixo:



**Figura 1:** A esquerda a figura da espiral do desenvolvimento profissional, onde a cada ciclo os sistemas de direção melhoram, e, a direita a figura das fases que compõe cada ciclo da espiral. (KORTHAGEN, 2001, p. 61,62)

Assim, quando acontece algo intrigante ou inesperado durante a ação, o sujeito observa e pensa nos aspectos essenciais sobre o que pode ter falhado, dessa forma, propõe alternativas diferentes para a ação. Ao tentar uma nova ação, o ciclo recomeça formando a espiral. Dessa maneira, a reflexão ajuda os professores a fazerem escolhas mais racionais e assumirem responsabilidades por elas, permitindo o desenvolvimento de suas próprias teorias, base para seu próprio trabalho (KORTHAGEN, 2001).

Para Schön (1992), um professor para ser reflexivo, deve ter um hábito contínuo de reflexão permanente, de forma diária no que se refere as ações cotidianas da prática docente, permitindo assim mudanças nas ações do mesmo. Ou seja, para esse autor, o desenvolvimento profissional ocorre na pesquisa da prática, pois é nela que as incertezas e instabilidades mostram que uma formação técnica falha, no momento em que a utilização de modelos genéricos não é suficiente.

Ainda, de acordo com o autor já supracitado a prática reflexiva pode ocorrer de quatro maneiras: o “conhecimento na ação”, a “reflexão na ação”, a “reflexão sobre a ação” e a “reflexão sobre a reflexão na ação”.

O processo de reflexão-na-ação [...] pode ser desenvolvido numa série de “momentos”. [...] primeiramente um momento de surpresa: um professor reflexivo permite-se ser

surpreendido pelo aluno [...] segundo momento [...] pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez, e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. [...] num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação [...] num quarto momento, efetua uma experiência para testar a sua nova hipótese (SCHÖN, 1992, p. 83).

O *conhecimento na ação*, trata-se do conhecimento adquirido de forma espontânea pelo professor em suas experiências; é o saber que eles trazem consigo e supostamente transmite aos alunos. É o conhecimento que o professor utiliza no decorrer de sua ação embasado em conceitos, teorias, crenças, instrumentos e técnicas. Mas, por vezes, os docentes são surpreendidos por situações inesperadas, nas quais este conhecimento não é suficiente para resolvê-las, sendo necessária a construção de novos caminhos. A recorrência de tais situações semelhantes, faz com que seja necessária uma pausa para reflexão, no momento da ação presente, garantindo um posicionamento diante do problema, para buscar reestruturar a ação, isto é, mudança na ação. Schön (1992) denomina este movimento por reflexão na ação. A *reflexão na ação*, acontece quando ao encontrarmos questões inesperadas no momento de nossa ação, precisamos nos distanciar dela, parar e refletir sobre o problema no momento em que ele acontece, podendo assim reestruturar a ação presente e enxergar sinais de problemas em sua prática docente.

O olhar que temos a posteriori sobre como agimos durante essas situações é chamado *reflexão sobre a ação*. Ela acontece após a realização da ação, quando o professor analisa e reconstrói retrospectivamente como a ação aconteceu, podendo compreender de maneira eficaz como resolvera os problemas e imprevistos os quais ocorreram. Este momento reflexivo, juntamente com a *reflexão sobre a reflexão na ação*, definida como movimentos de análises do professor sobre sua própria prática, onde relaciona-se a produção de uma descrição verbal da reflexão na ação e desenvolve-se de maneira a analisar o problema e, por sua vez proporcionar a elaboração de modificações nas ações futuras. Ademais, a compreensão do problema propicia a elaboração de hipóteses para solucioná-lo, facilitando para o professor no desenvolvimento de novas formas de pensamentos e ações, mediante à situação inesperada.

Já, Campos e Pessoa (1998), constroem importantes críticas à perspectiva sobre reflexão em Schön. Para os autores, a prática reflexiva, tal como descrita por Schön, detém uma perspectiva muito individualizada “deixando de considerar a dimensão contextual a que essas atividades estão ligadas” (p. 201). Na perspectiva de Campos e Pessoa (1998): “uma prática do professor, embora momentaneamente individual, estará sempre carregada das condições políticos-sociais e

institucionais, e a compreensão do contexto, numa visão mais ampla e alargada, deve estar presente na reflexão sobre a sua prática” (p. 201).

Diante da importância da dimensão da reflexão coletiva, bem como, a importância dos conhecimentos teóricos Pimenta (2002) pontua que,

Sem dúvida, ao colocar em destaque o protagonismo do sujeito professor nos processos de mudanças e inovações, essa perspectiva pode gerar a supervalorização do professor como indivíduo. Nesse sentido diversos autores têm apresentado preocupações quanto ao desenvolvimento de um possível "praticismo" daí decorrente, para o qual bastaria a prática para a construção do saber docente; de um possível "individualismo", fruto de uma reflexão em torno de si próprio; de uma possível hegemonia autoritária, se se considera que a perspectiva da reflexão é suficiente para a resolução dos problemas da prática; além de um possível modismo, com uma apropriação indiscriminada e sem críticas, sem compreensão das origens dos contextos que a gerou, o que pode levar a uma banalização da perspectiva da reflexão. (p. 22)

Outro ponto que a autora diverge sobre quando refere-se a visão individualista é a desconsideração do contexto social, uma vez que é necessária o estabelecer os limites políticos. Visto que, expandir o papel da teoria para contextos além do escolar, tendo como perspectiva uma educação emancipatória, a qual busque a diminuição das desigualdades sociais é um movimento que buscamos, pois pode superar a apropriação generalizada da prática reflexiva.

Com esses mesmos argumentos, também observamos uma perspectiva individualista da reflexão em Korthagen (2001). O pesquisador parece entender a reflexão com um processo eminentemente intracognitivo, minorizando sua perspectiva sócio-interacionista, ou sócio-histórica.

Tal dimensão individualista, encontrada nos trabalhos de Schön e Korthagen (2001) é a que pretendemos nos distanciar. Consideramos, que pode ser um risco entender a reflexão como uma ação descolada do cotidiano real dos professores nas escolas, uma vez que existem diferentes entidades que preenchem esse local (p. ex.: colegas, supervisão, diretoria, alunos, assim como, conteúdo de ensino, questões político-sociais, e os objetos escolares, carteiras, lousa, sala, etc.).

Ao mesmo tempo, não é porque é “um pensamento contextualizado” que é um ato reflexivo. Afinal, como postula Dewey (1925, p. 91 *apud* Campos e Pessoa, 1998), há uma distinção entre “a ação rotineira, como aquela que é orientada por impulso, tradição e autoridade” e a ação reflexiva, entendida como “a lógica da razão e a da emoção estão atreladas entre si e caracterizam pela visão ampla de perceber os problemas”. Campos e Pessoa (1998) ainda que apontam Dewey descreve três atitudes que estão dentro da ação reflexiva: abertura de mente, responsabilidade e dedicação. *Abertura de mente*: uma pessoa com a mente aberta tem mais aptidão para enxergar e

questionar diferentes pontos de vista; *responsabilidade*: a atitude responsável é aquela que medeia essas três preocupações: O que? Como? E para quem? *dedicação*: é ter a atitude de estar em contínuo estudo sobre suas ações, estando pronto para relacioná-las a outras situações que ajudem na elaboração de novas posições (CAMPOS; PESSOA, 1998 *apud* DEWEY, 1925).

Dessa maneira, grandes contribuições que os autores supracitados trazem sobre a reflexão na formação de professores. Todavia, críticas também são apontadas e é preciso considerá-las. Uma é sobre uma hipervalorização da prática, a qual ocasiona a desvalorização dos conhecimentos teóricos. Assim como, uma concepção individualista da ação docente, desvinculada do contexto político-social em que este se encontra. Além, de uma preocupação para não assumirmos a reflexão, como um conjunto de procedimentos, ritos a serem cumpridos, em outras palavras, uma técnica. Atento as considerações pontuadas nos itens anteriores, na seção a seguir pretendemos entender, o quê a literatura tem trazido sobre o professor reflexivo e crítico.

#### **1.4 O professor reflexivo crítico**

Contreras (2002), aponta para um outro modelo de professor reflexivo, o qual deixa de ser apenas um executor, mas aquele que reflete *na e sobre a* relacionando com o seu contexto, saberes e valores, para assim alterá-la. Recorrendo a autores como Habermas e Giroux, da Teoria Crítica, o autor propõe uma mudança do professor reflexivo para o intelectual crítico. A fim de buscar uma docência para além da sala de aula, pois o ensino uma prática social coletiva, tornando-se crítica ao alcançar um teor político e ideológico. Mas, segundo Contreras (2002), para que essa perspectiva seja alcançada é necessário pensar e olhar criticamente para as condições sócio materiais, no qual esse processo ocorre.

Não se trata, portanto, de simplesmente aceitar a prática reflexiva, e sim de analisar qual o tipo de vinculação com a ação que pretende estabelecer, sob que relações sociais realizá-la, a que interesses servir e que construção social apoiar nela. A crítica que se dirigiu precisamente à reflexão concebida termos de racionalidade prática apoia-se no fato de que essa perspectiva não reconhece os contextos e supostos que atuam implicitamente, em muitas ocasiões de modo inconsciente, em qualquer processo reflexivo. A reflexão crítica, pelo contrário, pretende analisar as condições sociais e históricas nas quais se formam nossos modos de entender e valorizar a prática educativa, problematizando assim o caráter político da prática reflexiva. (CONTRERAS, 2002, p. 164).

Segundo Ferreira (2001, p. 561-628), “refletir é pensar, considerar, meditar. [...]”, “Pensar é estar preocupado, refletir”. Porquanto que, o pensar está ligado à percepção do mundo que o cerca e dos problemas do dia a dia e o refletir indica ir além, pois causa indignação frente a determinadas situações, o que motiva a um agir criticamente.

Sobre esse processo que passa da prática reflexiva a um compromisso crítico, pode-se citar Kemmis (*apud* CONTRERAS, 2002, p.163-164), que elucida os seguintes elementos:

- 1- A reflexão não é determinada biológica ou psicologicamente, nem é pensamento puro, antes expressa uma orientação para a ação e refere-se às relações entre o pensamento e ação nas situações históricas em que nos encontramos.
- 2- A reflexão não é uma forma individualista de trabalho mental, quer seja mecânica ou especulativa, antes pressupõe e prefigura relações sociais.
- 3- A reflexão não é nem independente dos valores, nem neutral, antes expressa e serve interesses humanos, políticos, culturais e sociais particulares.
- 4- A reflexão não é indiferente nem passiva perante a ordem social, nem propaga meramente valores sociais consensuais, antes reproduz ou transforma ativamente as práticas ideológicas que estão na base da ordem social.
- 5- A reflexão não é um processo mecânico, nem simplesmente um exercício criativo de construção de novas idéias, antes é uma prática que exprime o nosso poder para reconstruir a vida social, ao participar na comunicação, na tomada de decisões e na ação social. (KEMMIS, 1985, p. 149)

Nessa perspectiva, é possível perceber que as críticas relacionadas ao conceito de professor reflexivo se basearam pelo fato de que, a reflexão não considerava o contexto ao qual estava inserida a ação, nem os meios que possibilitavam que ela ocorresse. Nesse sentido, Contreras (2002, p. 164) destaca que “não se trata, portanto, de simplesmente aceitar a prática reflexiva, e sim de analisar qual o tipo de vinculação com a ação que pretende estabelecer, sob que relações sociais realizá-la, a que interesses servir e que construção social apoiar com ela”, é se colocar no contexto da ação pensando em qual futuro quer construir.

Compreende-se que a reflexão tem um papel ainda maior, se considerarmos que o ensino está em constante processo de reformulação, e que a formação de professores não se encerra quando se recebe um certificado de conclusão de curso. A profissão docente, exige de seus profissionais um constante aprimoramento e estudo de suas práticas. Por vezes, “parece que estamos procurando uma teoria “total”, que dê conta de todas as incertezas da prática educativa, sem deixar restos. E sem correr riscos.” (VALADARES, 2002, p. 192). No entanto, precisamos nos atentar ao fato de que a formação que ocorre nos cursos de licenciatura, trata-se de uma formação inicial que irá se completar na prática profissional. Nesse sentido, um dos significados para reflexão proposto por Zeichner (1993) é o de que:

Reflexão também significa o reconhecimento de que o processo de aprender a ensinar se prolonga durante toda a carreira do professor e de que, independentemente do que fazemos nos programas de formação de professores e do modo como fazemos, no melhor dos casos só podemos preparar os professores para começarem a ensinar. Com o conceito de ensino reflexivo, os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (ZEICHNER, 1993, p. 17).

Diante do exposto, neste estudo, tomaremos por foco, analisar a prática reflexiva de professores em formação, a fim de compreender como um movimento que o licenciando realiza, cria um distanciamento do momento da ação desenvolvida, e consegue (re)formular ideias e propostas para um pensar e/ou agir diferenciado, com vistas a aperfeiçoar sua prática. Para isso, ressaltamos que o esse processo não ocorre isoladamente do professor em formação por si só, mas é constituído nas interações com os indivíduos e artefatos que compõem as condições do contexto da ação.

#### **1.4 ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: possibilidade de um diálogo reflexivo**

A formação inicial, é um momento de muita importância no processo de construção do perfil profissional dos docentes. Pimenta (2012), destaca como as pesquisas vêm mostrando a importância de investir-se na formação e no desenvolvimento profissional dos professores que “são profissionais essenciais nos processos de mudanças da sociedade” (p. 12).

Porém, um dos desafios que os licenciandos precisam lidar é o de conseguirem unir e relacionar a prática e a teoria. No entanto, se esse problema não for solucionado ou pelo menos reduzido durante a vida acadêmica do educando, essa dificuldade refletirá na sua prática como professor. E, o estágio possibilitará ao aluno, que este consiga perceber essa questão. No entanto, a forma com que muitas universidades ainda aplicam a prática de estágio supervisionado não vem sendo muito eficaz, pois, a grande maioria dos cursos ainda não superaram o modelo 3 + 1, em que primeiro se tem três anos de formação técnica centrada no aprofundamento do conhecimento de conteúdo específico da área de formação e de metodologia e, posteriormente, mais um ano de disciplinas pedagógicas de formação específica para professores; este ano seria de aplicação, incluindo as práticas de ensino e o estágio supervisionado.

Não obstante, a cada dia surgem novos desafios apresentados pela sociedade e pela educação. Sendo assim, o estágio é um importante momento de aproximação entre o futuro profissional docente com a escola, com suas práticas pedagógicas e com seus protagonistas (professores e alunos). Possibilitando ao licenciando conhecer, analisar e refletir sobre seu ambiente de trabalho. Para tanto, o aluno de estágio precisa enfrentar a realidade munido das teorias que aprende ao longo do curso, das reflexões que faz a partir da prática que observa, de experiências que viveu e que vive enquanto aluno. Assim, “considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (PIMENTA e LIMA, 2012, p.29). Nesse sentido, Calderano (2012) propõe a seguinte concepção para o estágio:

O estágio curricular pode ser entendido também como uma oportunidade oferecida ao cursista de conhecer, mais de perto, seu campo de trabalho futuro, identificando suas características, suas demandas, seus desafios, conhecendo melhor o trabalho aí desenvolvido, as lacunas encontradas, sempre numa relação contínua - entre teoria e prática. É um trabalho que possibilita refletir teoricamente sobre tudo que está acontecendo na realidade educacional, e, ao mesmo tempo, exige que sejam feitas proposições de modo a intervir nessa realidade, sempre considerando o contexto sociocultural, as características intrínsecas daquela realidade, os objetivos educacionais - atuando sempre a partir de uma conduta ética, responsável, respeitando os princípios da educação pública democrática e de qualidade. (CALDERANO, 2012, p. 250)

Calderano (2012), todavia, ao analisar as pesquisas desenvolvidas na área de educação encontraram “(...) apenas 38 trabalhos sobre o estágio curricular entre as dissertações e teses defendidas na área da educação entre 1998 e 2009 no Brasil, num montante de mais de 1100 títulos disponibilizados no portal capes” (CALDERANO, p. 247, 2012). Pimenta e Lima (2012), destacam alguns pontos a serem repensados, como a própria distribuição da carga horária dos estágios nos cursos de licenciatura. Para a autora, o estágio posicionado como uma atividade terminal do curso, desvinculado de outras disciplinas e, muitas vezes é realizado e entendido como atividade prática reduzida a uma aplicação instrumental dos conhecimentos teóricos, aprendidos em outras disciplinas.

As complexas e imbricadas relações entre a teoria e a prática, apresentada nos cursos de licenciatura, constitui um tema bem conhecido e discutido na área já há alguns anos. Viana (2014), por exemplo, relembra que essa preocupação remonta aos estudos de John Dewey em 1904. O pesquisador, identificou que pesam sobre essas análises uma dimensão ainda dicotômica entre teoria e prática, embora, haja esforços de pesquisadores em investir, numa perspectiva mais associativa, entre essas duas dimensões do conhecimento. A necessidade de que licenciandos

tenham uma formação que relacione mais e melhor a prática à teoria é ainda muito perseguida. O estágio curricular supervisionado, por sua vez, acaba sendo o lócus curricular em que se deposita grande parte dessas expectativas e responsabilidade.

Calderano (2012, p. 249) aponta, contudo, que o estágio “não deveria ser visto como um momento prático de aplicação da teoria estudada na universidade”, uma vez que este, não se reduz à aplicação prática de conceitos teóricos. Pereira e Pereira (2012) ainda afirmam que:

O estágio não é, pois, atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade. É atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, isto é, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis acontece. (PEREIRA e PEREIRA, 2012, p. 31)

O estágio, coloca-se em uma posição que vai além de uma conceituação prática ou teórica, ele se apresenta como um elemento de ligação entre a prática e a teoria, entre a universidade e a escola. É o momento no qual o estagiário tem seus primeiros contatos com a escola e é quando ele deve buscar relacionar suas experiências ao ambiente escolar, juntamente com os conteúdos teóricos adquiridos na universidade e relacioná-los no momento da orientação. Mas, para que essa relação possa ser feita é necessário perceber que o “estágio não pode ser, isoladamente, responsabilizado pela qualificação profissional desses alunos” (PEREIRA e PEREIRA, 2012, p. 25). Mas sim, um trabalho coletivo e colaborativo entre a universidade, a escola básica e os professores. Essa perspectiva demonstra um reconhecimento de igual valor a todos os saberes, sem hierarquizá-los.

Logo, o estágio curricular supervisionado na formação de professores é o ambiente no qual os licenciandos, devem ser estimulados a buscarem constantemente a relação entre o que aprendem nas disciplinas da universidade e o que vivenciam no contexto escolar. É, portanto, “um período intenso de ação e reflexão pedagógicas” (CALDERANO, 2012, p. 249). Por isso, deve ser um espaço em que os estudantes sejam estimulados a discutirem, de forma crítica sobre suas experiências e principalmente sobre suas dúvidas, um lugar onde haja, não somente prescrições para a prática, mas também interações entre os estagiários. Assim, buscando contribuir para um modelo que possibilite aos licenciandos, o pensar com a prática, ambos em um posicionamento reflexivo. Este momento, pode ser visto como um ritual de passagem para a vida profissional, e é

onde os licenciandos têm a possibilidade de reafirmar sua escolha pela docência (PIMENTA e LIMA, 2012).

Durante esse período de transição entre licenciando e professor, o estagiário tem a possibilidade de compreender o seu papel no contexto escolar. Muitas vezes, o estágio é visto como um meio de coleta de dados para denunciar os problemas existentes nas escolas, o que pode gerar algumas dificuldades aos estagiários em conseguirem mais espaço dentro das escolas (PINTO e FONTANA, 2002). No entanto, para que esse momento ocorra da forma a qual, possibilite aos licenciandos, aprenderem sobre a profissão docente. Para tanto, Pimenta e Lima (2012), orientam sobre a necessidade de conhecerem e compreenderem o contexto, o qual estão inseridos, bem como as particularidades do local de estágio.

A visão do ensino como uma atividade técnica, veio corroborando com a formação e aprendizagem docente, uma vez que podem ser facilmente compreendida, através da reprodução de práticas, observadas dentro do ambiente escolar, as quais poderiam ser utilizadas em quaisquer situações ou contextos. Em consonância, Calderano (2012) ressalta a necessidade do ato de estagiar ir além do modelo de observação complementado com algumas atividades, mas que migrasse para uma ação reflexiva, permeado por um diálogo crítico, de acordo com a realidade que observam e da pesquisa sobre a prática. Para a autora, tal condição pode proporcionar aos estagiários a compreensão do ensino como uma atividade complexa, a qual vai além da reprodução.

Desse modo, Pimenta e Lima (2012), propõem o estágio como um ambiente de interação e diálogo entre os estagiários a fim de que aconteça a reflexão sobre a prática docente, permitindo a criação de possibilidades de resignificação, inerentes as suas identidades profissionais. A escola e o estágio, constituem um espaço de descobertas e superação de obstáculos, em que juntos buscam melhorias no que tange a aprendizagem dos alunos.

As atividades de supervisão que acontecem no estágio requerem aproximação e distanciamento, partilha de saberes, capacidade de complementação, avaliação, aconselhamento, implementação de hipóteses de solução para os problemas que, coletivamente, são enfrentados pelos estagiários. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 114).

Nesta etapa, as autoras ressaltam a importância do papel do orientador no processo de reflexão quando se refere as experiências que os estagiários trazem, uma vez que, o orientador estimula-os a reflexão sobre o novo e assim, desperta-os para a criação hipóteses para as situações vivenciadas, por isso, ações em conjunto são muito importantes. Pois, a orientação ganha destaque

em situações, as quais podem ocorrer conflitos e incertezas sobre as escolhas pela carreira docente dos licenciandos. Portanto, esta orientação deve estar sensível às situações desmotivadoras, muitas vezes advindas dos próprios professores-tutores dos estágios, os quais acompanham as atividades dos licenciandos dentro das instituições de ensino. Pimenta e Lima (2012) elucidam o objetivo da base formativa como o de:

Preparar o estagiário para a realização de atividades nas escolas, com os professores nas salas de aula, bem como para o exercício de análise, avaliação e crítica que possibilite a proposição de projetos de intervenção a partir dos desafios e dificuldades que a rotina de estágio nas escolas revela. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 102)

Os primeiros períodos de vivências dos estagiários, quando imersos ao contexto escolar, podem ser substancialmente constitutivos de sua escolha em, seguirem ou não a carreira docente e/ou na formação de sua identidade profissional. O (des)encontro que estes momentos revelam, devem ser acompanhados de perto pelos professores-orientadores na universidade, bem como também pelos professores-tutores nas escolas. Porquanto que, a realidade vivenciada nos ambientes escolares, pode causar pânico, desorientação e impotência com o espaço escolar, em que muitas vezes apresentam falta de estrutura, de materiais básicos, recursos, indisciplina e muitas contradições entre o escrito e o vivido, como Pimenta e Lima (2012) constataram ao analisarem relatórios de estágio.

No entanto, apesar de toda a importância delegada pelos autores, relativos ao desenvolvimento da disciplina de estágio, compreendemos que grande parte desse desenvolvimento, deve-se ao modo como o supervisor a conduz. Mesmo com papel de destaque e grande influência na prática dos futuros professores, André (2006) aponta a falta de pesquisas sobre o papel desse profissional.

Nesse sentido, Calderano (2012), discorre sobre a importância do uso do diário de campo, no período de estágio, pois, segundo o autor:

Para isso, salienta-se a importância do uso contínuo do *diário de campo* como instrumento de coleta das impressões, observações, dúvidas, propostas. Tal instrumento permitirá o aguçamento de questões que poderão ser, oportunamente, trabalhadas junto aos demais estagiários, com os professores da escola, com o(a) professor(a) responsável pela orientação do estágio e tutores. (CALDERANO, 2012, p. 252)

O estágio, pode ser um momento rico de informações, experiências e reflexões, porém, não é interessante que os estagiários, confiem única e exclusivamente em suas memórias, as quais

podem deixar detalhes importantes escaparem. O registro constante e detalhado dos acontecimentos, permitem o retorno em determinados momentos (à posteriori, provavelmente) de modo a fornecer meios de re-imersão nesta experiência, a fim de pensá-la de outros modos, com distanciamentos apropriados e ajuda especializada. Tais situações, podem favorecer a construção de um perfil profissional mais reflexivo desses sujeitos.

## **CAPÍTULO II - Conceitos Latourianos e Teoria Ator-Rede**

Neste capítulo apresentamos a Teoria Ator-Rede (ANT)<sup>2</sup>, proposta por Bruno Latour e colaboradores, sendo este, o principal referencial teórico-conceitual e metodológico que orienta nossa pesquisa. Nesta etapa, abordaremos os conceitos e concepções em que nos fundamentamos e iremos relacioná-los com a metodologia de investigação, desenvolvida durante o estudo. Desse modo, organizamos o capítulo de forma que inicialmente, apresenta-se a ANT e seu papel nessa pesquisa, e em seguida, destacamos a relevância do seu uso no campo de pesquisas em formação de professores.

### **2.1 Bruno Latour e a construção de fatos científicos**

Diante da necessidade de desenvolver uma nova teoria social, a fim de investigar as relações existentes entre ciência, tecnologia e sociedade, Callon, Law e Latour (2012), desenvolveram na década de 1980 uma outra abordagem para investigar e explicar os fenômenos sociais, a Teoria Ator-Rede (ANT) (LATOURE, 2012). Esta teoria, instiga que o social é composto, por uma associação entre entidades, as quais se arregimentam, e por sua vez, visam produzir um determinado efeito na rede. No entanto, há um destaque para a ação dos objetos, os não-humanos na cena social, os quais também possuem poder de agência nesses momentos.

Bruno Latour, nasceu na França (Beaune, comuna francesa na região administrativa da Borgonha-Franco-Condado) em 1947, e se formou como filósofo na cidade de Dijon. Em 1973, ele prestou serviço militar na África, como encarregado de pesquisa, e inicia-se seus estudos antropológicos, influenciado pelo trabalho de Marc Augé, na Costa do Marfim. No período em que esteve nesse país, se interessou pelas ciências sociais e pela antropologia. Em busca de compreender os processos de produção do conhecimento científico, Latour muda-se para os Estados Unidos, em meados da década de 1970, para desenvolver uma etnografia, no laboratório

---

<sup>2</sup> Originalmente chamada de Actor-Network Theory (ANT) foi traduzida para o português como Teoria Ator-Rede (TAR), no entanto em nosso estudo optamos por usar a sigla original ANT, pois Latour faz uma analogia do pesquisador a uma formiga, que em inglês é ant, sendo este “um viajante cego, míope, viciado em trabalho, farejador e gregário” (Latour, 2012, p. 28)

de neuroendocrinologia do instituto Salk na Califórnia (HARMAN, 2009; QUEIROZ e MELO, 2008).

Durante os dois anos em que investigou este laboratório na Califórnia, Latour pôde concluir que um fato científico, constrói-se por meio de uma rede de associações<sup>3</sup>, entre pessoas e objetos, em torno da arregimentação de um grande número de aliados. O cientista, como qualquer outro ator social, para garantir que seus enunciados sejam aceitos, utiliza de estratégias persuasivas, pois para um fato científico considerado verdadeiro ou falso, não somente pelas suas qualidades internas relacionadas ao método científico adotado mas, inversamente, isto é, pelo processo social de convencimento que os levou a essa consideração (LATOURE, 2000).

Conforme postula Latour (2000), “a construção de um fato é um processo tão coletivo que uma pessoa sozinha só constrói sonhos, alegações e sentimentos, mas não fatos” (p. 70). Para tanto, compreendemos assim que, um fato científico só existe se for mantido por uma rede de atores. Contudo, o cientista nunca remete ao fato em si, mas à rede que o constitui como tal (MORAES, 2004). Sendo assim, o movimento da ciência pode ser entendido como construção de redes, as quais visam estender-se e estabilizar-se.

Percebendo a ciência como uma rede, constituída por processos de negociações entre os atores e actantes que a compõem, é necessário que se tenha, uma constante retroalimentação do interior dos laboratórios com o exterior. Porquanto, que quanto mais isolada é a ciência dentro dos laboratórios, maior é a distância que os cientistas terão que percorrer, lá fora, para despertar o interesse e convencer outras pessoas. Assim, ao conectar-se com o exterior e transformar-se em uma rede de atores, a ciência deixa de ser caracterizada por sua racionalidade e objetividade. Dessa forma, passa a considerar natureza e sociedade não como causas, mas como efeito. O laboratório passa a ser, portanto, um lugar onde natureza e sociedade são constantemente redistribuídos (FREIRE, 2006).

De acordo com os trabalhos de Latour (2004), o qual toma por base a antropologia das ciências, a qual vai ao encontro à duas esferas distintas – o sujeito e objeto e à relação de domínio – em que os homens detém sobre o mundo. Sendo assim, neste trabalho buscaremos desenvolver uma pesquisa com vistas a compreender como e quais objetos estão interagindo com os sujeitos e, como estes agem no mundo.

---

<sup>3</sup> O conceito de redes de associações será aprofundado mais adiante.

Portanto, ancorados pelos estudos latourianos, juntamente com as reflexões lançadas no capítulo anterior deste trabalho, desenvolveremos neste capítulo, uma perspectiva com a finalidade de compreendermos este fenômeno, bem como discorreremos sobre a reflexão na formação de professores, como um efeito em rede de associações, em que esta é mobilizada pelos licenciandos, no decorrer dos estágios curriculares supervisionados. Portanto, a reflexão será construída a partir desta interação entre sujeitos e objetos, assim como por aquilo que emerge nesta rede de associações durante as ações de associação e desassociação.

Nesta direção, delimitaremos-nos em debruçarmos sobre as ações mobilizadas pelos licenciandos em determinados momentos e estes, sendo interpretado como momentos de reflexivos. Ao contrário, não buscamos investigar as intenções de um professor reflexivo, mas as performances reflexivas, as quais podem ser notadas nas ações, coletivamente produzidas por licenciandos, professor-orientador, monitores e os objetos na composição de uma cena social. A performance, supracitada, trará a compreensão dos efeitos da participação de agentes humanos e não-humanos, os quais produzem um conjunto de efeitos momentâneos, isto é, estritamente vinculados a questões circunstanciais. Não obstante, faz-se importante enfatizarmos que, nos distanciaremos de uma perspectiva individualista e intrapsicológica, pois tomaremos a reflexão, como algo que aconteceria exclusivamente na mente dos indivíduos isolados do meio sóciomaterial.

Nos itens a seguir, apresentamos alguns elementos da Teoria Ator-Rede que nos ajudará a compor o nosso referencial teórico-conceitual e a melhor interpretar o fenômeno investigado.

## **2.2 Introdução à Teoria Ator-Rede**

A Teoria Ator-Rede (ANT), consiste, nas palavras de Latour (2004, p. 397), em “seguir as coisas através das redes em que elas se transportam, descrevê-las em seus enredos”, sendo então um estudo Ator-Rede, aquele que propõe a seguir os rastros de um, ou mais, ator(es) e seus vínculos. Desse modo, em nossa pesquisa, propomo-nos estudar no decorrer deste trabalho, os rastros que os actantes deixaram durante suas ações, para formarem associações ou vínculos uns com os outros na construção de redes. Nesse sentido, averiguamos os relatos dos estagiários as entidades (humanas e não-humanas) que são elencadas por eles nos momentos de reflexão, porém com uma atenção especial, àqueles que promovem alguma modificação expressiva no curso das

ações. Ao se construir uma rede um efeito, produz-se, algo emerge, ou seja, nós escolhemos entender quando aquilo que emergiu foi um momento de reflexão, por exemplo.

Segundo Queiroz e Melo (2007), Latour encontrou nas pesquisas de Gabriel Tarde, dois argumentos, os quais ancoram à ANT, “a divisão entre a natureza e a sociedade é irrelevante para entender o mundo das interações humanas” e o de que “a distinção entre macro e micro sufoca qualquer tentativa de entender como a sociedade está sendo gerada” (QUEIROZ E MELO, 2007, p. 265).

Ademais, a principal característica que difere a ANT de outras perspectivas sociológicas refere-se ao entendimento sobre as expressões “social” e “explicações sociais”. Nesse sentido, para enfatizar os princípios de sua teoria, Latour retoma o significado da própria palavra sociologia, remetendo ao entendimento do estudo daquilo que se associa, dado que as palavras “social” e “associações” têm a mesma origem na raiz latina *socius*. Assim, a sociologia passa a ser vista pela ANT, não mais como a “ciência do social”, mas como a “busca de associações”. Latour define então o social como não sendo “um domínio especial, uma esfera exclusiva ou objeto particular, mas apenas como um movimento peculiar de reassociação e reagregação” (p.25). Em seu entendimento, a ANT não pode ser classificada como uma teoria do social, do sujeito ou da natureza e sim uma *teoria das associações*. (LATOURE, 2004)

Curiosamente, o próprio Latour, critica a denominação Teoria Ator-Rede, admitindo que traz alguns problemas. Para ele, há quatro questões na ANT que precisam ser discutidas inicialmente: a palavra *teoria*, a palavra *ator*, a palavra *rede* e o *hífen* que liga o ator à rede.

A primeira questão é o entendimento da ANT como uma teoria. Para tanto, Latour, enfatiza que a ANT não é uma *teoria* para explicar do que é feito o social, ou que predetermine o comportamento dos atores, mas sim um modo de olhar e de aprender com os informantes sem submeter seus relatos às categorias do pesquisador. No entanto, para Moraes (2004) a Teoria Ator-Rede (ANT) não é uma teoria na qual se possa aplicar a algo como um quadro de referência, ou cujos princípios sejam dados de antemão, para a autora, a ANT é antes de tudo um caminho para seguir a construção de um fato. Essa definição vai ao encontro do pensamento de Tarde sobre a definição de sociedade, quando argumenta que todas as coisas podem ser sociedades, pois sociedade diz respeito a qualquer associação. Sendo assim, sociedades não são construídas exclusivamente por humanos; mas também associações entre células, átomos, sistemas solares,

etc., nessa perspectiva, podem ser considerados sociedades. Sendo assim, um dos princípios da Teoria Ator-Rede é o da simetria das ações dos humanos não humanos, denominados, de actantes.

Concomitantemente, a segunda questão versa sobre o conceito de ator. Porém, constitui-se interessante destacar que para Latour o termo não tem nenhuma relação da concepção tradicional de “ator social” da sociologia, pois, ator é tudo que age, que deixa traço, que produz efeito no mundo, podendo se referir a pessoas, animais, objetos, máquinas, etc. Ou seja, ator aqui não se refere apenas aos humanos, mas também aos não-humanos. Em consonância, Busch (2006) ao falar sobre Latour pontua que:

Posição comparável defendeu mais recentemente Bruno Latour, que pretende compreender precisamente sob o conceito da tradução a transferência entre homem e coisas. Partindo da convicção de que a separação moderna entre sujeito e objeto é tão artificial quanto insustentável, ele argumenta que um sujeito intocado pelos objetos nunca existiu; antes, ambos formam associações simétricas no nível da ação [...] o status de objetos passivos já não é mais apropriado para as coisas: elas traduzem ações e assim possuem um papel formativo em sua determinação. (BUSCH, 2006, p. 4)

Com o propósito de incorporar os não humanos, Latour traz da semiótica o termo *actante*, pois para ele retiraria o peso do “ator social” amplamente utilizado na sociologia e relegado estritamente para indivíduos humanos (MELO, 2006). Assim, em seus termos:

Ao invés de começar com entidades que já compõem o mundo, os estudos científicos enfatizam a natureza complexa e controvertida do que seja, para um ator, chegar à existência. O segredo é definir o ator com base naquilo que ele faz – seus desempenhos – no quadro dos testes de laboratório. Mais tarde, sua competência é deduzida e integrada a uma instituição. Uma vez que, em inglês, a palavra “actor” (ator) se limita a humanos, utilizamos muitas vezes “actant” (actante), termo tomado à semiótica para incluir não-humanos na definição. (LATOUR, 2011, p. 346)

O actante permeia-se por rastros deixados, por aquilo que ele faz e como é respondido por outros. Desse modo, o resultado desses processos de associações e dissociações é uma rede. Pois, o que não deixa um rastro não pode ser considerado um actante. Portanto, devemos considerar como actantes somente os componentes que causam algum efeito na rede, modificando-a ou sendo modificado por ela. Durante um estudo Ator-Rede, não temos como antecipar quem serão os atores que causarão algum efeito na rede.

Sendo assim, neste estudo, os actantes previstos e seguidos foram os sujeitos envolvidos na pesquisa (estagiários, supervisor do estágio, professor orientador, pesquisadores, funcionários e alunos das escolas/espacos citados nos relatos) e os objetos que participaram de seus relatos (caderno de campo, vídeos, imagens, ...), os rastros por eles deixados, permitiram-nos o

mapeamento através das anotações dos diários de campo dos pesquisadores, em unidade às gravações de áudio dos encontros.

Latour (2012), propõe que uma maneira de tornar visível os actantes que compõem uma determinada rede, se faz a partir das controvérsias. Segundo o autor supracitado, controvérsias são situações, nas quais há discordância entre actantes, por exemplo, quando uma ideia ou conceito que antes era aceito por uma comunidade, passa a ser questionado. Nesses momentos, observamos o tecido social se formar, torna-se um facilitador (LATOURE, 2012). Nesse sentido, Santos (2018) apresenta as possibilidades que observar uma controvérsia proporciona.

[...] quando os cientistas discordam de alguma questão, ou seja, quando uma controvérsia se instaura, observamos a exposição dos argumentos e dos aliados de cada uma das partes. Tal recurso torna evidente uma série de vínculos que serão esquecidos quando a ciência está pronta e uma verdade provisória é divulgada. (SANTOS, 2018, p. 27)

Contudo, a ANT não alega que os objetos fazem coisas no lugar dos atores humanos, diz apenas que, nenhuma ciência do social pode existir se a questão de o quê e quem participa da ação não for logo de início plenamente explorada. Por isso, Latour faz um adendo: para serem levados em conta, os objetos precisam ingressar nos relatos, porquanto, que quando não deixam traços, não fornecem nenhuma informação ao observador e não produzem efeito visível em outros agentes, permanecem em silêncio e deixam de ser atores: não são mais levados em conta.

Já a terceira questão, conceituada por *rede*, não se relaciona àquele ligado a cibernética. Visto que, enquanto a rede de internet realiza o transporte de informações, por longas distâncias sem sofrerem quaisquer deformações, na ANT esta noção de “rede remete a fluxos, circulações e alianças, nas quais os atores envolvidos interferem e sofrem interferências constantes” (FREIRE, 2006, p. 2010). De uma forma geral, podemos aproximar a noção de rede da ANT, à de rizoma, elaborada por Deleuze e Guattari (1995). Assim, diferentemente do modelo da árvore ou da raiz pivotante, as quais fixam um ponto único e profundo, uma ordem, pois, no rizoma qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro. Ademais, ainda de acordo com os autores, “uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza.” (DELEUZE e GUATTARI, 1995 p. 16). Portanto, na rede não há unidade, mas sim agenciamentos; não há pontos fixos e sim linhas; podendo então crescer em todos os lados e direções (LATOURE, 2012). Sendo assim, Latour enfatiza que, não devemos confundir uma rede como um objeto a ser descrito, pois a rede é também um ator:

Rede é conceito, não coisa. É uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito. [...] Do mesmo modo, a rede não é aquilo que está representado no texto, mas aquilo que prepara o texto para substituir os atores como mediadores. (LATOURE, 2012, p. 192)

Uma rede de atores não pode ser reduzida a um ator sozinho, mas sim construída por inúmeros elementos heterogêneos, humanos ou não humanos, agenciados. Ela é simultaneamente um ator, cuja atividade consiste em fazer alianças com novos elementos, e uma rede capaz de redefinir e transformar seus componentes (MORAES, 2004). Além do mais, para Latour melhor que rede, do inglês *network*, seria entender a rede na ANT como *work + net*, ou seja, ligada ao trabalho das coisas para ligar-se, ao movimento, e não uma ideia estabilizada, de uma rede, pronta, fixa e acabada.

Por fim, no que tange a utilização do hífen, Latour discorre que entre os termos ator e rede, caracteriza os fluxos de translações, a circulação entre o micro e o macro, mostrando o ator e a rede como duas faces de um mesmo fenômeno.

Dessa forma, seguindo a perspectiva do autor, buscamos desenvolver nossa pesquisa seguindo os rastros que emergem das ações dos actantes (humanos e não-humanos) durante as reuniões de orientação do estágio curricular supervisionado, em um curso de formação inicial de professores de Ciências e Biologia. Com o escopo em compreender, quais foram os actantes que participaram da formação da rede bem como os vínculos e associações formados por eles. Dessa forma, averiguamos como a associação entre os actantes, permitiram a emersão de reflexões. Para tanto, os actantes, foram mapeados a partir das falas dos participantes em disciplina acadêmica, nestas interações discursivas fomos identificando sobre quem e o quê os participantes falavam e quais os efeitos desses agenciamentos nas interações produzidas na disciplina, em especial, na configuração dos momentos de reflexão.

### **2.3 As cinco incertezas de um pesquisador Ator-Rede**

Latour vem demonstrando com sua teoria que, fazer ciência não é considerar um mundo feito de coisas independentes entre si e do homem, mas que esta, por sua vez se cria um coletivo com interações entre humanos e não-humanos. Portanto, o que buscamos em um estudo ANT, é seguir os movimentos realizados pelos actantes durante suas ações, (re)descobrimo as associações, considerando que, a cada nova circunstância novos vínculos formam-se e, as associações mudam.

Na perspectiva da Sociologia das Associações, acredita-se que estamos sendo guiados por um caminho mais ou menos incerto, sem actantes ou categorias já pré-estabelecidos. Assim, para nos ajudar nesta tarefa de seguir os traços deixados pelos actantes, Latour (2012) elaborou uma lista com cinco fontes de incertezas, as quais podem representar uma linha de investigação ator-rede.

A primeira regra metodológica, consiste em afirmar que “não há grupos, apenas formação de grupos” (LATOURE, 2012, p. 49), uma vez que, tal perspectiva afirma que um grupo é constituído por laços incertos e mutáveis de associações entre elementos heterogêneos. O que buscamos são as associações formadas, ou que estão se formando em um grupo, assim, só podemos identificar um grupo após mapearmos as associações. Logo, não estabelecemos um grupo a priori. Desta forma, baseando-nos nessa primeira incerteza, propusemo-nos a seguir os actantes, os quais se associaram enquanto grupos em nossas análises, com a finalidade de averiguar, o que fizeram estes para que possibilitassem, os processos de construção da reflexão dentro da disciplina de estágio emergissem.

A segunda fonte de incerteza que o autor apresenta, refere-se à agência dos actantes na rede, e a heterogeneidade dos atores que formam os laços sociais. Desse modo, Latour mostra-nos neste ponto que, o ator não é a fonte da ação, ele torna-se um ator porque, um conjunto de entidades contrapõe-se, fazendo-o agir. Ainda de acordo com o autor supracitado, o ator “não é a fonte de um ato e sim um alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção”. (LATOURE, 2012, p. 75). Assim, por meio dos estudos latourianos, buscamos compreender como a reflexão acontece de modo coletivo, dentro de uma rede composta por diferentes atores heterogêneos que formam laços entre si.

Para Latour, um vínculo social é formado por associações entre entidades heterogêneas (humanas e não-humanas), por isso a terceira fonte de incerteza nos fala especificamente da agência dos actantes não humanos na rede, retomando ao já exposto anteriormente neste texto, a ideia de que “os objetos também agem” (2012, p. 97). Em suma, é importante destacar que para Latour, os objetos não fazem coisas no lugar dos humanos, mas sim agem como mediadores e/ou intermediários nas ações dos sujeitos, sendo os intermediários dos atores, os quais participam da rede, transpõe informações sem modificá-las enquanto, os mediadores, os que agem transformam, traduzem, distorcem e modificam os significados ou os elementos que supostamente veiculam. Nesse sentido, nossa pesquisa tende-se pelos mediadores/ actantes, uma vez que, foram esses quem imprimiram rastros que tiveram efeitos na cena social observada. Sendo assim, acompanhamos os

actantes humanos e não-humanos envolvidos no processo de reflexão por meio das ações destes, e deixaram traços produzindo algum efeito na rede.

A quarta fonte de incerteza, nos traz o embate entre o que Latour discorre como *questão de fato* versus *questão de interesse*. Para a ANT, descrever um procedimento na perspectiva de uma sociologia das associações, não é considerar o que aconteceu uma causalidade esperada, mas sim uma mediação entre entidades. Desse modo, Venturini (2010) considera as controvérsias<sup>4</sup> questões de interesse, pois são discussões que ainda não se encerraram e quando estas questões se estabilizam, tornam-se questões de fato, nas quais, não conseguimos mais enxergar as conexões de suas associações. Por isso, atentamos nesta pesquisa para as questões de interesse, aquelas que demandaram discussões entre os estagiários como os aspectos variados encontrados em suas atuações nas escolas. Desse modo, entendemos que estes momentos foram estratégicos na busca por reflexões, uma vez que, ao notarmos que algo não estava bem resolvido entre os professores em formação, refletíamos a respeito de diferentes possibilidades, havendo a emersão, bem como opiniões, dúvidas, questionamentos, esclarecimentos e, até mesmo, reflexões.

Em suma, estas questões de interesse podem ser materializadas na forma de relatos, denominada a quinta fonte de incerteza: “escrever relatos de risco” (LATOURE, 2012, p. 179). Assim, Latour, define um bom relato como aquele que tece uma rede, no qual todos os atores têm agência e não ficam apenas observando, o que torna o próprio texto um mediador, o qual “permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações” (2012, p. 189). Neste sentido, propusemo-nos a transformar nossos relatos, durante a pesquisa, em um mediador do nosso estudo, a partir do qual permitiu-nos descrever de forma minuciosa as ações dos principais actantes, envolvidos no processo de construção de reflexão na formação de professores de Ciências e Biologia.

## 2.4 A teoria Ator-Rede e a pesquisa em educação

A teoria Ator-Rede, mostra-nos que as ações dos actantes, vão emergindo na realidade estudada por meio das mediações entre os atores que “fazem-fazer”<sup>5</sup>, criando um olhar mais

---

<sup>4</sup> Controvérsia “são situações sobre as quais os actantes discordam” (VENTURINI, 2010, p.261)

<sup>5</sup> “Humanos comunicam. E as coisas também. E nos comunicamos com as coisas e elas nos fazem fazer coisas, queiramos ou não. E fazemos as coisas fazerem coisas para nós e para outras coisas. É assim desde o surgimento do humano no planeta.” (LEMOS, 2013, p. 19). Assim o autor começa sua obra *A comunicação das coisas* na qual ele

simétrico entre sujeitos e objetos. Deste modo, no estudo sobre questões educacionais, compreendemos que, a ANT pode ajudar-nos a pensar nas diversas entidades e suas complexas relações envolvidas na construção do conhecimento escolar e acadêmico de professores em formação.

Para tanto, Fenwick e Edwards (2010), versam sobre a importância e a diferença que os objetos produzem dentro do contexto escolar:

Giz e livros didáticos, testes e bancos de dados, carteiras de estudante, equipamentos de playground, mesas, boletins...: a educação poderia ser descrita como um conjunto de coisas materiais ou artefatos que estão continuamente distribuídos, geridos e empregados. Os centros pedagógicos são constantemente mediados por coisas materiais. Encontros pedagógicos mudam radicalmente quando as coisas mudam, por exemplo, quando uma apresentação é feita em *PowerPoint* e não por livro didático, ou em uma viagem de campo, ou quando mesas e cadeiras são retiradas para atividades de aprendizagem para explorar a democracia ou os relacionamentos. (FENWICK e EDWARDS, 2010. Pág. 5).

Portanto, com as possibilidades que a Teoria Ator-Rede proporciona, esta por sua vez, apresenta-se como uma ferramenta teórico-metodológica em pesquisas no campo da Educação em Ciências, proporcionando a compreensão da produção científica (DELGADO, 2017; COUTINHO, MATOS, SILVA, 2014).

Dessa maneira, a pesquisa realizada por Allain (2015), por exemplo, identificou através de relatos dos licenciandos actantes, os quais promoviam desvios e associações quanto à identidade docente. Dessa forma, a autora seguiu os rastros dos actantes, em uma controvérsia comum em cursos de formação de professores: *mesmo sendo um curso de licenciatura, a docência não é a primeira opção de carreira da maioria dos estudantes, que muitas vezes são desmotivados dentro dos próprios cursos*. Entretanto, Allain (2015), mapeou atores que contribuíram de forma positiva, na construção das identidades docentes dos licenciandos, assim como aqueles que agregaram de forma negativa nesse processo. Em suas observações, a autora supracitada averiguou que, os maiores desvios em relação à construção de uma identidade docente aconteciam durante sua formação inicial.

Em consonância, Coutinho e colaboradores (2016,) realizaram um estudo no qual identificaram os actantes, suas ações e associações, descritos no livro “O Alienista” de Machado de Assis. O livro apresenta os bastidores da ciência, as negociações e associações que precisam acontecer para que a ciência seja produzida. O uso desse livro, deteve-se em demonstrar como ele

---

demonstra como muitas coisas agem como mediadores provocando mudanças no nosso comportamento e, tendo um poder prescritivo, nos fazendo fazer coisas em um futuro.

pode agir como um actante, mediando a compreensão de como a ciência é produzida e como ela pode produzir realidades no mundo, mas também, como pode ser usada como um instrumento de poder e alienação.

Nota-se que a ANT, acresce importantes elementos na construção de um outro quadro teórico-metodológico para a pesquisa em educação. Quer seja, ao considerar humanos e não humanos em uma ontologia simétrica, assim como, com o foco nas ações e não nos sujeitos/objetos e na atenção para a construção das redes, permiti-nos considerarmos que, tais elementos nos permitem compreender diferentes aspectos envolvidos na construção do conhecimento escolar e acadêmico e nos processo ensino-aprendizagem. Sendo assim, a ANT posiciona-se em nosso trabalho como uma fonte de orientação teórico-conceitual e metodológica, em que nos permite a compreensão da realidade a partir do aparato proposto por Latour e colaboradores, traduzido em conceitos como actante, rede, controvérsia, sociologia das associações, entre outros. Concomitantemente, faz-se como nossa lógica de investigação, metodologia, porquanto aponta-nos para um modo de fazer pesquisa, no qual lançamos de observações aos rastros e efeitos, seja para os humanos e não-humanos, por meio de entradas analíticas como as destacadas nas cinco fontes de incertezas, descritas anteriormente. Em suma, no capítulo a seguir, apresentaremos como a ANT conduzira os caminhos metodológicos em nossa investigação.

### **CAPÍTULO III - Orientações Teórico-Methodológicas**

Investigamos os processos de reflexão sobre a prática na formação de licenciandos do curso de Ciências Biológicas durante as reuniões de orientação do estágio curricular supervisionado. Nesses momentos de socialização, discussões e orientações sobre a prática profissional buscamos identificar oportunidades para reflexões. Uma vez que, compreende-se que este é um ambiente formativo, atentamo-nos para observações de elementos constituintes desse processo na construção da reflexão. Lançamos assim, os seguintes questionamentos: Quando ocorre reflexão, ou oportunidades para reflexão, na formação de professores de Ciências e Biologia? Como se dá o processo do aprender a refletir? Quem e o quê os licenciandos elencam em seus relatos de experiências sobre os estágios nas escolas? Qual o papel desses atores nos processos de reflexão sobre a prática profissional? Qual a importância do grupo (prof. orientador, pesquisadores-monitores e colegas) na construção dessas reflexões? O quê emerge nesses processos de reflexão e, o que nos permite dizer sobre conhecimento docente? E, por último, quais as possíveis mudanças que ocorrem em suas concepções após esses movimentos de reflexão?

Com estas e outras questões, nos balizamos por elementos da metodologia de pesquisa qualitativa em educação (BOGDAN, BIKLEN, 1982) e em orientações teórico-metodológicas da Teoria Ator-Rede (ANT) de Bruno Latour e colaboradores para a presente investigação.

Sendo assim, este capítulo encontra-se organizado em três seções. Na primeira, discorreremos sobre alguns aspectos da pesquisa qualitativa em educação e da observação participante. Na segunda, descrevemos o contexto no qual a pesquisa desenvolveu-se: a sala de encontros do estágio e os atores (e actantes) que participaram do estudo. Por fim, apresentaremos como ocorreu o processo de recolha dos dados e os instrumentos de pesquisa.

#### **3.1 Pesquisas qualitativas em educação**

A metodologia de pesquisa proposta para este trabalho segue uma abordagem de caráter qualitativo de pesquisa a qual segundo Bogdan e Biklen (1982) consiste em ter como fonte de dados o ambiente natural em que se situam os sujeitos participantes da pesquisa. Assim, o pesquisador atua como instrumento principal, para isso sendo necessário um contato direto e prolongado com o objeto de estudo.

Nesse sentido, esta pesquisa se faz de cunho qualitativo, uma vez que, o fenômeno investigado, desdobra sobre as experiências compartilhadas entre os licenciandos, os quais faziam o estágio curricular supervisionado. Dessa maneira, estudarmos as reflexões destes futuros docentes, enquanto estagiários, faz-se o foco principal deste trabalho.

Portanto, esta é uma pesquisa que se constitui da relação direta do pesquisador no campo de pesquisa com seus sujeitos investigados. Lüdke e André (1986) destacam que ao se desenvolver um trabalho que terá a observação como uma ação do pesquisador é necessário, em primeiro momento, planejar com antecedência delimitando o objeto de estudo pensando “o que” e “o como” vou observar. Demonstrando assim, a necessidade de um planejamento cuidadoso e sistemática. As mesmas autoras ainda destacam a possibilidade da observação que,

permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos” [...]. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 26)

Em consonância, Buford Junker (1971) pontua a importância de o observador deixar claro o seu papel e objetivos no estudo, apresentando quatro pontos em relação ao papel do observador dentro da pesquisa:

- I) *Participante total*: nessa perspectiva, o observador busca inserir-se no grupo como um membro, não revelando seus propósitos e objetivos do estudo;
- II) *Participante como observador*: com a intenção de não provocar alterações no comportamento do grupo, o observador oculta partes dos objetivos da pesquisa;
- III) *Observador como participante*: assumindo essa posição o observador dispõe de todas as informações sobre a pesquisa, ao grupo, e esse é quem decide o que poderá ou não se tornar público;
- IV) *Observador total*: é aquela na qual o observador não interage diretamente com o grupo, ocultando sua presença ou não estabelecendo relações.

Dessa forma, nesta pesquisas, a perspectiva a qual adotamos faz-se por tomarmos o papel de observador - *observador como participante* - na qual apresentamo-nos inicialmente e expomos os objetivos da pesquisa, deixando a critério dos participantes escolherem livremente os níveis de sua participação e as informações que poderiam ser tornadas públicas como destacados nos termos

da TCLE<sup>6</sup>. Além disso, também orientamo-nos pela perspectiva dos estudos, os quais utilizavam *ferramentas etnográficas*<sup>7</sup>. Ou seja, esta pesquisa cujo papel encontra-se aliado pela observação participante e a descrição das atividades, farão com que compreendamos, o fenômeno investigado, as experiências compartilhadas entre licenciandos, bem como suas atividades nas escolas, sem, contudo, sermos “guiados por teorias culturais ou questões sobre a vida social dos membros do grupo.” (GREEN, BLOOME, 1997, p.93). Elementos estes que são próprios de estudos etnográficos ou de perspectivas etnográficas.

### **3.2 O contexto de pesquisa - A Unidade Curricular (UC) Estágio Curricular Supervisionado no curso investigado.**

Assim como uma formiga farejando os rastros de suas companheiras, eu me vi míope tentando rastrear um ambiente, no qual meu estudo pudesse ser desenvolvido. Como já fora relatado anteriormente, durante o desenvolvimento do projeto de pesquisa, detinha o escopo inicial em acompanhar as atividades desenvolvidas no PIBID e como estas, atuavam na prática reflexiva de seus participantes. Pelas dificuldades e incertezas que o projeto vinha enfrentando e em acordo com o orientador elaboramos um projeto piloto<sup>8</sup> com vistas a acompanhar, as turmas do estágio curricular supervisionado no curso de Ciências Biológicas. Durante o segundo semestre de 2018, observamos o andamento das atividades, pelas quais propusemos, porém não obtivemos dados suficientes. Uma vez que, a disciplina vinha passando por mudanças dentro da matriz curricular do curso. No semestre em questão, devido à dificuldade nos horários dos alunos, foi proposto que as reuniões fossem realizadas em dois horários durante a semana para que os estagiários tivessem maior flexibilidade para participar, e não coincidissem com o horário de outras disciplinas. No entanto, esta decisão ocasionou em um esvaziamento das turmas, assim apenas cerca de cinco/seis estagiários de um total de 25 participavam dos encontros, muitas vezes representados pelos mesmos licenciandos. Uma parcela significativa desses, comparecia apenas para as orientações mais de

---

<sup>6</sup> Termo de Consentimento Livre Esclarecido se encontra em apêndice 1.

<sup>7</sup> Segundo Green e Bloome (1997) existem na literatura três expressões de como a etnografia orienta as pesquisas: a *pesquisa etnográfica* propriamente dita, na qual o estudo se desenvolve de forma profunda e a longo prazo sobre um grupo social ou cultural; as pesquisas que adotam uma *perspectiva etnográfica*, nas quais são estudados aspectos particulares de um grupo; e, as que utilizam de *ferramentas etnográficas*, as quais alguns instrumentos da etnografia são utilizados associados ao trabalho de campo, mas não necessariamente ligados ao contexto social ou cultural do grupo estudado.

<sup>8</sup> O esboço das atividades planejadas se encontra em apêndice 2.

ordem burocráticas e legais (sobre as documentações legais e sobre o curso) os demais nem se fizeram presentes. Com esta experiência, a disciplina fora reorganizada no semestre seguinte, para que os estagiários tivessem que cumprir com a presença mínima.

Os estágios curriculares supervisionados integram parte do Projeto Político Pedagógico dos cursos de licenciatura e se fundamentam na Resolução CNE/CP nº 02, de 01 de julho de 2015. Assim, é estabelecido que estes cursos deverão ter no mínimo 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico, sendo que destas 400 horas, sejam dedicadas ao estágio curricular supervisionado, na área de formação e atuação na educação básica (BRASIL, 2015).

No curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UFSJ, as orientações para os estágios estão compreendidas no Projeto Político Pedagógico do curso, enquanto que as demais recomendações de cunho específicos encontra-se na Instrução Normativa 12/2015 do Curso de Ciências Biológica. Esta, por sua vez, traz elementos relacionados a estrutura e organização, a concepção didático-pedagógica e a questões legais sobre esta unidade curricular (COBIO, 2015). Nesse sentido, o estágio é, portanto, composto de 405 horas e dividido em quatro etapas: *Etapa I - Observação e estudo de espaços não-formais de ensino* - que consiste em reconhecer outros espaços que, possuam uma dimensão educativa além das instituições escolares nas suas relações com o ensino de Ciências/Biologia. *Etapa II - Observação e estudo de uma escola* - no qual o estagiário deverá conhecer os espaços físicos e o corpo de discentes, docentes e demais funcionários da escola. Explorando assim, desde a arquitetura e os significados percebidos, bem como o projeto político pedagógico e conhecendo os membros da comunidade escolar. *Etapa III - Observação e acompanhamento de um docente* - essa etapa, consiste em observações das atividades de um docente, dentro e fora da sala de aula, em reuniões, planejamento de aula, preenchimento de relatórios e diários de classe; conhecendo o ambiente das salas e os alunos de uma classe específica e acompanhando o professor-tutor no desenvolvimento de pequenas tarefas como correções de provas e atividades. *Etapa IV - Regência* - a última etapa, consiste em planejar e desenvolver uma unidade do conteúdo de Ciências/Biologia com uma reflexão sobre essa experiência.<sup>9</sup>

É interessante ressaltar que, as etapas do estágio, não necessitam de serem cursadas na ordem apresentada, podendo ocorrer na ordem em que os licenciandos preferirem e, até mesmo,

---

<sup>9</sup> As informações sobre os objetivos de cada etapa foram retiradas das cartas de apresentação que os estagiários utilizam em seu primeiro contato com a escola. As cartas são elaboradas pelos supervisores de estágio e encontram-se em anexo 1.

com mais de uma etapa concomitantemente. Embora, a exceção, seja exclusivamente para a última etapa, a regência, a qual, necessariamente deve ficar para a última etapa. Dessa forma, durante o acompanhamento, observamos estagiários de diversos períodos do curso e, averiguamos que muitos, fizeram mais de uma etapa, concomitantemente. Ademais, a carga horária de cada etapa, era dividida entre as atividades nas escolas/espacos, planejamento das atividades, pesquisas e os encontros na disciplina acordado entre supervisor e estagiários, sendo contabilizado no total 400 horas.

Esta observação, realizada no período de agosto a dezembro de 2018 na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Ensino de Ciências e Biologia. Desse modo, acompanhamos neste período, duas turmas com doze estagiários presentes, os encontros eram semanais e aconteciam nas segundas-feiras das 18:00 às 20:50 aproximadamente<sup>10</sup>. Os licenciandos, participantes das reuniões, foram divididos entre turma A e B da disciplina de estágio, totalizando 24 alunos.

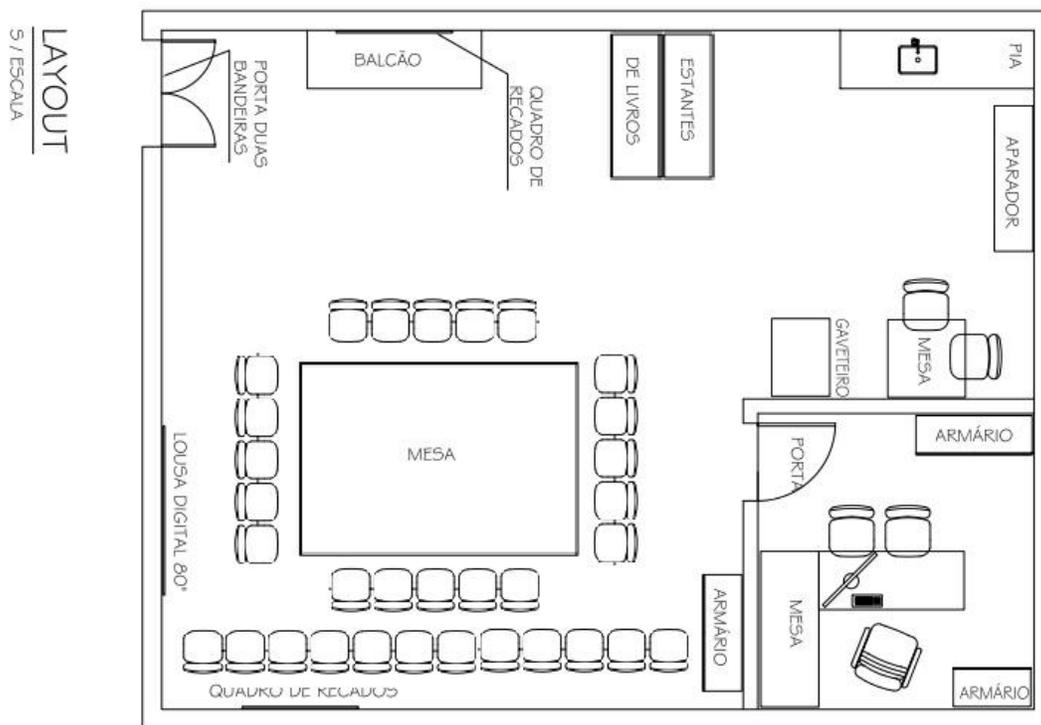
As reuniões de orientação e supervisão dos estágios, foram realizadas no Laboratório de Educação em Ciências<sup>11</sup>. Neste local, são desenvolvidas atividades relacionadas ao campo do Ensino de Ciências e Biologia. Anteriormente, era frequentado, pelos coordenadores do espaço, participantes do PIBID-Biologia, estagiários e orientandos de iniciação científica e de mestrado de dois professores que lecionam disciplinas em um curso de Mestrado em Educação e no curso de Ciências Biológicas. Além disso, o espaço também é adotado para estudos individuais e em grupo por seus participantes.

Não poderíamos deixar de descrever o espaço físico e seus componentes, uma vez que, em um estudo Ator-Rede, discorre que, os atores da pesquisa não são somente os sujeitos (humanos), mas sim todos os atores (humanos e não-humanos) que participam das ações que formam a rede. Sendo assim, apresentamos abaixo, um croqui da disposição dos móveis e instrumentos.

---

<sup>10</sup> O tempo de duração das reuniões pode ter tido algumas variações devido a presença de um número menor de estagiários em alguns dias além de que nos primeiros encontros os estagiários apresentavam poucas (ou nenhuma) experiências nas escolas, o que dificultava o andamento de discussões mais aprofundadas.

<sup>11</sup> Este nome fora adotado em substituição ao nome original visando preservar o anonimato dos participantes. A sua escolha se deu pelo conjunto de atividades desenvolvidas nesse espaço.



**Figura 2:** Croqui representando o laboratório (LEBio) onde foram realizadas as observações.

Com formato retangular, a mesa de reuniões se dispunha no canto esquerdo inferior, sendo as cadeiras dispostas a seu redor e sem demarcação de lugar<sup>12</sup>. Próximo à mesa encontra-se uma lousa digital, utilizada durante as reuniões, principalmente para apresentação e explicação de documentos a serem preenchidos pelos estagiários. Os quadros de recados, estavam sempre com as agendas de atividades e eventos próximos. O laboratório, conta com estantes de livros que podem ser utilizados pelas pessoas que o frequentam. No canto superior direito da Figura 2, representamos a pequena copa que era muito utilizada na preparação do café para as reuniões<sup>13</sup>. A sala individual (canto direito inferior) era utilizada especialmente pelos orientandos em suas pesquisas e estudos individuais, conta com um computador de mesa e *notebook* que auxiliam nas atividades. Dessa forma, destacamos alguns dos actantes presentes no laboratório, os quais, durante

<sup>12</sup> É possível que havia relações entre esta configuração do mobiliário e o diálogo mais dinâmico entre os participantes. Isso será mais explorado no capítulo com as análises das interações.

<sup>13</sup> O café era um momento especial nas reuniões e era utilizado como uma estratégia para estimular proporcionar um ambiente mais agradável para os estudantes. Sobre essa estratégia iremos abordar mais detalhes adiante.

nossas análises, observaremos se contribuíram (e como contribuíram) para/no relatos dos licenciandos, sobre suas experiências conduzidas nos tempos de estágio.

### 3.3 A observação e coleta de dados

No primeiro encontro, apresentamos a proposta da pesquisa aos estagiários, bem como seus objetivos e como seria a metodologia a ser desenvolvida. Nesse momento, falamos sobre a importância das pesquisas na área da educação e, em especial, àquelas as quais se desenvolvem sobre a formação inicial de professores.

Em seguida, fizemos a apresentação da pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Onde, foi feita sua leitura de forma gradual e pausada, explicando cada um dos itens e, estes esclareciam as dúvidas dos participantes. Ademais, destacamos a supressão dos nomes de todos os participantes, garantindo seus anonimatos, bem como o dos espaços nos quais os estágios estavam sendo desenvolvidos e das pessoas mencionadas durante seus relatos<sup>14</sup>. Não obstante, enfatizamos também, os quatro níveis possíveis de participação em que eles poderiam optar e ser alterados em quaisquer momentos durante o desenvolvimento da pesquisa. Os níveis foram: nível I: permitir que os pesquisadores guardem cópias de algumas atividades que você fizer nas aulas para estudá-las depois; nível II: permitir que os pesquisadores observem as aulas; nível III: permitir que os pesquisadores gravem em áudio, as atividades realizadas nas aulas; nível IV: permitir que os pesquisadores filmem as atividades realizadas nas aulas. Após, esclarecidas as dúvidas, destinou-se um tempo para que pudessem assinar. Todo esse processo, conduzido com os licenciandos, realizou-se sem a presença do professor responsável pela disciplina, de modo que a decisão de participar, ou não da pesquisa não ocasionasse em quaisquer prejuízos aos estagiários.

As reuniões de estágio, seguiram uma linha de desenvolvimento similar em todos os encontros, os primeiros minutos (aproximadamente entre 10 e 15), eram reservados para as dúvidas referentes à parte burocrática. Isto é, ao esclarecimento dos documentos, os quais orientavam e regulavam aos estagiários, ao preenchimento de formulário/relatórios e documentos necessários. O restante do tempo, destinava-se aos relatos dos estagiários sobre suas experiências semanais nas escolas e/ou espaços de formação. Durante as reuniões, o professor orientador do estágio,

---

<sup>14</sup> Os pseudônimos utilizados nesse trabalho foram retirados do livro *Os dez experimentos mais belos da ciência* de George Johnson que tem um significado sentimental para a pesquisadora, pois teve forte influência em sua escolha de graduação pela área das Ciências Naturais durante o Ensino Médio.

desenvolvia uma estratégia para “fazer falar”, que consiste em estimular os estagiários, por meio de questões (principalmente de esclarecimento, mas também sobre o que eles pensaram sobre o que acabaram de falar), a relatarem o máximo de informações possível. Assim, nós como monitores da disciplina, também fomos incentivados a utilizar disso, de modo que, os relatos dos estagiários pudessem ser bem esclarecidos e compartilhados com o grupo. Em completude, alguns cuidados também foram tomados com a intenção de ampliar as possibilidades de fala dos sujeitos, como não interromper suas falas, não discordar em um primeiro momento, não responder de imediato algumas questões e estimular a construção de possibilidades ao depararem a situações inesperadas. Desse modo, o professor-orientador, intervivia apenas quando necessário, apenas para mostrar uma posição, do que deveria ser feito em determinadas situações mais delicadas<sup>15</sup>.

Além disso, outra estratégia utilizada na busca por orientação e agradabilidade, a qual trouxesse prazer e vontade de participar pelos estagiários, constituiu-se pela preparação de um cafezinho (biscoitos, bolachas, petiscos, balas e claro, o café) para as reuniões. Aliado a isso, também observamos a própria disposição do mobiliário, a mesa central com o professor, os pesquisadores e o estagiários sentados em volta, sem lugar definido e com todos se olhando de frente. Consideramos que, tais elementos, contribuíram em melhores e mais detalhados relatos de suas experiências.

Para a coleta de dados, fizemos o uso de anotações em diário de campo. Assim, como as reuniões foram registradas em um gravador de áudio, o qual mantinha-se centralizado na mesa de reuniões. Ademais, o professor orientador do estágio, também solicitou aos licenciandos que, fizessem o uso de diários de campo para os estágios. A partir desta orientação, observamos que, na maioria das vezes, os licenciandos, orientavam-se por seus relatos, a partir do que eles haviam escrito em seus diários de campo. No entanto, apesar de não termos tido acesso a esse material<sup>16</sup>, fizemos observações de quando eles utilizavam esse instrumento, e por vezes em seus diálogos notamos em suas falas, até mesmo quando os estagiários recorriam às anotações.

### **3.4 O grupo de pesquisadores e as reuniões *pré* e *pós* encontro de supervisão dos estágios curriculares supervisionados**

---

<sup>15</sup> Essas informações foram adquiridas nos encontros pré e pós as reuniões dos estágios quando encontrávamos o grupo do professor, a pesquisadora e o monitor da pesquisa que também atuou como co-pesquisador. Esses encontros serão mais bem detalhados no item a seguir.

<sup>16</sup> Para acesso ao diário de campo dos estagiários eles deveriam permitir em seus TCLEs.

O professor-formador, o qual orienta as reuniões de estágio supervisionado é licenciado em Ciências Biológicas, Mestre e Doutor em Educação. É professor adjunto da universidade onde esta pesquisa desenvolveu-se e, nesse curso, além dos Estágios Curriculares Supervisionados também leciona em outras disciplinas do campo de Ensino de Ciências e Biologia no curso. Não obstante, orienta um grupo de pesquisa que, realiza estudos na área de formação de professores de Ciências e Biologia e Educação Científica e, ainda participa como professor e orientador em um Programa de Mestrado em Educação.

Durante a realização das observações, também tivemos a participação como monitor da disciplina e pesquisador-participante, um licenciando do curso de Ciências Biológicas que desenvolvia seu projeto de Iniciação Científica, nesta mesma turma. Assim, este projeto, foi elaborado pela pesquisadora desse estudo, a qual se orientava em sintonia com o projeto piloto desta pesquisa, já mencionado anteriormente. A participação do co-pesquisador, fez-se de suma importância para a realização dessa pesquisa, colaborando nas mediações das reuniões e na construção dos momentos de reflexões dos estagiários.

Como as reuniões da primeira turma começavam às 19h, alguns minutos antes do encontro de supervisão dos estágios, o grupo de pesquisadores formado por mim, pelo pesquisador de IC e pelo professor-orientador da pesquisa, reunia-se para discutir e pensar sobre o que havíamos observado no encontro passado e como aquilo poderia ter relações com a pesquisa. Nesse momento, retomávamos os pontos destacados na última reunião, agregando possíveis orientações sobre qualquer dúvida que, não tenha sido esclarecida no encontro anterior. Ademais, formulávamos possíveis questões, cujas poderiam ser desenvolvidas na reunião e, desta maneira o professor orientava os monitores sobre, como tentar desenvolver ao máximo as questões que surgissem. Do mesmo modo, logo após a finalização dos encontros, sem a presença dos licenciandos, também ressaltávamos tudo aquilo que observávamos nas relações com os objetivos da pesquisa. Estas, anotações eram feitas sobre tudo que constatávamos e, concomitantemente destacávamos possibilidades de aprofundamentos, nos demais encontros posteriores.

### **3.5 O diário de campo da pesquisadora.**

A própria pesquisadora, também se utilizou do diário de campo, para fazer anotações durante os momentos de coleta de dados nas reuniões de supervisão de estágio. Na imagem abaixo



destacava o uso do diário como instrumento de auxílio para o relato e em 5 a marcação de momentos que despertavam algum tipo de reflexão.

Vejamos que, o diário era escrito em formato de guia, o qual buscava ressaltar os principais aspectos, a serem priorizados, principalmente aqueles cujos emergiam alguma controvérsia ou quando alguns temas específicos geravam maiores discussões, entre os participantes. Ademais, a marcação do tempo (4), fazia-se de grande auxílio, uma vez que facilitava o registro dos momentos de discussões, de forma que, agilizava procura futuras através das gravações. No entanto, as anotações foram revistas juntamente com as gravações e descrições detalhadas de cada dia, a qual eram produzidas<sup>17</sup>, aliás, destacamos a seguir, os aspectos importantes e, que indicavam possíveis eventos a serem analisados, como apresentado na figura IV.

#### **RESUMO: AULA 02 (12/03/2018)**

##### **Turma B:**

A segunda turma começou com Lisa continuando a pensar sobre a proposta do seu estágio. Como ela queria inicialmente observar um evento que a universidade oferecia para conversar com a comunidade, O professor lhe propôs que ao invés de um grupo ela olhasse eventos variados para observar como vem sendo essa relação da universidade com a comunidade, como são divulgados, quais são os horários que normalmente acontecem (são acessíveis ao público destinado?).

A segunda turma é formada pelas etapas 2, 3 e 4, os estagiários estão no momento de buscarem e escolherem suas escolas, surge então diversas dúvidas quanto aos documentos necessários e a maneira correta de se preencher. Um bom tempo dessa aula foi destinado então a discussão sobre a burocracia dos estágios. Após essa discussão a aula retoma com as observações semanais que os estagiários trouxeram.

Um ponto interessante dessa aula é que no relato de Barbara ela fala sobre como a diretora parecia receosa em receber estagiários, sem entrar em detalhes ela disse que já havia tido problemas e isso fez com que a escola se resguardasse. Isso trouxe novamente a discussão que havia acontecido com a primeira turma sobre a importância do compromisso que os estagiários devem assumir quando entram nesses ambientes e que em situações como essa, locais onde já aconteceu alguma coisa, o cuidado deve ser dobrado.

Surge o questionamento sobre quais os principais pontos a serem observados nas escolas o professor deixa claro que não quer limitar as observações, que eles devem adentrar no ambiente e ver como algumas coisas podem influenciar, mesmo que indiretamente, no meio. O que chamar a atenção; quadro de avisos; organização do espaço físico, ...

Galileu fala sobre como a arquitetura remete ao período histórico que a escola foi construída, a disposição dos ambientes dentro da escola, que isso é algo interessante de ser observado. Surge uma discussão entre a turma sobre o espaço e como ele é “pensado”. Galileu continua falando sobre como não se pensa nas necessidades ao se projetar as escolas, janelas abafadas, aí precisa colocar ventilador (que faz barulho e incomoda), o professor fala sobre salas mal iluminadas. Eu falo pela questão de como ter que dar aulas com a porta aberta me incomoda.

A arquitetura e observação do espaço físico tem muitas questões a serem discutidas.

Ao ser convidado a falar James diz ainda estar procurando, mas que está em contato com um professor que gostaria de acompanhar, que trabalha em duas escolas e ficou de acompanhá-lo. O professor disse que isso facilita.

Questionados pelo professor sobre suas expectativas, Rita começa relato contando como e porquê de sua escolha, como ela não conhecia bem as escolas da cidade procurou informações na internet e destacou duas escolas, sendo uma delas aparentemente semelhante a que havia estudado em sua formação básica ela se interessou pelo (nome da escola ocultado), que tinha em sua descrição ter um laboratório e acessibilidade para deficientes.

Como ela não tinha estudado em lugares que apresentavam essas características surgiu a expectativa de ver “como seria uma escola que tem mais oportunidades pros alunos que eu nunca vivenciei”. Barbara entra na fala de Rita e reflete que a não tinha pensado a respeito, mas que a escola que ela escolheu é muito semelhante as escolas que ela estudou e diz também que sua expectativa era “ver na prática como que é eu estando em um lugar onde vou estar futuramente como professora”. O que pode demonstrar que algumas pessoas querem o desconhecido e outras se sentem mais confortáveis com o conhecido.

Falando de suas expectativas o professor questiona a James se ele já pensou nas suas e ele disse estar ansioso, como é o primeiro passo pra se tornar um professor e que fica se perguntando “se foi cruel com seus professores”.

Um momento interessante é quando Rita conta sobre uma experiência negativa que uma amiga teve no estágio em uma situação difícil no qual os alunos não a respeitaram como professora e que pensar nisso a deixava insegura, com medo, ansiosa e se achando nova demais pra ser respeitada em sala. Nesse momento eu, Galileu e Lisa que já tínhamos experiência com essa situação tentamos passar um pouco de segurança a Rita, que cada pessoa passa por situações diferentes e que isso não é por culpa dela, ou quer dizer que ela é ou será uma professora ruim, mas que tudo faz parte do aprendizado dessas etapas.

O professor finaliza o encontro de hoje falando de a importância dos estagiários tentarem ter uma perspectivaêmica (olharêmico, de quem está de dentro), de tentar ter um olhar de estranhamento, pois como todos passaram muitos anos dentro das escolas levam a crer que conhecem aquele lugar, porém conhecem como estudantes e agora estão olhando de outra posição. É como um etnógrafo estudando uma cultura. Quais são as regras que as pessoas constroem naquele lugar. Se irmos já achando que conhece, não precisaria ir lá.

**Figura 4:** Representação de resumos com a descrição das ações que aconteceram nas aulas.

### 3.5 Mapeando os eventos - sentidos para as análises

Espelhando-se no trabalho de Viana (2014) elaboramos um quadro, no programa *Microsoft Excell 2016*, o qual permite uma melhor visualização dos principais aspectos de cada aula. Esse quadro fora elaborado para conseguíssemos analisar as construções de uma reflexão e quais actantes se associavam durante estes eventos. Dessa forma, cada coluna, representa um ponto a ser minuciosamente analisado, de acordo com o evento destacado.

**Quadro 1:** Quadro de eventos dos dados coletados nas observações com os possíveis momentos para análise.

Data	Número da Aula	Descrição da aula	O que emergiu	Eventos	Linguagem não-verbal	Questões de Interesse	Controvérsias	Reflexão na perspectiva dos sujeitos	Actantes mediares da reflexão	Localizadores/Articuladores
05/03/2018	1	Turma A: Aula de apresentação da disciplina, bem como dos documentos necessários para a realização de cada uma das etapas do estágio	Dúvidas; Questões; Sugestões							
		Turma B: Aula de apresentação da disciplina, bem como dos documentos necessários para a realização de cada uma das etapas do estágio	Dúvidas; Questões; Sugestões							
12/03/2018	2	Turma A: Apresentação das propostas de espaços não-formais/Informais de interesse dos estagiários	Descrição; Relatos; Dúvidas	1) Lisa faz uma reflexão sobre o assunto e pensa que pode ser uma falha na formação deles enquanto biólogos não entenderem melhor do funcionamento das vacinas para conseguirem explicar para as pessoas.	1) Caras e risos de alguns estagiários ao ouvir sobre os comentários dos vídeos (parecia incrédulo com opiniões que surgiam)	1) As pessoas falam de vacina em si ou também no outro? / Os cursos de biologia não deveriam dar mais informações sobre o funcionamento das vacinas?	1) As vacinas realmente funcionam?		1) Vídeos sobre vacina, Conteúdos disciplinares, Religião, Família, Política, Indústria farmacêutica,	
		Turma B: Informação sobre as escolas de interesse dos estagiários e suas expectativas	Descrição; Sugestões; Relatos	1) Questionados pelo professor sobre suas expectativas, Rita começa relato contando como e porquê de sua escolha, como ela não conhecia bem as escolas da cidade procurou informações na internet e destacou duas escolas, sendo uma delas aparentemente semelhante a que havia estudado em sua formação básica ela se interessou nela	1) Izabel faz uma cara de surpresa ao perceber que escolheu uma escola parecida com a sua / Maju demonstra medo nas suas falas (ansiosa ao falar, voz tremula)	1) O que leva os estagiários as escolhas de suas escolas?		"como seria", "ver na prática", "não pensei nisso", "realmente é"	1) Estrutura da escola, Relato do outro, Ascetibilidade, Laboratório	Escola
19/03/2018	3	Turma A: Síntese dos objetivos e atividades a serem desenvolvidas nas próximas etapas (2, 3 e 4). Relatos dos estagiários.	Dúvidas; Relatos	1) O próprio estagiário diz que "achava que a divulgação científica estava muito avançada, atuante, atingindo mais pessoas e percebeu que não, tem que rever a linguagem como está sendo passada. Grande desafio da divulgação científica: como mediar um discurso onde manter uma acurácia científica e ter uma linguagem simples.		Grande desafio da divulgação científica: como mediar um discurso que tenha uma acurácia científica e uma linguagem simples?	Canais de divulgação científica devem abandonar a linguagem técnica?	"Será que", "Eu achava/acho que", "Eu penso que"	1) Discurso na divulgação científica, Comentários;	
		Turma B: Relatos das experiências da semana	Relatos; Descrição; Críticas; Sugestões; Interação	1) O que pode ser relacionado aos comentários da primeira turma sobre as dificuldades da divulgação científica. 2) Esse canal trouxe um momento de muita participação do grupo, pois quase todos os estudantes ali conheciam e assistiam seus vídeos para estudar, o que trouxe o seguinte questionamento: Por que os estudantes estão		Os vídeos de youtube podem contribuir com a construção de conhecimentos?	Porque os estudantes estão buscando videoaulas? As aulas na universidade não deveriam ser suficientes?	"Comigo funcionou", "Deve ser porque", "Pode ser porque"	Tipo de discurso/linguagem; Videoaulas; Caderno de estágio; Metodologia de ensino; Ambiente da sala de aula	Videoaulas (salas de aula); Caderno de estágio
26/03/2019	4	Turma A: Conversa sobre a importância da presença nas reuniões. Relatos da experiências semanais dos estagiários	Relatos; Descrição; Críticas; Sugestões; Interação	Professor pergunta sobre as expectativas de Rosalind e ela fala que a maior expectativa é ver como os alunos irão discutir sobre esse tema e quais as perguntas eles vão fazer, sobre o que eles vão falar e comentar, porque ela fica lembrando da experiência ruim dela com esses assuntos na escola. O professor ainda frisa que os temas sexo	Isaac faz aspas com as mãos ao falar "viados", ele também usa muita expressão facial que demonstra insatisfação.	Por que sexualidade é tratada apenas como DSTs nas escolas? Cabe somente ao professor de biologia tratar desses assuntos? Como quebra as barreiras com as escolas para conseguir trabalhar esses assuntos?	Por que sexualidade nas escolas é relacionado somente a saúde (doenças)? Como um tema interdisciplinar fica a cargo somente do professor de biologia?		Ensino de sexualidade nas escolas; relatos de experiências;	Tema sexualidade
		Turma B: Relatos de experiência dos estagiários	Relatos; Interação; Questionamentos	Galileu fala da importância de se conversar sobre a medicalização na escola porque nós vamos nos deparar muito com isso, e fica a questão do papel da escola quando percebe que algum aluno tem algum tipo de déficit, algum problema de aprendizagem. O Professor Orientador questiona então para pensarmos como é feito o diagnóstico		Cabe as escolas intervir quando percebem algum problema no aluno? Por que cada vez mais crianças têm sido medicadas?			Remédios, Ritalina, Relatos	

Contudo, ao observarmos os eventos, pelos quais destacaram-se como um potencial, controvérsias surgiram e geraram possibilidades de ações reflexivas, as quais pudessem emergir entre os sujeitos, assim como também os rastros dos atores e, que permitíssemos compreender, quais instrumentos agiram e possibilitaram que tais momentos ocorressem. Todavia, é importante ressaltarmos que as categorias colocadas nos quadros não foram pré-estabelecidas, mas foram construídas juntamente com a análise dos dados, de acordo com as ações observadas. Como se pode observar no quadro anterior, conseguimos identificar um significativo número de momentos em que notamos aberturas para reflexão. Para esta pesquisa, separamos três eventos para fins de uma análise e discussão mais detalhada no capítulo a seguir.

## CAPÍTULO IV - ANÁLISES: aonde os rastros nos levaram ...

Este capítulo traz nossas análises e percepções sobre os resultados produzidos na pesquisa. Os dados foram coletados nos encontros semanais com as duas turmas de *Estágio Supervisionado em Ensino de Ciências e Biologia* do curso de Ciências Biológicas Licenciatura.

A disciplina, permitia aos estagiários relatar, os acontecimentos ocorridos durante o desenvolvimento das atividades nas escolas naquela semana. Os licenciandos, de um modo geral, diziam, de forma bem sucinta, a respeito dos acontecimentos significativos, na visão deles e descreviam, também, aspectos do espaço físico. Ao longo da fala do estagiário, com a interação entre os sujeitos (professor-formador, pesquisadores e colegas de turma) questionamentos e comentários iam surgindo sobre suas experiências. Desse modo, estas intervenções proporcionavam esclarecimentos, comentários, dúvidas e maior aprofundamento desse depoimento. Em alguns desses instantes, notamos a abertura de oportunidades para que, reflexões sobre sua formação e carreira docente fossem construídos. Assim, estes foram separados para análises para esta pesquisa.

Para coleta de dados, recorreremos às seguintes fontes: anotações em caderno de campo da pesquisadora e os registrados dos áudios das gravações feitas em sala. Concomitantemente, também foram produzidos pela pesquisadora, relatos das reuniões dos estágios que consistiam em uma descrição detalhada do que acontecia nas reuniões e sobre tudo o que era discutido a partir da triangulação dos dados coletados. Ao produzir a triangulação destes dados, deixamo-nos seguir por aqueles rastros, os quais, sinalizavam indícios que, em certos momentos, reflexões eram construídas entre os sujeitos. Portanto, observamos nesses depoimentos, como os estagiários formulavam pensamentos, hipóteses e proposições sobre suas ações nos momentos dos estágios nas escolas.

No entanto, colocamo-nos atentos para averiguar e compreender sobre como as *controvérsias* (LATOURETTE, 2011, 2012) emergiam, ou seja, em quais momentos haviam discordâncias entre os actantes. Conseqüentemente, estes revelaram-se pontos cruciais, uma vez que, indicaram situações, nas quais os sujeitos envolvidos teriam que expor suas opiniões, defender seus pontos de vista, sustentar argumentos durante estas discussões. Assim, quando as controvérsias se estabeleciam, os estagiários marcavam suas posições frente a um acontecimento e, por vezes, repensavam sobre suas ideias em contrastes com aquelas apontadas pelos demais. Esses movimentos em torno das controvérsias, apontaram-nos ricas situações com vistas a

investigar a reflexão.

Para mapear as ações dos actantes envolvidos na construção da reflexão, seguimos a orientação de Latour (2016), o qual nos diz para começarmos pelos verbos “Então, de onde devemos partir? Atrever-me-ia a dizer - como em São João: “No princípio, era o *verbo*”. Apenas depois, a ciência.” (LATOURE, 2016, p. 74) Foram eles que, permitiram-nos visualizar as ações e os vínculos que demarcaram um posicionamento. Dessa maneira, estivemos atentos a linguagem dos sujeitos, embora estivéssemos inclinados para o uso de termos e expressões, pelos quais poderiam indicar a um pensamento reflexivo. Assim, foram demarcadas expressões do tipo: “eu fiquei fritando”, “eu estava pensando sobre isso”, “isso me fez pensar sobre ...”, “eu refleti sobre isso”, dentre outros que foram evidenciados nos quadros de eventos.

A partir destas ações, conseguimos visualizar os actantes envolvidos na rede que, formava-se em torno de uma questão, como davam-se suas associações, quem agia e quem fazia o outro agir. Durante o mapeamento dos actantes, aqueles que apresentavam forte influência na construção de um evento reflexivo, evidenciava-se pela quantidade de vezes que, este aparecia agindo nos relatos.

Para tanto, nossas categorias analíticas, foram organizadas de acordo com o que foi emergindo durante o nosso estudo e não por prévias propostas. Visto que, Latour (1999) é enfático ao dizer que, a ANT não é uma teoria para explicar do que é feito o social, não propõe uma teoria que, queira determinar comportamento dos atores, mas justamente o contrário, faz-se pela tentativa de aprender com os informantes, e não submeter seus relatos às categorias do pesquisador.

#### **4.1 Os encontros de orientação do estágio curricular supervisionado**

As reuniões de estágio, aconteciam sempre nas segundas-feiras. Embora, inicialmente teríamos um horário da turma A nas quintas-feiras, foram necessárias alterações porém como o número reduzido de participantes das reuniões, o encontro das segunda-feira acabou sendo suficiente para acomodar todos os estagiários.

Os encontros aconteceram de março a junho do ano de 2018, sendo um total de treze: 5, 12, 19 e 26 de março; 2, 9 e 16 de abril; 7, 14 e 21 de maio; 4, 11 e 25 de junho. Eles eram divididos entre as duas turmas (A e B), sendo a primeira turma das 18h às 18h50m e a segunda turma das 19h às 20h40m. Entre o intervalo das turmas, o professor-orientador e os monitores (pesquisadores)

aproveitavam para pontuar, os pontos cruciais verificados, por meio dos relatos da primeira turma. Ademais, observações e anotações também eram realizadas, pautadas pelos fatos mais relevantes. Nesse momento, já destacávamos possíveis situações para nos atentarmos durante as análises. O professor-orientador dos estágios, promoveu uma conversa com os estagiários em uma aula, do dia 26/03/2018, a fim de explicar sobre a importância dos encontros de orientação de estágio.

Em resumo, o professor-orientador destacou a importância da presença e do compromisso, pois as vagas para o estágio eram limitadas e o número de vagas era restrito. Vinte e quatro alunos poderiam ser orientados por semestre por ele e outros vinte e quatro pelo outro professor. A necessidade desta conversa fez-se pela baixa frequência dos estagiários, uma vez que, cerca de metade desse número as frequentavam. Sendo assim, pela perspectiva do professor supracitado, parte dos matriculados estariam ocupando vaga de outros que poderiam realizar o estágio. Este ainda observa que, o baixo índice de participação se dava por alguns discentes, considerarem que não havia necessidade de participar da reunião, mas somente desenvolver as atividades do estágio nas escolas e entregar o relatório no final do semestre. Por isso, o docente é fático ao dizer que a não participação efetiva dos estagiários nas reuniões, prejudica outros estudantes que gostariam de estar participando. Assim, segundo o professor, “é melhor trancarem a disciplina e deixarem que outras pessoas que estão procurando por vagas façam o estágio.”

Como essa é uma disciplina obrigatória, a coordenação do curso de Ciências Biológicas faz a matrícula do aluno automaticamente quando ele cumpre os pré-requisitos mínimos necessários<sup>18</sup>. É dever dos alunos que não querem desenvolver o estágio em determinado momento, ir à secretaria para cancelar sua matrícula. No entanto, o que observa-se que, há discentes que estão se matriculando faltando um (ou poucos) semestres para se graduarem e querem fazer todas as etapas do estágio em seis meses.

Pensando nisso, o professor orientador, em acordo com os estagiários, flexibilizou o horário para facilitar a presença, dando a liberdade para quando alguém não pudesse ir ao encontro no horário de sua turma, pudesse comparecer ao outro. Mesmo assim, ainda observamos um número expressivo de ausentes, oito alunos entre os vinte e quatro. Averiguamos também que, alguns participantes da segunda turma chegavam ainda na reunião da turma A, e participantes da turma A

---

<sup>18</sup> Os pré-requisitos necessários para o início do estágio são: “a) Se encontrar no início da segunda metade do curso, em atendimento ao recomendado pelas Resoluções CNE/CP 01 e 02/2002; b) Ter sido aprovado na unidade curricular Estrutura e Funcionamento de Ensino; c) Ter cumprido um mínimo de 800 horas de carga horária no seu curso.” (INSTRUÇÃO NORMATIVA 12/2015 COBIO. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/cobio/IN%2012%20COBIO%20-.pdf>)

ficavam para a reunião da turma B (em especial Lisa que fez isso em todos os encontros).

Bonadiman e Leal (2012), apontam que a carreira docente está sempre como última opção entre os estudantes do Ensino Médio. Dentro dos próprios cursos de licenciatura, a profissão docente não é colocada em primeira escolha por parte dos graduandos. Somado a isso, ainda há o fato dos estágios que estão, em grande parte dos currículos, distribuídos ao final do curso, algo que os coloca em posição de menor valor e prestígio perante as outras disciplinas acadêmicas (PIMENTA e LIMA, 2012; CALDERANO, 2012). Nota-se que, tais situações, podem contribuir para que alguns licenciandos, não deem o devido valor aos estágios e não assumam compromissos com a disciplina.

**Tabela 1:** Discente, turma e etapas do estágio que realizaram

<b>Discente</b>	<b>Turma</b>	<b>Etapa(s)</b>
1.	A	Ausente
2.	A	Ausente
3.	A	I
4.	A	I, IV
5.	A	I
6.	A	I, II
7.	A	I
8.	A	I, II
9.	A	I
10.	A	I
11.	A	I
12.	A	I, II
13.	B	I, II
14.	B	Ausente
15.	B	I
16.	B	Ausente
17.	B	Ausente
18.	B	Ausente
19.	B	II
20.	B	II, III
21.	B	I, II
22.	B	II
23.	B	Ausente

## **4.2 As redes que mapearam o processo de aprender a refletir**

Nos próximos tópicos, trouxemos os três momentos em que identificamos oportunidades de reflexões que emergiram nos relatos dos estagiários e nas discussões ocorridas em sequência. Destacamos quem, e o quê os licenciandos, elencavam em seus relatos das experiências de estágio (os atores) e, qual o papel que estes, desempenharam nos processos de reflexão, quando se refere a prática profissional.

Na seleção dos eventos para análise, atentamo-nos para aqueles momentos que mostravam, de forma mais explícita, quais reflexões estavam sendo construídas pelos estagiários. Assim, compreendendo como prática reflexiva o movimento que o licenciando faz, durante as interações com outros sujeitos e com as condições que o contexto permite, para observar e analisar suas ações, buscando (re)formular propostas e ideias para uma nova ação, a qual vise melhorar a sua prática.

Nesse sentido, vimos que as reflexões foram construídas nas interações durante as orientações dos estágios e eram compostas por atores humanos e não-humanos (LATOUR, 2011, 2012) que estiveram presentes, tanto nos momentos das atividades nas escolas dos estagiários, quanto nos encontros de supervisão. Estes associaram-se configurando redes que, produziram vários efeitos no mundo sociomaterial. Para tanto, em ambientes como as salas de aulas, por exemplo, os efeitos das redes que normalmente estamos interessados em observar (pesquisadores em educação) diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem. Em nossa pesquisa, a partir da identificação de situações de controvérsias (LATOUR, 2011, 2012) mapeamos nos encontros dos estágios, efeitos dessas redes, as quais pudessem, ser entendidos como momentos de reflexão. Nesse sentido, os organizamos e apresentamos nas categorias à seguir.

### **4.2.1 As controvérsias: as escolhas pelos espaços para realização do estágio.**

Nos primeiros encontros, os licenciandos deveriam procurar por locais em que gostariam de realizar seus estágios. Nesses momentos, compreendemos, algumas questões, as quais os orientaram durante suas escolhas e indicaram que estas, por sua vez, não eram feitas de modo

aleatório e desinteressado, mas que havia alí ponderações, expectativas, estratégias e apostas. Possíveis momentos de reflexão? Com esta suspeita, destacamos a seguir, os relatos de quatro estagiários, a cerca de suas escolhas para os locais pelos quais desenvolveram seus estágios curriculares supervisionados. Propusemo-nos a identificar os actantes (entidades humanas e não humanas, concretas e/ou abstratas) que estavam agindo em seus relatos e que, fizeram emergir efeitos nessa rede de associações.

Marie, é uma estudante natural do município de São João del-Rei e estava desenvolvendo as Etapas III e IV<sup>19</sup> do estágio curricular supervisionado na mesma escola em que estudou durante o Ensino Médio. Em sua fala, transcrita a seguir<sup>20</sup>, pudemos evidenciar que, a vivência prévia, desta estagiária, nessa escola anteriormente e agora relacionando-se com a professora, a qual já conhecia, compreendemos ser um dos elementos (ou actantes), que influenciaram sua escolha pelo local de estágio. Afinal, esta escola, associada à professora conhecida, fez emergir um efeito da rede, a *intimidade* com o local.

Aí, na hora que **ela** (professora) chegou eu até brinquei, porque tipo assim, eu conheço **ela**, então eu tenho uma **intimidade**. Aí eu falei assim “**professora** eu vou te amolar”. Aí **ela** falou assim: “Pode falar”. Aí eu fui e falei: “eu não sei se você sabe, eu sou **graduanda de biologia**, estou finalizando e estou na **etapa de estágio**, aí eu estava precisando procurar um **professor** e eu queria saber com você, como que é você nessa parte? Você aceita **alunos** para estar te acompanhando? Aí **ela** (professora) “é claro, pode, sem problemas!”. (Transcrição da fala de Marie, do dia 16/04/2019)

Neste trecho, Marie elenca os seguintes actantes, os quais estiveram envolvidos em sua escolha para a escola: *a professora da escola; ela – enquanto graduanda de biologia e as etapas do estágio*. Essa associação de entidades arregimentadas por Marie, faz emergir um efeito na rede, uma intimidade. Este efeito, atua como resultado daquilo que organiza as associações entre os actantes. Revelando que, esta relação favorável com sua ex-professora, agregou em um facilitador para a escolha do local de estágio.

Chien que também é natural do município de São João del-Rei, ao ouvir sobre a escola relatada por Marie, mencionou que teve sua escolarização nesta mesma instituição. Ao aludir esse fato, Chien, que até aquele momento ainda não havia tido sucesso em sua busca por uma escola para realizar o estágio, foi questionada por Marie sobre a possibilidade de também, desenvolver algumas etapas do estágio nessa escola. Porém, de maneira oposta à Marie, a estagiária relatou,

<sup>19</sup> Sendo a etapa III correspondente a observação de uma sala acompanhando o professor regente e a etapa IV a preparação e regência de uma sequência de aulas.

<sup>20</sup> Nas falas destacadas, os trechos em negrito marcam os actantes que agiram nesses momentos.

não sentir-se muito à vontade em regredir a sua antiga escola:

É, eu estudei do 5º [ano do Ensino Fundamental] a 3º ano [Ensino Médio]. Mas eu não cheguei a ir **lá (a escola)** não. Eu era uma das que saía atrás (se referindo ao seu “**mau**” **comportamento**). (Transcrição da fala de Chien do dia 16/04/2018)

Em seus relatos, durante os encontros, Chien relembra alguns casos de sua época enquanto estudante, mostrando-nos que ela não se sentia confortável em voltar à instituição, por receio de que seu comportamento, descrito por ela como “ruim”, poderia atrapalhar sua relação com a escola durante o estágio. Por isso, optou por escolher uma outra instituição educacional, para a realização do estágio, usando como parâmetro para esta escolha, a localização mais acessível.

Nesta situação, compreendemos que os actantes que foram arregimentados por Chien, a partir do questionamento de Marie foram: *Escola; 5º [ano do Ensino Fundamental]; 3º ano [Ensino Médio]; Chien enquanto aluna da educação básica* e a própria *Marie*. Essa associação de entidades, arregimentadas por Chien, faz emergir efeitos na rede, como o comportamento inadequado de Chien enquanto estudante, “que saía atrás”. Quando Chien, considera outra escola, melhor localizada (outro actante) é construída uma rede que leva (ou faz levar) Chien, a considerar a possibilidade de escolher outra escola para estagiar.

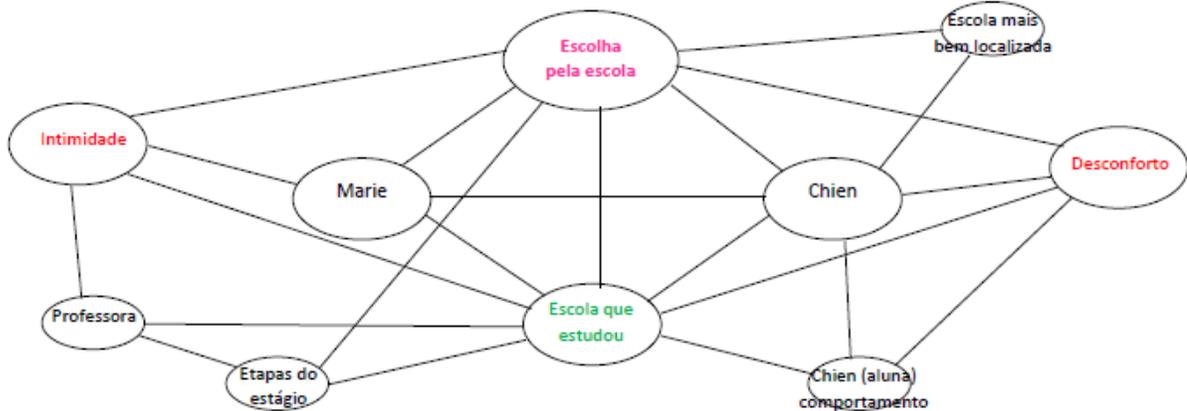
Estes dois exemplos, demonstram como um mesmo actante, *a escola em que Marie e Chien estudaram* enquanto alunas da educação básica, quando arregimentada nas redes sociomateriais de actantes no estágio curricular supervisionado, fez emergir efeitos distintos. Uma vez que, ela promove, provoca, incide e ocasiona afetos distintos no corpo de ambas professoras em formação, e assim implica nas suas escolhas sobre o local de estágio.

Em suma, o que isto nos diz sobre reflexão? A vivência prévia em uma escola, faz com que esta instituição, apresente-se como uma possibilidade de local, para o desenvolvimento de uma etapa do período de preparação profissional e, isto parece ser uma condição que oportuniza o surgimento de situações de reflexão. Nesses momentos, os estagiários são levados a comparar/contrastar situações deles, enquanto alunos da educação básica, com aquelas que irão encontrar no momento de estágio. Devendo posicionar-se em uma situação multitemporal que, incita relações entre passado (aluno da ed. Básica), presente (estagiário) e de futuro (projeções enquanto professor(a) da Educação Básica).

Nesse movimento, é importante marcar o papel da outra colega estagiária. É com o relato de Marie, quando remete a mesma escola e, por conseguinte com sua intervenção, questionar os motivos de Chien de não considera-lo uma alternativa, gerando assim oportunidade de

esclarecimentos por parte de Chien, porém, para defender seu ponto de vista, Chien mobiliza um conjunto de ações e entidades. Em nossa perspectiva e fundamentados pelos estudos latourianos, compreendemos que é estabelecida uma situação de *controvérsia* (LATOURE, 2011, 2012) pois, esta escola é arregimentada de modos distintos por ambas as estagiárias, levando a efeitos diferenciados na rede: *intimidade* e *desconforto*.

REDE – MARIE E CHIEN: INTIMIDADE E DESCONFORTO



**Figura 5:** Representação da construção da reflexão sobre a escolha pela escola.

A cor verde representa o actante focal (escola em que as estagiárias estudaram) e quais actantes geraram um movimento de intimidade, sendo favorável a estagiar na escola em que Marie estudou e, quais geraram um movimento de desconforto em Chien por procurar a escola em que estudou para realizar o estágio. Os escritos em vermelho marcam os efeitos da rede e em rosa está identificado a controvérsia.

No próximo exemplo, continuamos a observar a controvérsia sobre as escolhas do local do estágio. Contudo, neste momento, iremos analisar a situação de duas alunas que não eram naturais de São João del-Rei, o quê esteve envolvido em suas escolhas e os efeitos causados pela associação de actantes na rede.

Rita, por não conhecer as escolas da cidade, optou por fazer uma busca na internet, destacando as escolas que apresentavam as características que considerava importante para se ter em uma escola.

Então, eu estou ansiosa para ir conhecer, porque as escolas. Eu estava lendo na **internet** mais ou menos como era a **escola [X]**, e eu vi que **lá** tem **laboratório de ciências**. Aí eu interessei mais ainda, porque eu nunca tive um **laboratório de ciências**, sem ser na faculdade. Eu li na **internet**, digitei lá o nome das escolas e apareceu as **informações**, o que tem e não tem, por exemplo: se tem **banheiro para deficiente**, se tem ou não tem, se tem **banheiro para professor** separado. (...) por exemplo, **na minha escola** não tinha nenhum tipo de **laboratório**, então, aí eu pensei: como que seria uma escola com **laboratório** de acordo com os alunos? Aí eu me interessei por causa disso. (...). Aí eu fui olhando, comparando, pensei tipo assim: qual seria a escola que tem mais **oportunidade para os alunos**, que eu nunca vivenciei? Porque por exemplo a **escola [Z]** ela é bem parecida com a minha, até estrutura, e tipo assim, é uma coisa que eu já conhecia vamos dizer assim, que eu estou mais familiarizado. Mas o estilo, pelo menos nas **fotos**, que eu achei, a **escola [X]**, é uma coisa completamente diferente da minha, aí eu queria olhar com outro olho uma **escola** completamente diferente. (Transcrição da fala de Rita do dia 12/03/2018).

Em sua fala, pudemos notar que ela buscou por características e oportunidades diferentes das quais encontrou, nas escolas em que havia estudado. Rita destaca que gostaria de observar uma escola, a qual possuísse elementos como *laboratório de ciências* e *questões de acessibilidade* para alunos de inclusão. Evidenciando que, estes são fortes actantes em sua escolha, por não haver na escola em que estudou.

Assim, nesse trecho, Rita elenca os seguintes actantes, os quais estiveram envolvidos em sua escolha para a escola: *internet; escola [X]; escola [Z]; laboratório de ciências; banheiro para deficiente; banheiro para professor; fotos e sua escola enquanto aluna*. Essa associação de entidades arregimentadas por Rita faz emergir efeitos na rede como *as oportunidades para os alunos* e *o exercício de um outro olhar*. Esses elementos, atuam por serem o resultado daquilo que organiza as associações entre os actantes. Interessante notar que, no caso de Rita a experiência prévia em uma escola também é acionada, mas em uma perspectiva de contraste, de tornar visível as diferenças da escola em que estudou com a que se pretende estagiar. E, então passa a ser o critério de busca para essa escola.

Ao ouvir sobre os motivos relatados por Rita para sua escolha, Bárbara que, também não é natural do município de São João del-Rei, passa a fazer considerações sobre o quê, os critérios elencados pela colega, permitem-lhe dizer de sua escolha. Assim, relata que nessa situação percebeu que, sua escolha pela escola revelava semelhanças com a que ela havia estudado, quando leva-se em conta a estrutura física. Como podemos ver na transcrição de sua fala:

Depois que **ela** (Rita) falou isso eu até fiquei (pensando): gente eu não pensei nisso, realmente, pelo pouco que eu vi eu acho que **lá** (escola que escolheu) é também meio familiar pelas **escolas que eu passei**, principalmente no **Ensino Médio**. Mas eu não tinha pensando por esse lado de ir numa **coisa diferente** (referindo-se à **estrutura**) do que era

da **minha**. (Transcrição da fala de Barbara do dia 12/03/2018).

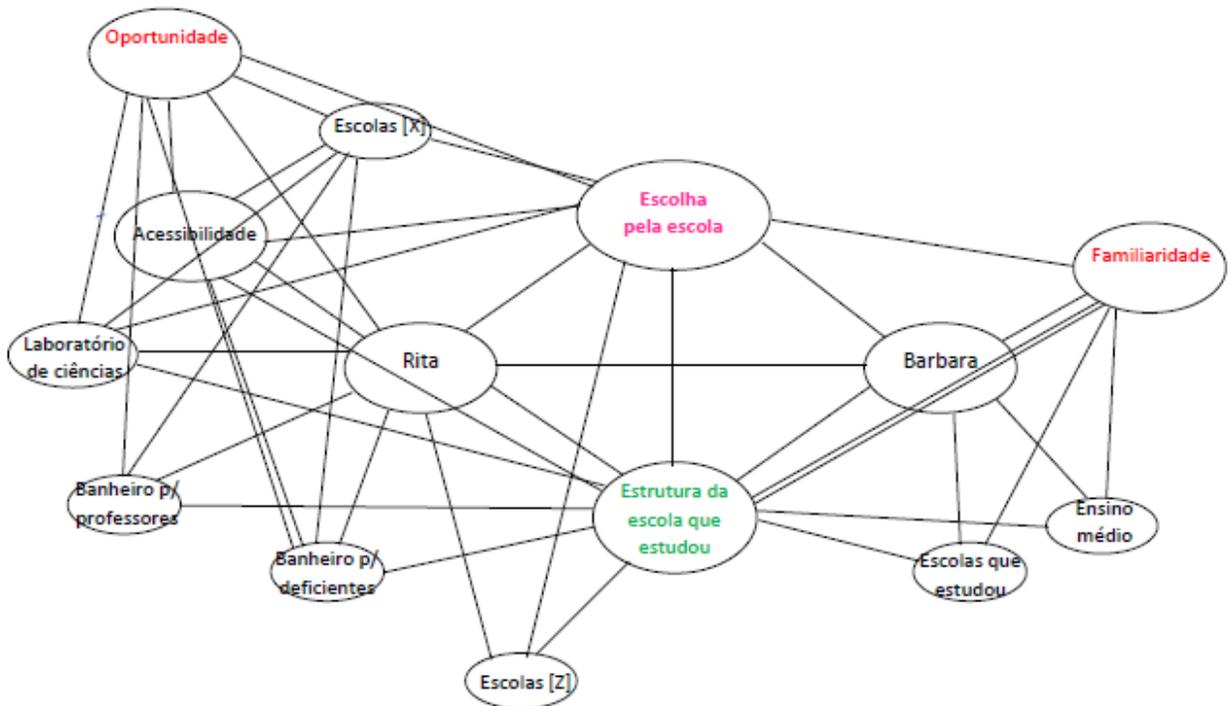
Com isso, observamos que os actantes que foram elencados por Bárbara, a partir da fala de Rita foram: *Escolas que estudou, Ensino Médio, estrutura* e a própria *Rita*. Essa associação de entidades, arregimentadas por Bárbara faz emergir efeitos na rede como a *estrutura semelhante das escolas* e a *familiaridade*. Mostrando assim que, podemos nos guiar por aquilo que já nos é conhecido, mesmo sem perceber.

Portanto, o que estes dois depoimentos (de Rita e Barbara), dizem-nos sobre reflexão? A vivência prévia em uma escola, ainda que diferente daquela a qual irá atuar também influencia nas escolhas dos locais para se estagiar. Condição esta que proporciona, o surgimento de oportunidades de reflexão. Nesses momentos, assim como nos outros dois exemplos (de Marie e Chien), os estagiários também são levados a comparar/contrastar situações deles, enquanto alunos da educação básica, com aquelas que irão encontrar nos momentos de estágio. Também, com o intuito de mobilizar os tempos (passado/presente/futuro) os quais guiarão suas escolhas.

Da mesma forma, tal como, nota-se, a importância da interação de Marie para a reflexão de Chien, por sua vez é Rita quem oferece condições para que Bárbara possa refletir. Quando Bárbara diz “gente eu não pensei nisso” e, “mas, eu não tinha pensando por esse lado” ela nos oferece pistas de que nesse momento, o impacto do relato da colega lhe fez ressignificar e considerar mais conscientemente sobre os motivos que a levaram a sua escolha. Esta, é uma mais uma evidência sobre a importância dos momentos de socialização das experiências dos estágios para os professores em formação. Pois, uma experiência individual pode apresentar oportunidades para reflexões em outros participantes. Evidenciando assim, a importância da dimensão coletiva da aprendizagem dessa competência reflexiva. Nesse sentido, Pimenta (2002) e Contreras (2002) consideram que, importante ressaltar que o professor não constitui-se como profissional reflexivo sozinho, mas sim em interação com outras pessoas de seu convívio escolar e de outros lugares

A seguir, apresentamos a Figura 7 que representa esta construção da reflexão entorno da escolha pela escola, nos relatos de Rita e Bárbara:

REDE – RITA E BARBARA: OPORTUNIDADE e FAMILIARIDADE



**Figura 65:** Representação da construção da reflexão sobre a escolha pela escola.

A cor verde representa o actante focal (estrutura da escola em que as estagiárias estudaram) e quais actantes corroboraram pela escolha da escola. Os escritos em vermelho marcam os efeitos da rede e em rosa está identificado a controvérsia.

Compreende-se que, a construção da reflexão pelos licenciandos, no que tange a decisão de escolha, pela escola na qual os estagiários realizam suas atividades é possibilitada *por e com* a associações entre actantes que, performam uma rede heterogênea de reflexão. Nas situações analisadas, esta mobilização de actantes geraram quatro efeitos diversos: *intimidade; desconforto; oportunidade e familiaridade*.

#### 4.2.2 Controvérsia: A primeira experiência em sala de aula de professoras iniciantes

Apresentamos neste item, análises sobre as reflexões de duas estagiárias a respeito do processo de ensino adotados, em suas primeiras experiências dentro de sala de aula<sup>21</sup>. Em um primeiro momento, trazemos as reflexões de Bárbara, a qual mostrou-se animada frente aos

<sup>21</sup> A transcrição na íntegra dos relatos de Barbara (evento II) e Rita (evento III) estão disponíveis em apêndice 3.

acontecimentos os quais ocorreram em seus estágios. Em seguida, é apresentado o relato de Rita que, evidencia elementos de desmotivação frente à sua primeira experiência. Para tanto, propusemo-nos a identificar quais e como os actantes, em seus relatos, contribuíram para efeitos tão distintos das redes de suas experiências em sala aula.

Bárbara estava cursando a Etapa II do Estágio Curricular Supervisionado, cuja proposta é a observação e estudo da instituição escolar como um todo. Segundo ela, durante a realização do seu estágio, foi convidada, junto com outra estagiária presente na escola, a auxiliar na aplicação da prova do SIMAVE<sup>22</sup>, e que, mesmo sem saber direito sobre o que se tratava, as duas concordaram. Porém, a professora tutora do estágio na escola lhes informou que teriam apenas que acompanhar o professor. No entanto, não foi isso que aconteceu. De acordo com Bárbara, elas tiveram que abrir a sala, ligar os computadores, fazer os cadastros de todos os alunos e deixar tudo pronto para que os alunos chegassem. Supreendentemente, isso não parece ter sido um problema para Bárbara, uma vez que ela se concentrou em outros elementos dessa experiência. No trecho a seguir, apresentamos um trecho do depoimento da estagiária, em que esta destaca um acontecimento considerado como “interessante”, vejamos:

Aí de repente acho que **eles** ficaram curiosos e começaram a prestar atenção e a fazer, aí tava até legal, aí às vezes um outro menino virava e falava assim, que foi uma coisa que eu achei muito interessante, falava assim ô **Dona, professora**, eu não tô entendendo esse daqui, a não sei o quê. Aí eu respondi, ah então, eu não posso te ajudar e tal até porque eu também não sei. Eu achei interessantes me chamarem de **dona** e de **professora**, eu fiquei assim, gente quer dizer que eu não tenho **cara de aluno** igual eles? Foi uma sensação boa. Assim ... (Barbara, 09/04/2018)

Foi boa? (Professor orientador, 09/04/2018)

Sim, foi boa. (Barbara, 09/04/2018)

Pois é, o primeiro dia que chamam a gente de **professor**. (Professor orientador, 09/04/2018)

Foi tão bom, eu fiquei, nossa, assim, que bom que me enxergam como **professor** e eu ainda nem sou. (Barbara, 09/04/2018)

É sim, em formação. (Professor orientador, 09/04/2018)

E como é que foi no final das contas passar por essa experiência? (Professor orientador, 09/04/2018).

---

<sup>22</sup> Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE), que busca identificar as necessidades e problemas do sistema e das escolas. Auxiliando assim em planejamentos de ações que objetivam a melhoria da educação pública da rede estadual em Minas Gerais. Dados disponíveis no site da secretaria de educação no Minas Gerais. Disponível em: <http://www2.educacao.mg.gov.br/component/gmg/page/15115-simave>

Eu gostei, assim do contato com os alunos, assim, eu gostei porque eu tive contato com os alunos. Eu gostei dessa recepção deles comigo de me chamar de professora” (Barbara, 09/04/2018).

Observando o depoimento e os diálogos de Bárbara com o professor-orientador, notamos que quando os alunos da escola a chamam de “*dona*” e de “*professora*” esses elementos (actantes) agem, provocando efeitos positivos em Bárbara, “*interessante*”, “*sensação boa*”. Fica claro que, eles distanciam Bárbara do actante aluno da educação básica quando vemos o rastro “*não tenho cara de aluno*”, levando-a, a se aproximar do actante professora da educação básica, quando ela diz “*me enxergam como professora*”.

Entretanto, as primeiras experiências na docência, normalmente são marcadas por inseguranças, por isso é importante que os professores em formação, estejam em situações nas quais eles se sintam confortáveis e motivados. Visto que, nesse momento de transição entre licenciando e professor, muitas vezes os estagiários têm dificuldade em notarem qual o seu lugar dentro das escolas (PINTO e FONTANA, 2012). Especialmente no início dos estágios, os licenciandos, ainda costumam enxergar-se mais enquanto estudantes, dentro das escolas, assim não se vendo como professores em formação. Tal condição, pode influir no modo como vão agir dentro dos espaços e na maneira como podem falar com os alunos.

Rita, estava realizando a Etapa III do estágio curricular supervisionado, o qual consiste pelo acompanhamento e estudo de um professor da escola. No entanto, deixa evidente, já em sua primeira fala uma *insatisfação* com sua primeira experiência em sala de aula. A licencianda, havia aplicado uma prova e descreve essa experiência da seguinte maneira:

Eu tô fazendo a segunda e a terceira etapa agora e minha **primeira experiência** em sala de aula não foi muito boa, porque era **prova** eu ia ficar na **sala sozinha** enquanto os meninos estavam fazendo uma prova bimestral e era **piores turmas** de manhã. (...) E aí que **eu** saí de lá e falei assim, nunca mais eu entro numa **sala de aula**. (...) Era a **piores turmas** que eles não respeitam **professor**, não fazem nada, todos os **alunos** tiram nota ruim, todos pegam recuperação e tal, aí eu meio que fiquei assim. Mas as **professoras** conversaram comigo. Chegaram a conversar comigo. Falaram que não era para ficar assim que essa **turma** é assim mesmo e que não era para eu tomar como minha **primeira impressão**, que era para eu esperar as **outras turmas** tanto é que todos os professores todos os dias tem um aluno que leva alguma **ocorrência** naquela **sala**. (...) E eu não podia fazer nada, não sabia o **nome** de ninguém, só falava que não era para olhar. Me deu vontade de arrancar a **prova** de todo mundo, tava todo mundo **colando** na cara dura. (Rita, 14/05/2018)

Como haviam vários professores de greve nesse dia, a estagiária concordou em aplicar a prova em uma turma, a qual lhe informaram que era difícil de trabalhar. Porém, relata Rita, que só soube disso, depois de ter passado pela experiência. Ela destaca ainda que, sendo sua primeira vez

em sala, não foi algo bom. Também pontua o esforço de outros professores em fazê-la, ver que não levasse como sua primeira impressão. Os actantes, elencados por Rita, no relato de sua experiência agiram causando efeitos negativos, que a levam a cogitar nunca mais “entrar numa sala” e “arrancar a prova de todo mundo”. Tais efeitos estão atribuídos as associações entre os actantes: *prova; pior turma, sala de aula, primeira experiência/impressão, alunos, cola, Rita sozinha*. Ainda que tenha havido actantes que tentaram *mediar* (Latour, 2012) os efeitos da rede de Rita para outro lugar, como: *professoras, outras turmas, professores, ocorrência*.

Durante o depoimento de Rita, outra estagiária a questiona se ela teria recebido orientações de como agir, em alguma situação e esta destaca o fato de não ter recebido.

Te colocaram **lá** e não falaram o que você tem que fazer? (Marie, 14/05/2018)

É, **você** só tem que ir lá para aplicar a **prova**. (Rita, 14/05/2018)

**Ninguém falou** assim, se alguém levantar, se alguém virar para trás, o que que você tem que fazer? (Marie, 14/05/2018)

Te pediram? Como que foi? (Monitora pesquisadora, 14/05/2018)

Não, só falaram assim, fica lá até aplicar prova, até conseguir **alguém** para ficar **lá**. (Rita, 14/05/2018)

Mas não perguntou se **você** queria? (Monitora pesquisadora, 14/05/2018)

Não, perguntou se **eu** podia, falei posso só ficar lá observando. (Rita, 14/05/2018)

O que impressiona a colega de Rita é o fato de sua colega, ter sido colocada em uma situação sozinha e sem maiores esclarecimentos e instruções. Porém, Rita responde levando-nos a crer que, houve uma falta de diálogo. Não obstante, esta situação cria uma oportunidade para intervenção do professor-orientador que, pontuou algumas questões sobre esse tipo de situação.

Tá bom aí tem uma questão de **orientação**. Você não vai ficar em **sala de aula sozinha**, tá muito cedo e a situação tá muito, digamos assim, não controlada. Pra você tá nesse **contexto**. Você não pode ter esse primeiro tipo de **experiência**, não que o primeiro tipo de **experiência** vai ser o mais agradável, tudo certinho, mas esse é um caso muito extremo e o risco disso criar uma **memória negativa** para sua **prática** é muito grande. Então, se tiver outra **oportunidade** você vai falar que não pode, que o **seu orientador** falou que você não deve estar nesse lugar. Você só pode estar em **sala de aula** com o **professor regente**, você está fazendo só acompanhamento. Se der algum problema você pede cancelamento do estágio e a gente termina em outras escolas. Nesse momento, o risco de uma **memória muito negativa** e de criar **trauma**, essas coisas, é muito grande e eu sei como é que a gente fica sensibilizado nesses momentos. Isso não pode acontecer. Você tem que entrar no **terreno** mais confortável e depois a prática vai aparecendo de várias formas no **contexto**, pra você não pegar esse **contexto** e falar que ele reproduz tudo que você viu, sabe, porque assim fica muito marcado. Então, entendo que esse foi um

problema, mas que vocês consigam ver outras questões. (Professor Orientador, 14/05/2018)

Nesse momento, o professor orientador do estágio, já pontua sobre os riscos que estas situações, logo no início das experiências podem causar. Em sua perspectiva, os estagiários não devem ir além do que é acordado em cada etapa, firmado pelos documentos orientadores e reguladores do estágio. Pois, os primeiros impactos vivenciados pelos estagiários, durante a sua formação, podem ser definitivos na escolha de seguir ou não a carreira docente, bem como, pode influenciar no movimento de construção de sua identidade profissional. Nesse movimento, o professor-orientador arregimenta os seguintes actantes na rede de Rita: *Rita acompanhada da professora regente, contexto, terreno confortável, primeira experiência, memória negativa, trauma.*

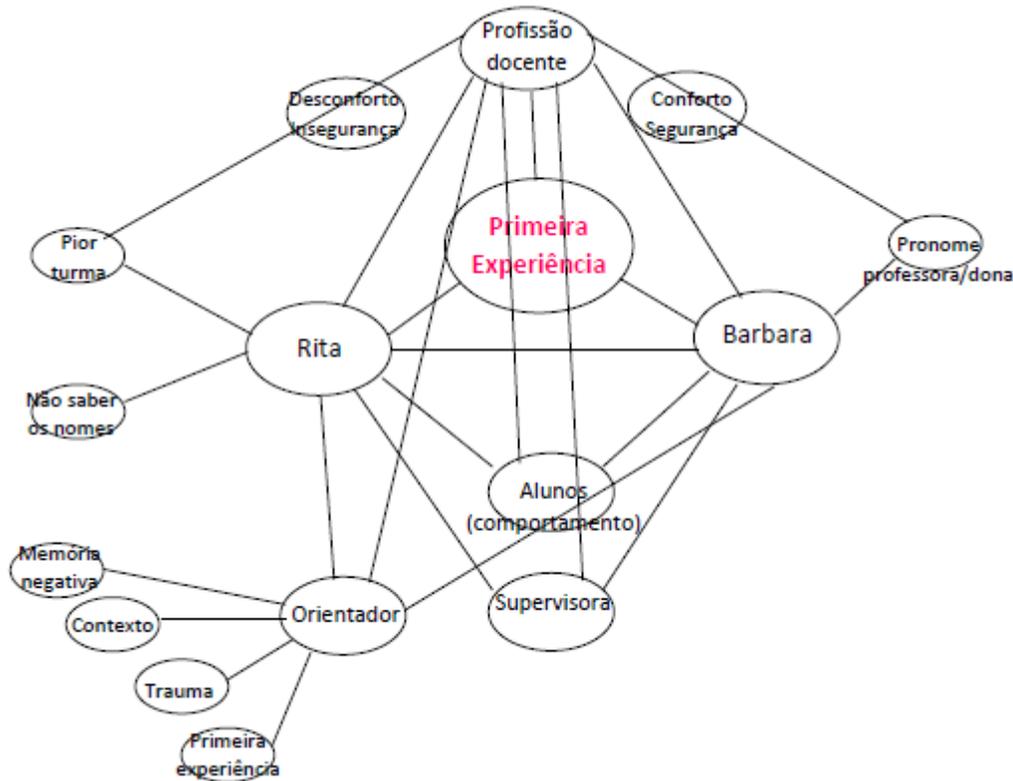
O trabalho de Allain (2015), traz a perspectiva de como, nos momentos iniciais da construção da identidade docente, uma série de fatores (actantes) influenciam os licenciandos, mesmo antes deles entrarem no curso superior. Allain (2015), em sua pesquisa identificou e acompanhou a formação do que intitulou de grupos favoráveis a construção da identidade docente e de outros contra-identitários. Segundo Latour (2012), grupos formam-se, desfazem-se e refazem-se o tempo todo. Sendo assim, para podermos visualizar esses grupos é necessário seguir os rastros de suas associações, e, não prever uma categoria, para isso, é necessário que o grupo possua portavozes, os actantes. Cada vez que um grupo forma-se, outro grupo contrário a ele, forma-se pois, “toda formação de grupos está acompanhada da busca de um amplo leque de características mobilizadas para consolidar as fronteiras deste grupo contra as pressões adversas dos grupos antagônicos que ameaçam dissolvê-lo” (LATOUR, 2012, p. 57)

Allain (2015), notou que, nos primeiros grupos estão actantes que contribuem para a construção e fortalecimento da identidade docente, dessa maneira, são actantes que se associaram antes do ingresso dos licenciandos no curso, tais como: educação Básica, as percepções que tinham sobre a docência, a possibilidade de cursarem o curso à noite. Surpreendentemente, Allain (2015) averiguou que, mesmo em cursos de formação de professores, há um bom conjunto de elementos, os quais agem afastando os jovens professores da carreira docente, e esses estão associados em um segundo agrupamento, sendo estes: ICB (Instituto de Ciências Biológicas), Currículo, Grupo Contradocência, pesquisa, Percepções da docência, Relação teoria e prática, Professores Formadores, Estágio Supervisionado, FAE (Faculdade de Educação).

O que essas experiências nos dizem sobre a reflexão? As primeiras experiências na

docência, parecem ser momentos especiais na vida de professores em formação. Quer seja por estarem marcadas por aspectos positivos, como os primeiros instantes de percepção, enquanto professor ou professora ou, pelas relações amistosas e respeitadas com os estudantes. Quando o oposto acontece, elas também marcam negativamente os licenciandos, uma vez que, relações desrespeitosas e a falta de apoio no contexto da prática, podem contribuir para afastar esses sujeitos da carreira docente e dificultar suas construções identitárias, enquanto professores. Nesse momento, podemos constatar a importância do professor orientador, como um mediador nesses momentos iniciais, porquanto, busca minimizar os efeitos e impactos negativos que podem ser criados pelos estagiários. No entanto, temos indícios que na relação com estas memórias, socialização com os colegas, mediação do professor e monitores, os estagiários passam a considerar outros elementos de sua prática e voltam à elas com um pensamento mais orientado, ponderado e, até mesmo, apresentando outras possibilidades de ação.

Na Figura 8, representada à seguir, podemos perceber como um mesmo actante pode agir de forma positiva durante a construção de uma reflexão e para outro professor em formação, pode agir de forma negativa ao se pensar sua carreira docente.



**Figura 7:** Representação da construção da reflexão sobre formação durante a primeira experiência com a docência.

A cor rosa representa o actante focal (formação), o azul representa os estagiários os actantes que corroboram para essa formação e preto os actantes que formam um anti-grupo contrário a essa formação.

#### 4.2.3 A formação de grupos: uma estagiária entre dois perfis de professora de Biologia

Neste tópico, buscamos compreender e analisar outros momentos de reflexão. Eles tratam da experiência de uma estagiária, durante uma palestra sobre o cursinho popular oferecido para a comunidade, e como os objetivos e metodologia de ensino desenvolvida em suas aulas, a fizeram pensar sobre sua formação e preparação para a carreira docente.

O momento I, diz respeito ao relato da estagiária Lisa<sup>23</sup> que estava na primeira etapa do estágio e observava o ensino de Ciências em espaços não formais/informais de educação. Em conversas com o professor orientador de estágio, Lisa propôs desenvolver a sua observação em eventos variados, que eram oferecidos pela universidade. A proposta, era que ela pudesse vivenciar e observar aspectos dessa relação da universidade-comunidade. Portanto, as orientações do professor-orientador eram que Lisa, tivesse as seguintes questões em mente: Como era feita a própria divulgação dos eventos? Quais eram os horários em que normalmente acontecia? Quais as condições de acessibilidade ao público? Qual o perfil desse público frequente? Dentre outras questões. Com isso, ao acompanhar os eventos oferecidos pela universidade, abertos a toda a comunidade, ela pode acompanhar uma vez por semana algum evento.

Na semana desse relato, Lisa foi no evento, intitulado *Encontro De Educação Popular*, com a proposta de informar, as pessoas as quais interessavam-se por participarem do cursinho popular ou em lecionarem aulas nesse cursinho, descrevendo também o seu funcionamento. No relato transcrito a seguir<sup>24</sup>, Lisa conta sobre como foi inesperado o que ela ouviu nesse espaço.

Só que aí eu fui achando que era uma coisa e chegando lá era outra coisa. (...) Porque eu não sabia a diferença entre o **cursinho popular** e um cursinho alternativo. **Cursinho alternativo** é aquele cursinho que é oferecido para a **população** com o intuito de ajudar alguém entrar na **universidade** e tal, e aí você passa o **conteúdo** né, para o **Enem** ou para o **vestibular**, pra o que a pessoa precisa, pra fazer a **prova do EJA**. E aí enfim, acabou o seu **compromisso**. Já o **cursinho popular** tem um **viés mais político**, vai pra além disso, pelo que eu entendi. (...) Não é só de refletir é bem **político** mesmo, né. (Lisa, 02/04/18)

<sup>23</sup> Feito no dia 02 de abril de 2018. A transcrição na íntegra deste evento se encontra em apêndice 3.

<sup>24</sup> Demarcado em negrito estão os actantes que participam desse momento de reflexão.

Logo no início de seu relato, Lisa elenca actantes que, mostravam-se aliados de um lado da rede, formando um grupo do *cursinho popular*, enquanto de outro havia um do *cursinho alternativo*. Esse último é composto pelos aliados actantes, *provas: Enem, vestibular, EJA e Universidade*. Quanto ao *cursinho popular*, a licencianda dá-nos a entender ser composto por estes esses actantes também, mas “vai pra além disso” quando a estagiária elenca o *viés mais político*. Essa fala de Lisa, dá oportunidade para que Rosalind, outra estagiária, intervenha com o seguinte comentário:

Eu não sei, mas é porque é tipo, de situar no **lugar** que você, onde você vive também. Contextualizar o **lugar** onde **você** vive também. (Rosalind, 02/04/18)  
A refletir sobre **isso** também né? (Lisa, 02/04/18)

Rosalind, adiciona mais elementos como actante *lugar* na relação de *contextualizar*, estabelecendo relações entre os alunos, com o lugar em que estão inseridos.

Dessa maneira, avaliamos que o actante *político*, destacado por Lisa, para referir-se ao papel do cursinho popular, fez com que ela refletisse sobre os objetivos desse curso. Um dos monitores do estágio, o qual participava como docente nesse cursinho, e também esteve na organização dessa palestra, tentou esclarecer o que era esse viés político citado pela estagiária, unindo-o a construção dessa reflexão.

E a questão que um monte de gente fala de **política** é nesse sentido de se entender enquanto um **sujeito político**, se entender enquanto um **sujeito de classe**, de entender seu **papel na sociedade** e entender também o **tipo de sujeito** que a gente quer que entre na **universidade**, que ele tem um porquê de entrar na **universidade**, um processo de conhecimento, um processo político por trás disso também. Que é questão de não acabar ali. Normalmente o **cursinho** tem o objetivo que é passar **os meninos no vestibular**, e é isso, assim, tá acabado aí. (Galileu, 02/04/2018)

Tá acabado seu **compromisso** por aqui e não é bem assim. É mais de formar-se resistente. (Lisa, 02/04/18)

Galileu, o monitor-pesquisador, participou da reflexão ajudando Lisa a compreender os objetivos do cursinho, para isso, alguns actantes associaram-se a outros relatos, com vistas a formação da rede dessa reflexão: o actante *política* volta a ser elencado, mostrando sua forte agência, *sujeito de classe, sujeito político, universidade, papel na sociedade*, e o actante *compromisso* volta a ser citado. Esta explicação, oferece a estagiária, à oportunidade de começar a repensar sobre seu processo de formação. Em sua última fala, destacamos que o *compromisso* a faz ver que ensinar nesse cursinho é ir muito além de apenas transferir conhecimentos.

E aí que a proposta é legal e tudo, só que eu fui no intuito também além de falar assim: vou ali fazer o **estágio**. Eu fui também conhecer ele. O **Galileu** já tem muito tempo participando dessa construção do **cursinho popular** e a (**colega de sala**) também. Eles já me chamam já tem um ano para ajudar nesse **cursinho** e eu nunca tinha tempo, nunca batia o horário, aí eu falei agora eu vou. Fui lá ver, conhecer, porque você não pode ir **lá** só dar aula, como é que eu ia saber que eu ia fazer né (...) Sei lá eu acho que eu não tô preparada pra tudo **isso** aí não. Achei massa a **proposta** né, mas é muito maior do que ensinar Mitose e Meiose.

E eu não sei fazer **isso**. Então aí eu tava refletindo sobre **isso**, como eu vou fazer, como eu poderia fazer **isso**. (...) Eu saí de lá com a certeza de que eu não tô sabendo que eu tô fazendo **aqui**. (Lisa, 02/04/2018)

Nesse momento, evidenciamos que a reflexão da estagiária, quando reflete sobre sua formação enquanto professora. Utilizamos aqui o mesmo termo de Lisa, quando expressa que estava “refletindo sobre *isso*”, referindo-se à como essa discussão, faz-lhe pensar sobre ser uma professora no cursinho popular. Assim, compreendemos que, o cursinho popular, trago por Lisa e complementado por Galileu, suas propostas e de vários actantes, vão sendo associado a ele, ofereceram condições para emergirem na reflexão de Lisa. Quando a estagiária, questiona-se sobre a proposta ser “muito maior do que ensinar”, além de apenas uma transferência de conteúdo, como no caso “mitose e meiose”. Tal situação, permitiu-lhe repensar e lançar dúvidas se, realmente encontrava-se pronta para lecionar.

Outro actante, que se destaca nesse momento é *contexto político-social*, atrelado ao ensino. Algo que a estagiária se pergunta, na relação com o conteúdo de ensino ao se questionar, e também nas relações com o que vinha fazendo até o momento em sua própria formação.

É, é um passinho de cada vez, e **eu** tava naquele passinho ali que **eu** tava preocupada em como que **eu** ia escrever, como que **eu** ia me portar, o quê que **eu** ia falar para o **menino**, que eu ia responder, que que **eu** podia ou não podia. Era outras **preocupações**. Aí até então achei que tava resolvido. Pronto! Sei dá aula! (Lisa, 02/04/2018)

Lisa, marca um efeito na rede, resultado desse mapeamento de grupos, ou agrupamentos que colocam de um lado um ensino tradicional e outro, comprometido com viés político, as *preocupações*. Nesse momento, o professor-orientador interage com a estagiária, mostrando a importância de trazer suas reflexões e tentando tranquilizá-la quanto aos processos e etapas de sua formação.

Como é sua relação com a **Biologia**? Como eu vou fazer **isso** como **professora**? E pera aí, e aí o **Galileu** fala na escola. A gente não faz **isso**? E se a gente não faz a gente faz o que? O que que é feito nesse **lugar** de que deveria ser feito. Percebeu que eu tô colocando um monte de **perguntas** e até fazendo uns trocadilhos pra justamente nos questionar

mesmo? Agora você pode tentar. Agora você tá tendo um outro tipo de **reflexão**, você já teve um contato, as portas estão abrindo. E aí? (Professor orientador, 02/04/2018)

Nossa e agora eu quero **sair correndo!** (Lisa, 02/04/2018)

Mas fica calma porque quando você começou com a (professora) e mesmo agora, suas **preocupações** são outras, do ponto de vista nem mais nem menos importantes, mas são **questões** mais urgentes, digamos assim, que batem à sua porta. Como é que eu vou falar com aluno? Como é que eu vou responder para ele? Será que eu sei **biologia**? (Professor orientador, 02/04/2018)

O professor-orientador, participa da construção dessa reflexão, salientando a normalidade do surgimento de várias questões, nesses momentos. Dessa forma, fundamentados nos estudos latourianos, entendemos que, este pretende alterar esse efeito da rede, para que a estagiária não queira “sair correndo” (Lisa, 02/04/2018) que fique, portanto, “calma” (Professor orientador, 02/04/2018) diante de vários questionamentos. Assim, sua tentativa é a de que Lisa, compreenda que, essas preocupações são normais e próprias da situação em que ela se encontra.

Com as reflexões que emergiram durante os diálogos desse evento, pudemos notar que, algumas relações com o modelo do tecnicista, ainda utilizado na estrutura dos cursos de licenciatura. Pois, neste modelo, segundo Diniz-Pereira (2014), bastaria a aplicação da prática aos conhecimentos teóricos, adquiridos nas disciplinas de conteúdo específico, o que reduz a atividade docente como a de um técnico. Como se pôde observar, Lisa parece se dar conta de que, as demandas para o ensino no estágio, vão além do domínio do conteúdo e de técnicas de ensino, visto que, fizeram-lhe despertar certa insegurança sobre aspectos da carreira docente.

Para Alarcão, ser reflexivo “é ter a capacidade de utilizar o pensamento como atribuidor de sentido” (ALARCÃO, 1996, p.175), ou seja, observar o momento desejado e buscar sentido para suas ações, atribuindo novos sentidos. Ao notar, quais eram os objetivos de ensino do cursinho popular que vai para além de ensinar/transmitir conteúdos Lisa, começa a atribuir novos sentidos e reformular sua ideia sobre, em que acreditava ser os objetivos de uma professora de biologia.

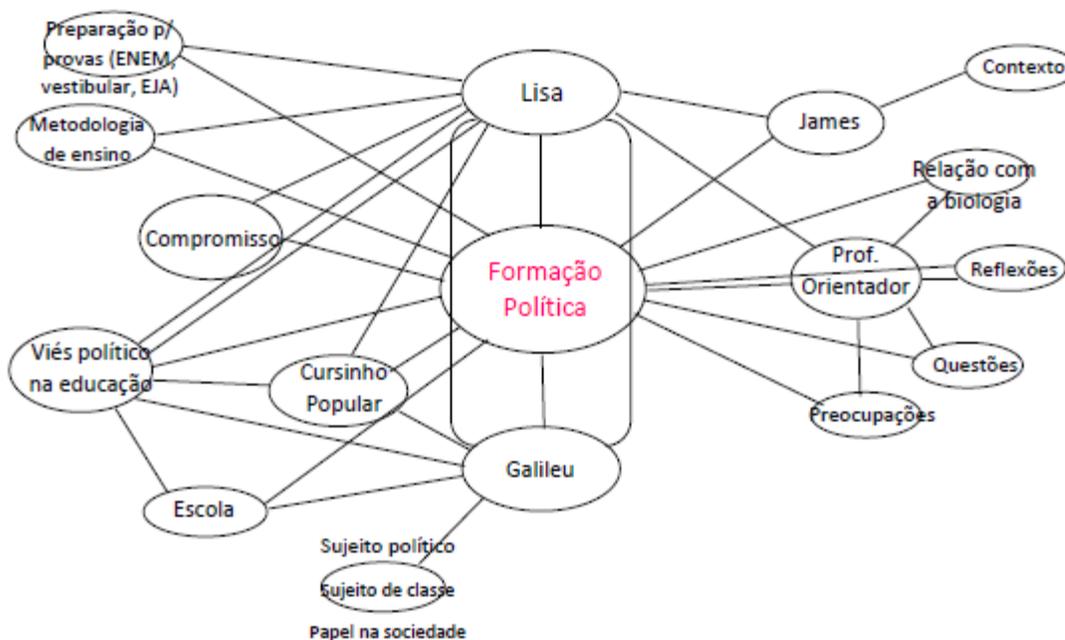
É importante ressaltar, mais uma vez, a dimensão social e performativa da reflexão. Afinal, é nas interações com os outros que, Lisa pôde desenvolver tais pensamentos. O professor orientador, teve fundamental participação na construção de reflexões elucidadas, por uma das estagiárias, conduta imprescindível na formação de professores, afinal como destaca Zeichner (1993)

Com o conceito de ensino reflexivo, os formadores de professores têm a obrigação de ajudar os futuros professores a interiorizarem, durante a formação inicial, a disposição e a capacidade de estudarem a maneira como ensinam e de a melhorar com o tempo, responsabilizando-se pelo seu próprio desenvolvimento profissional. (ZEICHNER, 1993,

p. 17).

O que demonstra a importância de ter calma e conseguir pensar seu desenvolvimento em cada etapa de sua formação, de acordo com o que as experiências vão permitindo. Embora, além do professor orientador podemos ver a importância das associações com outros estagiários (actantes) e o monitor-pesquisador que também, mediaram a construção da reflexão iniciada por Lisa, no que se refere a formação política, bem como, de outros atores não-humanos, como melhor representado na Figura 9:

REDE – Cursinho popular e formação política



**Figura 8:** Representação da construção da reflexão sobre uma formação política.

A cor rosa representa o actante focal (formação política), o azul representa os movimentos que corroboram para essa formação e laranja os que formam um anti-grupo contrário a essa formação.

A rede, permite-nos visualizar os movimentos dos actantes, formando dois agrupamentos, o do cursinho popular e do cursinho alterativo. Eles agem na tentativa de arregimentar Lisa, levando-a construir, uma identidade docente atrelada a um perfil político ou a outro conteudista, ligado ao ensino estrito dos conteúdos de Biologia e a aprovações em exames, respectivamente.

Em consonância, Lisa coloca-se entre estes agrupamentos que tentam aliciar-lhe. Assim, professor-orientador, monitor-pesquisador, colegas, o ENEM, o vestibular, a Mitose, Meiose, o viés político, a universidade, os alunos das escolas e outros actantes elencados, em experiência travam uma batalha para produzir efeitos no corpo da estagiária que ora mais, ora menos, podem levar a ser arregimentada por algum deles.

### **4.3 As associações que o grupo formado proporcionou**

Os três momentos escolhidos, para a análise deste estudo, nos mostraram situações nas quais, a construção de processos reflexivos na formação de professores, emergiu diante de movimentos de associação e desassociação de actantes performaram redes provocando efeitos variados.

A entrada para análises nesses momentos, deu-se pela identificação de duas situações de controvérsias, as quais diziam respeito à *escola pelo local de estagiar e os sentimentos sobre as primeiras experiências na docência*. Portanto, entendemos como controvérsia, pois, a mesma tarefa colocada para as estagiárias, ocasionou efeitos opostos e, as conduziram para lados diferentes na resolução desta situação. Além disso, também foi importante analisar, a ocasião em que houve a formação de dois grupos, bem marcados que apresentaram distintas possibilidades de docência para a professora em formação.

Dessa maneira, as redes foram compostas por elementos que, estiveram presentes tanto no conteúdo das falas das estagiárias sobre suas experiências escolares, quanto no resultado dessa fala para o grupo nas reuniões de socialização dessas experiências (professor-orientador, pesquisadora, pesquisador-monitor e colegas). Em resumo, a rede é o resultado dessa experiência na escola, aliado à sistematização pelo estudante-estagiário em sua fala e o retorno pelos membros do grupo. O efeito, foi sempre entendido na perspectiva de como isso afetou o actante principal (o estagiário quem relatava a experiência) portanto, nos pontos de vista de Chien, Marie, Lisa, Rita e Bárbara, ficávamos atentos em utilizarmos os mesmos termos (ou muito similares) àqueles adotados, por cada uma das professoras em formação. Quando elas disseram, como esta experiência lhe afetou, compreendíamos aquilo, como um efeito da rede e, os principais mapeados por nós foram: intimidade, desconforto, oportunidade para os alunos, familiaridade e afastamento (“sair correndo”, Lisa).

Nesses movimentos, foi possível averiguarmos oportunidades de reflexão nos relatos dos

estagiários. Afinal, em conjunto com o grupo e a situação em que se encontravam, estes fizeram ponderações, apresentaram expectativas, elaboraram estratégias, explicitaram desejos, fizeram apostas e apresentaram outras possibilidades de ação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Só após a descrição do que penso e do que faço me será possível encontrar as razões para os meus conceitos e para minha actuação, isto é, interpretar e abrir-me ao pensamento e à experiência dos outros para, no confronto com eles e comigo próprio, ver como altero – e se altero – a minha *práxis* educativa” (ALARCÃO, p.182, 2005).

O objetivo da pesquisa que fundamentou este texto foi o de investigar os processos de reflexão em professores em formação de Ciências e Biologia na perspectiva da Teoria Ator-Rede (ANT). O campo de pesquisa foram as reuniões de orientação do estágio curricular supervisionado. Identificamos que no ato de relatar os acontecimentos ocorridos no estágio, os licenciandos estabelecem interações com o grupo que os acompanha na disciplina e com aqueles que estiveram presentes durante o desenvolvimento das atividades na escola. Em algumas destas situações percebemos oportunidades de construção de reflexões que se deu pelos movimentos que os licenciandos construíram com os atores humanos e não humanos (LATOUR, 2011, 2012). Essas associações proporcionaram condições para que os professores em formação pudessem (re)formularam propostas, questionar, ponderar e proporem outras ideias visando melhorar a sua prática profissional.

**As *controvérsias*** (LATOUR, 2011, 2012) se demonstraram o principal momento para as análises nessa pesquisa, pois elas possibilitaram visualizar as ações e associações dos actantes que emergiram em momentos de reflexão. Como argumentam Coutinho e Viana (2019), nas controvérsias e durante os fluxos de tradução são momentos em que a rede deixa rastros visíveis e são possíveis de serem seguidas empiricamente pelos pesquisadores. Elas estimulam e trazem a possibilidade de ter uma prática reflexiva, pois traz a contradição/contrário fazendo com que os sujeitos pensem sobre suas escolhas e lugares. As controvérsias que forneceram estratégias de entrada para análise nessa investigação referem-se a duas situações dos estágios que dizem respeito a: *escolha pelos espaços para realizarem o estágio* e a *primeira experiência em sala de aula de professoras iniciantes*. Nos parágrafos a seguir apresentamos algumas conclusões construídas a partir das análises e dos resultados em nosso estudo.

**A socialização das experiências dos estágios enquanto formação de redes.** Nos momentos analisados neste estudo, percebemos um significativo número de actantes que mediarão

a construção da reflexão dos estagiários, a saber: *professora, etapas do estágio, escola que estudou, Chien enquanto aluna, Marie, profissão docente, Rita, Bárbara enquanto professora, pior turma, professor-orientador, alunos da educação básica, supervisora, Escola x, Escola Z, Rita, condições de acessibilidade da escola, estrutura da escola, Ensino Médio, laboratório de Ciências, banheiro para professores, banheiro para deficientes, Lisa, Galileu, formação política, cursinho popular, sujeito político, sujeito de classe, sociedade, escola, metodologias de ensino e provas*. Alguns tiveram maior destaque, por terem sido acionados com um número maior de vezes nas redes dos licenciandos e serem alvos de maior atenção, p.ex.: *estrutura da escola, laboratório de ciências, alunos da educação básica, professora da escola e metodologias de ensino*. O mapeamento dos actantes e suas atuações nos relatos dos licenciandos evidenciaram a influência com que estas entidades desempenharam em certos momentos durante as etapas do estágio. Notamos que alguns desses estiveram presentes nas experiências dos estagiários desde os seus momentos enquanto alunos da educação básica. Nas escolhas pelo local do estágio, por exemplo, vimos que optar por uma escola que já conhecia não era algo aleatório, mas esteve orientado por situações de reflexão que relacionam as experiências e vivências que os estagiários tiveram em suas antigas escolas com o que buscam vivenciar no estágio. Sendo possibilitada *por e com* as associações entre actantes que performam uma rede heterogênea de atores e que proporcionam uma oportunidade de reflexão. Nas situações analisadas, essa mobilização de actantes geraram quatro efeitos: *intimidade; desconforto; oportunidade e familiaridade*. Nesses momentos, os estagiários foram levados a comparar/contrastar situações deles enquanto alunos da educação básica com aquelas que iriam encontrar nos momentos de estágio.

**Os actantes formam grupos e podem captar o estagiário para eles.** A análise das redes sobre a “primeira experiência em sala” nos revelou a importância dessa etapa na formação de jovens professores. No relato de Lisa sobre sua experiência em cursinho popular vimos como há formação de grupos em torno da estagiária pode leva-la a se aproximar/afastar de uma perspectiva de docência mais conteudista ou com vieses políticos explícitos no ensino. Os movimentos de reflexão da estagiária a fazem ponderar sobre a metodologia de ensino adotada em um curso preparatório para vestibular e aquela que até então ela acreditava saber, sobre ensino como transmissão de o conteúdo. É de se destacar o papel do professor-orientador na universidade uma vez que ele é quem mobiliza a rede da licenciando para o cuidado e a importância de seguir as orientações elaboradas para cada etapa do estágio. Preocupando em como isto afeta a estagiária e

tentando *transladar seu interesse* (LATOURE, 2011) de volta às possibilidades de seguir a carreira docente. Nesse momento, vimos como é importante a mediação de alguém mais experiente, o professor-orientador, de modo que conduzir a estagiária a uma perspectiva de ensino mais coerente com as propostas do campo educacional.

**A construção da reflexão é um processo.** A reflexão geralmente é compreendida enquanto modos mais complexos, organizados, relacionais e analíticos de pensamentos alistando elementos de ordem variadas como experiências, conteúdos teóricos, culturais, contextuais entre outro. Podemos dizer que não nascemos reflexivos, mas sim que temos oportunidade de refletir na medida que estamos abertos para lidar com aquilo que não sabemos. De uma forma geral, notamos que inicialmente nos momentos de socialização os licenciandos falam de suas experiências de modos ainda bastante descritivos. Os licenciandos frequentemente costumam ser bastantes sintéticos nas suas falas sobre as experiências vivenciadas nos estágios. A impressão que se dá é que é mais uma fala para o professor (em termos de relatório) do que para ele mesmo ou para o grupo. São mais raras situações em que eles apresentam análises, interpretações, dúvidas, questionamentos, considerações e reflexões. Com o passar das aulas é que vão surgindo dúvidas que possibilitam os estagiários reposicionarem algumas de suas falas e pensamentos. Entendemos que refletir e tornar-se reflexivo é um processo no qual há barreiras que se colocam e os caminhos para superá-las podem não ser muito óbvios ou fáceis nos primeiros momentos. É com a experiência, estudo e na relação com o grupo, por meio de perguntas e comentários que eles falam mais e compõe melhor o contexto das experiências vividas, criando assim condições para ressignificar as ações conduzidas e de projetar outras que julguem serem melhores para/no contexto em que atuam, é nesse momento que a reflexão começa a ser construída e vai se modificando com a prática.

**Refletir é um ato social.** Esse estudo nos mostrou evidências do carácter social da reflexão. Desde a importância das interações entre estagiários e o professor-orientador, assim como com os pares e com os pesquisadores. Também com os atores não-humanos que compuseram a sala de aula de orientação, a disponibilização da mesa e cadeiras, os lanches, os diários de campo dos estagiários, que permitiram compor circunstâncias locais que permitiram o surgimento das interações entre os participantes. Nossos dados e discussões nos levam a entender que as oportunidades de reflexão são construídas nessas e por essas interações. Nos colocamos, neste aspecto, em uma perspectiva diferente da adotada por Schön (1992) quando credita um carácter um tanto individualista ao processo reflexivo. Também da de Korthagen (2001) que entende a reflexão

enquanto um processo eminentemente mental e intrapsicológico. Por outro lado, nos alinhamos a perspectiva defendida por Pimenta (2002) e Contreras (2002) que destacam os riscos de esvaziamento da terminologia professor reflexivo, ficando, apenas, no campo da reflexão e da prática individual. A atitude reflexiva para esses autores está imbricada em compreender o ensino como prática social e seu significado político, considerando todo o contexto, sujeitos e objetos envolvido nesse processo resultando em uma transformação social para que os sujeitos compreendam e assumam seu desempenho de papéis sociais. Ser reflexivo só é possível quando temos meios que possibilitem que esse processo aconteça, o que envolve as relações com outros sujeitos e com o ambiente material para isso.

**Os estágios curriculares supervisionados como potenciais espaços para a construção da reflexão na formação de professores.** A construção de um perfil reflexivo nos licenciados é um dos processos que requer uma atenção especial durante a formação de professores. Alarcão (1996), Pimenta (2002) e Contreras (2002) nos atentam para o fato de que não é qualquer reflexão e que ela não ocorre de qualquer maneira. Nós aprendemos a refletir nas relações que estabelecemos com outros atores que vão contribuir para a construção do nosso perfil como profissional docente. O estágio curricular supervisionado se mostrou como um ambiente importante para esse aprendizado, pois os licenciandos têm a oportunidade de serem colocados em contato com situações em que eles podem ter muito a dizer. Relatar junto aos colegas as experiências que vivenciam durante as etapas dos estágios criam possibilidades de (re)verem situações que podem passar despercebidas no momento de sua ação. É importante também destacar a mediação do professor-supervisor estágio, na responsabilidade de supervisionar, orientar e também estimular a construção de caminhos para se pensar a atuação nos contextos profissionais e também de colaborar para refletir sobre os cursos formativos dos próprios estagiários.

**O estágio como um ambiente de formação que consegue estabelecer relações entre multitemporalidades.** Notamos, a partir do exposto, que os licenciandos faziam relações temporais, indicando uma ação que pode ter ocorrido no passado, com uma possibilidade presente e conjecturando uma ação futura. Mostrando que ao mobilizar os tempos (passado/presente/futuro) suas escolhas estão sendo guiadas por essas relações. O que nos mostra que a prática reflexiva é um processo e não está finalizada nessas conclusões.

O acompanhamento desse semestre foi um importante momento de reflexão pessoal, devido

aos acontecimentos que puderam ser observados e muitas reflexões que foram construídas que abriram possibilidades de se pensar algumas controvérsias no contexto analisado. Por exemplo: como e por quê um dos principais momentos de formação pedagógica, o período do estágio, ainda é tão desvalorizado, não só pela universidade, mas algumas vezes pelos próprios licenciandos e professores da área. Essa controvérsia ressalta ainda mais a necessidade de se investigar o estágio nas ações dos estagiários. Durante o acompanhamento da disciplina de estágio, desde a elaboração do projeto piloto até a coleta de dados desse estudo, a ausência dos licenciandos e a falta de compromisso de uma parte dos estagiários com as atividades de formação propostas nessa etapa foram fatores que chamaram muito a atenção do porquê tantos discentes entram nos cursos de licenciatura tão desmotivados em relação a sua formação como futuros professores. Essa reflexão fez emergir a importância de se realizar pesquisas e trabalhos que valorizem a disciplina de estágio curricular nos cursos de licenciaturas.

Pesquisar os estágios se mostra cada vez mais importante para que os próprios licenciandos entendam seus objetivos, especialmente quando podemos dar voz e considerar o que eles dizem como fundamental em seu processo de aprendizagem. Compreender o papel dos estágios e a relação que se estabelece entre universidade, sociedade e escolas durante sua realização se mostra como uma possibilidade de valorização não só desse período de suas formações, mas da própria profissão docente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAIN, L.R. **Mapeando a identidade profissional de licenciandos em ciências biológicas**: um estudo Ator-Rede a partir do programa institucional de bolsa de iniciação à docência. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2015.

ALARCÃO, Isabel. **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996.

AMARAL, M.J; MOREIRA, M.A; RIBEIRO, D. O papel do supervisor no desenvolvimento do professor reflexivo: estratégias de supervisão. In: Alarcão, I. (Org.). **Formação reflexiva de professores**: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 1996, p. 91-122.

ANDRÉ, M.E.D.A. Dez anos de pesquisa sobre formação de professores. In: BARBOSA, R.L.L. (Org.). **Formação de educadores**: artes e técnicas, ciências e políticas. São Paulo: Ed. UNESP, 2006. P. 605-616.

BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Qualitative Research for Education**. An introduction to theory and methods, Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BONADIMAN, H. L.; LEAL, M. C. . Formação docente e currículo na perspectiva de estagiários de uma Licenciatura em Química. In: Maria Assunção Calderano. (Org.). **Estágio Curricular: Concepções, Reflexões Teórico-práticas e Proposições**. 1ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012, v. , p. 65-84.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 2, de 1 de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e para formação continuada. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2017-pdf/70431-res-cne-cp-002-03072015-pdf/file>> .

BUSCH, K. **Dingsprache und Sprachmagie**: Zur Idee latenter Wirksamkeit bei Walter Benjamin. eipcp multilingual webjournal. Dic. 2006.

CALDERANO, M.A. **Estágio Curricular**: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012.

CAMPOS, S.; PESSOA, V.I.F. Discutindo a formação de professores e professoras com Donald Schön. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

CARVALHO, A.M.P.; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores de ciências**: tendências e inovações. 10. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011. 127 p. (Questões da nossa época; v. 28).

CARVALHO, A.M.P.; GIL-PÉREZ, D. O saber e o saber fazer do professor. In: CASTRO, A.D.; CARVALHO, A.M.P. (Org.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2001. Capítulo 6 pg.107-124. ISBN 9788522102426.

COBIO. Coordenação do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de São João del Rei. **Instrução Normativa 12/2015 COBIO**. Regulamentação dos estágios curriculares supervisionados no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da UFSJ. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/cobio/IN%2012%20COBIO%20-.pdf>>.

CONTRERAS, J. **A autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

COUTINHO, F.A.; LISBOA, D.P.; OLIVEIRA, D.P.L.; SILVA, F.A.R. **Teoria Ator-Rede, Literatura e Educação em Ciências**: uma proposta de materialização da rede sociotécnica em sala de aula. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte/MG, v. 18, n.1, p. 47-64, abr 2016. ISSN 1983-2117.

COUTINHO, F.A.; MATOS, S.A.; SILVA, F.A.R. Aporias dentro do movimento ciência, tecnologia, sociedade e ambiente. Apontamentos para uma solução. **Revista da Associação Brasileira de Ensino de Biologia**, n.7. Out. 2014

COUTINHO, F.A.; VIANA, G.M. **Teoria Ator-Rede e Educação**. Appris. 1 ed. 2019. 193 p.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

DEWEY, John. **How We Think. a Restatement of the Relation of Reflective Thinking**. D. C. Heath and Company, 1933. 301 p.

DINIZ-PEREIRA, J.E. **Da racionalidade técnica à racionalidade crítica: formação docente e transformação social**. PERSPEC. DIAL.: REV. EDUC. SOC., Naviraí, v.01, n.01, p. 34-42, jan-jun. 2014.

FENWICK, T. EDWARDS, R. Actor-network Theory and Education. London, Routledge. 2010

FREIRE, L.L. **Seguindo Bruno Latour: notas para uma antropologia simétrica**. Comum - Rio de Janeiro - v.11 - nº 26 - p. 46 a 65 - janeiro / junho 2006

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 11. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002. 176 p. (O mundo, hoje ; 10). ISBN 8521903774.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016. 144 p. ISBN 9788577531639

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013. 253 p. ISBN 9788577531646

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.561 e 628.

GRAHAM HARMAN. **Prince of Networks: Bruno Latour and Metaphysics**. Melbourne: re-press, 2009; 247 p. ISBN: 978-0980544060.

GREEN, J.; BLOOME, D. 'Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective' in Flood, J., Heath, S and Lapp, D (eds.), **A handbook of research on teaching literacy through the communicative and visual arts** (pp 181-202) New York, Simon and Shuster Macmillan. 1997.

JUNKER, B.H. **A importância do trabalho de campo**. Rio de Janeiro, Ed. Lidor, 1971.

KORTHAGEN, Fred AJ, et al. **Linking practice and theory: The pedagogy of realistic teacher education**. Routledge, 2001.

LATOUR, B. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. Tradução de Ivone C. Benedetti. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 422 p.

\_\_\_\_\_, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

\_\_\_\_\_, Bruno. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia**. Bauru: EDUSC, 2004.

\_\_\_\_\_, Bruno. **Reagregando o social**. Bauru, SP: EDUSC/ Salvador, BA: EDUFBA, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U, 2003.

MALDANER, O.A. **A formação inicial e continuada de professores de química**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2000, 419 p. (Educação em química ;). ISBN 8574291269.

MELO, M de F A de Q e. **Voando Com a Pipa: Esboço para uma psicologia social do brinquedo à luz das idéias de Bruno Latour**. 2006. 410 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Uerj, Rio de Janeiro/São João Del Rei, 2006.

MORAES, M. **A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas**. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. 11(2): 321-33, maio-ago. 2004.

OLIVEIRA, E.P. **Revisitando o educar: uma reflexão a partir do filme “Escritores da Liberdade”**. SARE, v. 1, n. 1, 2007.

OLIVEIRA, I.; SERRAZINA, L. **A reflexão e o professor como investigador**. In GTI – Grupo de Trabalho de Investigação (Org.), Reflectir e investigar sobre a prática profissional. Lisboa: Associação de Professores de Matemática. 2002, p.29-42.

PEREIRA, R.C.B.; PEREIRA, R.O. O estágio supervisionado no contexto da formação de professores. In CALDERANO, M.A. (Org.) **Estágio Curricular: concepções, reflexões teórico-práticas e proposições**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2012. P. 21-34

PIMENTA, S.G.; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, S.G.; GHEDIN, Evandro (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, A.L.G.; FONTANA, R.A.C. Trabalho escolar e produção de conhecimentos. In: MACIEL, L.S.B.; SHIGONOV NETO, A. (Org.). **Desatando os nós da Formação Docente**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

QUEIROZ E MELO, M.F.A. **Voando com a pipa: esboço para uma Psicologia Social do Brinquedo à luz das idéias de Bruno Latour**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós graduação em Psicologia Social da UERJ, 2007.

SANTOS, A. E. S. **A divulgação do conhecimento científico-acadêmico em uma revista especializada: uma análise Ator-Rede**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil, 2018.

SCHNETZLER, R.P. O professor de ciências : problemas e tendências de sua formação. In: PACHECO, R.P.; ARAGÃO, R.M.R. (Org.) **Ensino de ciências: fundamentos e abordagens**. Capes/UNIMEP, 2000.

SCHÖN, Donald. **The reflective practitioner**. New York: Basic Books, 1983.

\_\_\_\_\_. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (Org.).

Os professores e sua formação. Lisboa: Don Quixote, 1997. p. 77- 92.

\_\_\_\_\_. **Educando o profissional reflexivo**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

VALADARES, J.M. O professor diante do espelho: reflexões sobre o conceito de professor reflexivo. IN: PIMENTA, S.G.; GHEDIN, E. (orgs). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

VENTURINI, T. **Diving in magma: how to explore controversies with actor network theory**. Public Understanding of Science, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

VIANA, G. M. **Construções de relações teoria-prática na formação de professores de Ciências e Biologia**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2014.

ZEICHNER, Kenneth. M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: EDUCA, 1993

## ANEXOS

### Anexo 1: Cartas de apresentação dos estágios.

#### Anexo 1.1 - Carta de apresentação do estágio etapa 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ  
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002  
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROEN  
COORDENADORIA DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – COBIO

São João del-Rei, / /

Prezado Senhor/ Prezada Senhora,

Venho, por meio desta, apresentar a V.S.<sup>a</sup> o(a) aluno(a) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas abaixo identificado, que pretende realizar um Estágio nesta Instituição.

Atenciosamente,

Coordenador do Curso de  
Ciências Biológicas – UFSJ

Dados do Aluno	
Nome	
Matrícula UFSJ	
Dados da Unidade Curricular	
Nome	Estágio Curricular Supervisionado
Etapa	I – Observação e estudo de espaços não-formais de ensino
Carga horária:	O tempo e duração do estágio na sua instituição será acordado entre o professor-coordenador do estágio e V.S. <sup>a</sup> .
Objetivos	(i) Experiência de observação de outros espaços da comunidade os quais possuem uma dimensão educativa para além das instituições escolares; (ii) Conhecimento dos espaços físicos, da população atendida e dos diferentes sujeitos que compõem esses espaços educativos bem como de suas práticas; (iii) Refletir sobre a possibilidade das relações desses espaços com a atuação do professor de Ciências Naturais e/ou Biologia.

## Anexo 1.2 - Carta de apresentação do estágio etapa 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ  
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002  
PRO-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROEN  
COORDENADORIA DOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – COBIO

São João del-Rei, / /

Prezado Senhor/ Prezada Senhora,

Venho, por meio desta, apresentar a V.S.<sup>a</sup> o(a) aluno(a) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas abaixo identificado, que pretende realizar um Estágio nesta Instituição.

Atenciosamente,

\_\_\_\_\_  
Coordenador do Curso de  
Ciências Biológicas – UFSJ

Dados do Aluno	
Nome	
Matrícula UFSJ	
Dados da Unidade Curricular	
Nome	Estágio Curricular Supervisionado
Etapa	II – Observação e estudo de uma escola.
Carga horária:	<i>O tempo e duração do estágio na sua instituição será acordado entre o professor-coordenador do estágio e V.S.<sup>a</sup>.</i>
Objetivos:	(i) Experiência de observação e de um estudo aprofundado de uma instituição escolar. (ii) Detalhamento dos espaços físicos e artefatos da escola estudada e dos diferentes sujeitos que compõem essa instituição bem como de suas práticas. (iii) Conhecimento e detalhamento das diferentes salas de aulas (séries e ciclos) que estão nessa escola e das diferentes turmas.

Universidade Federal de São João del-Rei. Campus Bom Bosco - CDB  
Praça Dom Helvécio, 74 – Fábricas. 36.301-160 - São João del-Rei - Minas Gerais  
Coordenação: Departamento de Ciências Naturais - DCNAT, BLOCO A, sala 2.05  
Telefone: (32) 3379-2478 E-mail: cobio@ufsj.edu.br

## Anexo 1.3 - Carta de apresentação do estágio etapa 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ  
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 19/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROEN  
COORDENADORIA DOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – COBIO

São João del-Rei, / /

Prezado Senhor/ Prezada Senhora,

Venho, por meio desta, apresentar a V.S.<sup>a</sup> o(a) aluno(a) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas abaixo identificado, que pretende realizar um Estágio nesta Instituição.

Atenciosamente,

Coordenador do Curso de  
Ciências Biológicas – UFSJ

Dados do Aluno	
Nome	
Matrícula UFSJ	
Dados da Unidade Curricular	
Nome	Estágio Curricular Supervisionado
Etapa	III – Observação e acompanhamento de um docente.
Carga horária:	O tempo e duração do estágio na sua instituição será acordado entre o professor-coordenador do estágio e V.S. <sup>a</sup> .
Objetivos:	(i) Acompanhar o processo de planejamento e execução de aulas de um professor da educação básica que leccione Ciências e/ou Biologia; (ii) Auxiliar o professor-tutor de estágio no desenvolvimento de pequenas tarefas (p.ex.: corrigir tarefas; organizar grupos, auxílio no desenvolvimento de práticas e em saídas de campo); (iii) Conhecimento do alunado; (iv) Acompanhar o docente no desenvolvimento de outras atividades profissionais além da sala de aula (reuniões com os pais e a comunidade escolar; preenchimento de relatórios e diários de classe, etc...)

## Anexo 1.4 - Carta de apresentação do estágio etapa 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI – UFSJ  
INSTITUÍDA PELA LEI Nº 10.425, DE 13/04/2002 – D.O.U. DE 22/04/2002  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROEN  
COORDENADORIA DOS CURSOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS – COBIO

São João del-Rei, / /

Prezado Senhor/ Prezada Senhora,

Venho, por meio desta, apresentar a V.S.<sup>a</sup> o(a) aluno(a) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas abaixo identificado, que pretende realizar um Estágio nesta Instituição.

Atenciosamente,

Coordenador do Curso de  
Ciências Biológicas – UFSJ

Dados do Aluno	
Nome	
Matrícula UFSJ	
Dados da Unidade Curricular	
Nome	Estágio Curricular Supervisionado
Etapa	IV – Regência
Carga horária:	O tempo e duração do estágio na sua instituição será acordado entre o professor-coordenador do estágio e V.S. <sup>a</sup> .
Objetivos:	(i) Planejamento em conjunto com o professor-tutor do estágio e sob supervisão do professor supervisor de estágio um conjunto de aulas a serem lecionadas em uma unidade de um tema específico dos conteúdos de Ciências e/ou Biologia; (ii) Execução de aulas que comporão uma unidade do conteúdo de Ciências e/ou Biologia acordado e previsto na programação de um professor da educação básica que leccione Ciências e/ou Biologia; (iii) Reflexão sistemática sobre essa experiência de planejamento e execução de um conjunto de aulas.

Universidade Federal de São João del-Rei. Campus Bom Bosco - CDB  
Praça Dom Helvécio, 74 – Fábricas. 36.301-160 - São João del-Rei - Minas Gerais  
Coordenação: Departamento de Ciências Naturais - DCNAT, BLOCO A, sala 2.05  
Telefone: (32) 3379-2478 E-mail: cobio@ufs.edu.br

## APÊNCIDES

### Apêndice 1: TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO DESTINADO A ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

Universidade Federal de São João del-Rei

Título do Projeto: “O Diário de Campo como instrumento de promoção da reflexão na formação de professores”.

Pesquisador responsável: Prof<sup>o</sup> Dr Professor Orientador Menezes Viana

e-mail: Professor Orientadorviana@ufsj.edu.br / fones: (32) 3379 5163

Pesquisador co-responsável: Larissa de Kássia Simões

e-mail: larissa-de-kassia@hotmail.com / fone: 035 99764 7790

#### **1. Esta seção fornece informações acerca do estudo em que você estará participando:**

A. Você está sendo convidado(a) a participar em uma pesquisa que tem como objetivo *Identificar como o Diário de Campo promove e transforma a reflexão dos licenciandos durante sua formação inicial* na disciplina de Estágio Supervisionado do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Para isso, serão estudadas as atividades desenvolvidas nessa disciplina durante as aulas ao longo deste ano. Os resultados deste trabalho poderão fornecer novos conhecimentos para que professores universitários possam melhorar suas atividades em sala de aula, contribuindo assim para a formação de professores.

B. Se você concordar, poderá participar da pesquisa de quatro formas:

- nível I de participação: permitir que os pesquisadores guardem cópias de algumas atividades que você fizer nas aulas para estudá-las depois.

- nível II de participação: permitir que os pesquisadores observem as aulas.

- nível III de participação: permitir que os pesquisadores gravem em áudio as atividades realizadas nas aulas.

- nível IV de participação: permitir que os pesquisadores filmem as atividades realizadas nas aulas.

C. Caso você participe desse estudo, não será necessário fazer nenhuma atividade além daquelas que já são parte da rotina da sala de aula.

D. Para preservar sua privacidade, seu nome, os dos outros participantes e da escola serão substituídos por nomes falsos (pseudônimos).

**2. Esta seção descreve os seus direitos como participante desta pesquisa:**

A. Você pode fazer perguntas sobre a pesquisa a qualquer momento e tais questões serão respondidas.

B. A sua participação é confidencial. Apenas os pesquisadores responsáveis terão acesso a sua identidade. No caso de haver publicações ou apresentações relacionadas à pesquisa, nenhuma informação que permita a sua identificação será revelada.

C. Sua participação é voluntária. Você é livre para deixar de participar na pesquisa a qualquer momento, bem como para se recusar a responder qualquer questão específica sem qualquer punição.

D. O(a) professor(a) da disciplina na qual a pesquisa será desenvolvida se compromete em aceitar as decisões dos estudantes que se recusaram a participar no estudo, evitando qualquer possível implicação para a avaliação dos alunos na disciplina.

E. Este estudo envolverá gravação de áudio e vídeo. Apenas os pesquisadores terão acesso a estes registros. Todos os registros, sem exceção, serão destruídos após o período de 5 anos.

F. Este estudo envolve riscos mínimos, ou seja, o risco a sua saúde mental ou física será similar àquele que você encontra normalmente em seu dia-a-dia.

“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da CEPSJ. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”.

Tel e Fax - (0XX) 32- 3379- 5598

e-mail: [cepsj@ufsj.edu.br](mailto:cepsj@ufsj.edu.br)

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Bairro, Dom Bosco, São João del-Rei, Minas Gerais, cep: 36301-160, Campus Dom Bosco

Se desejar, consulte ainda a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep): Tel: (61) 3315-5878 / (61) 3315-5879 e-mail: [conep@saude.gov.br](mailto:conep@saude.gov.br)

**3. Esta seção indica que você consente em participar de pesquisa:**

**Participante:**

A pesquisadora Larissa de Kássia Simões, aluna do curso de Mestrado em Educação, Processos Socioeducativos e Práticas Escolares da Linha de Pesquisa: Discursos e Produção de Saberes nas Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPEDU) da Universidade Federal de São João del Rei, seu orientador, Professor Dr. Professor Orientador Menezes Viana (DCNat-UFSJ) solicitam minha autorização para a participar neste estudo intitulado “O Diário de Campo como instrumento de promoção da reflexão na formação de professores”.

Eu concordo em participar desta investigação nos níveis indicados a seguir:

- \_\_\_\_\_ Nível I (utilização de atividades feitas em aulas de ciências)
- \_\_\_\_\_ Nível II (observação das aulas de ciências)
- \_\_\_\_\_ Nível III (gravação em áudio das interações em sala de aula)
- \_\_\_\_\_ Nível IV (filmagem de interações em sala de aula)

Eu li e compreendi as informações fornecidas e recebi respostas para qualquer questão que coloquei sobre os procedimentos de pesquisa. Eu entendi e concordo com as condições do estudo como descritas. Eu entendo que receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Eu, voluntariamente, aceito participar desta pesquisa. Portanto, concordo com tudo que está escrito acima e dou meu consentimento.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

Nome legível:

\_\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

**Pesquisadores:**

Eu garanto que este procedimento de consentimento foi lido e seguido e que eu respondi quaisquer questões que o participante colocou da melhor maneira possível.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Orientador da Pesquisa

Prof. Dr. Professor Orientador Menezes Viana  
Professor Orientadorviana@ufsj.edu.br

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador co-responsável

Larissa de Kássia Simões  
larissa-de-kassia@hotmail.com  
fone: 035 99764 7790

## **Apêndice 2: Projeto Piloto**

### **PROJETO: O Diário de Campo como instrumento de promoção da reflexão na formação de professores**

#### **OBJETIVOS:**

- **Geral:** Identificar como o Diário de Campo promove e transforma a reflexão dos licenciandos durante sua formação inicial
- **Específicos:**
  - Acompanhar a elaboração dos diários de campos de licenciandos
  - Observar o que emerge nas reflexões do licenciando a partir do diário
  - Observar se e como as reflexões se transformam
  - Mapear as principais experiências que promoveram discussões críticas

#### **METODOLOGIA**

Para essa investigação serão utilizados os diários de licenciandos durante o período do estágio supervisionado do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. No qual estarão descritas suas experiências vivenciadas no exercício da prática docente e as observações sobre os acontecimentos durante a prática.

Os estagiários terão uma frequência de dois/três dias semanais e será proposto que todos os dias logo após a saída do estágio seja gravado um vídeo, no qual ele apresenta suas impressões sobre as experiências vividas naquele dia. Ao final de cada semana o estagiário deverá reunir seus relatos gravados, ouvi-los e produzir um trabalho escrito (de aproximadamente 1 ou 2 laudas) repensando e refletindo sobre suas impressões relatadas. Ao reunir o material de quatro semanas o bolsista deverá mapear pontos que se destacaram nos relatos dos estagiários e realizar um grupo de discussão, buscando incentivá-los a repensarem sobre seus relatos e promover uma nova reflexão sobre as apresentadas nos relatos. Essas atividades deverão ocorrer durante um período de 1 semestre.

Ao final do período de elaboração dos diários e da reflexão em torno das experiências vividas, pretendemos observar como passar pelos quatro momentos de reflexão propostos por Shön (1992) : o “conhecimento na ação”, a “reflexão na ação”, a “reflexão sobre a ação” e a “reflexão sobre a reflexão na ação”; promovem e transformam a reflexão dos licenciandos em formação.

#### IV. PLANO DE TRABALHO e CRONOGRAMA

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Mês / Atividade
												Revisão de literatura
												Acompanhamento das escritas dos diários e reuniões mensais
												Entrevistas
												Sistematização e análise dos dados
												Finalização e redação do trabalho

**Revisão de literatura:** busca na literatura procurando por outros trabalhos que tenham realizado pesquisas semelhantes.

**Acompanhamento das escritas dos diários e reuniões mensais:** acompanhar os relatos destacando os momentos em que ele observa reflexões. Ao final de cada quatro semanas realizar um grupo de discussões com os estagiários e discutir sobre os pontos destacados nos diários.

**Entrevistas:** realização de entrevistas individuais com os participantes da pesquisa.

**Sistematização e análise dos dados:** durante o período de elaboração dos diários e após recolher todos os dados da pesquisa, sistematizar as observações e analisá-las buscando relacionar com a bibliografia encontrada.

**Finalização e redação do trabalho**

### Apêndice 3: Transcrições na íntegra dos eventos escolhidos

#### Apêndice 3.1: Transcrição na íntegra do evento I

Falante	Turno de fala
Barbara	Esse foi o primeiro e o segundo horário, eu terminei de ler o PPP que faltava algumas coisas, antes do recreio eu terminei de ler o que tinha ficado faltando do outro dia. Aí eu já tava pensando o quê que eu ia fazer e a outra moça que eu te falei de Geografia tava em sala de aula e nesse momento ela chegou, ela tinha acabado de sair da sala de aula e foi para lá onde eu tava. Aí eu comentei com ela, acho que eu vou lá fora tirar umas fotos da parte externa da escola. Nisso a vice-diretora falou com a supervisora que precisava aplicar uma prova para os alunos e tal "aí vamos dar serviço para as meninas", risos, e tal aí eu falei assim, ah para mim tudo bem Já tava pensando o quê que eu ia fazer
Barbara	Aí era do simave e era na sala de aula que tinha computadores e tal.
Professor Orientador	Aí você aplicou a prova?
Barbara	Sim! Aí perguntei o que que tinha que fazer, aí ela falou só vai ficar lá junto ao professor x e tal que vai fazer tudo sozinho. Só que chegou na hora a gente teve que abrir a sala e ligar todos os computadores.
Professor Orientador	Ah! Precisava de computador a prova?
Barbara	A prova era nos computadores.
William	Como era a sala de computadores?
Barbara	Então ela ...
Barbara	Tinha mofo, muito abafado, não tinha muita janelas.
Professor Orientador	Eram alunos de qual série?
Barbara	7º ano
Lisa	A prova era de que?
Barbara	Parece que era de matemática do Simave.
Professor Orientador	Ah, é um o sistema de avaliação do Estado vamos ver aqui o que é.
William	Tinha um computador para cada um?
Barbara	Tinha vários computadores mas só 17 funcionavam na sala no geral, nossa tipo assim, metade da sala.
Lisa	Não pode vender pegar as peças desses computadores que não estão funcionando?
William	Não.
Barbara	Vão chegar outros ainda, vão chegar novo mas não tem nem aonde colocar
Professor Orientador	Sistema Mineiro de Avaliação e Equidade da Educação Pública. Vale a Pena pesquisar depois.
Barbara	Já tinha anotado pra pesquisar, mas ainda não olhei
Barbara	Como que foi a prova? Você chegou a ver a prova como que era?
Barbara	Não, porque acabou que a gente teve que fazer tudo eu com a outra menina, a supervisora até ajudou um pouco mas depois acabou saindo aí a gente entrou na internet, acessou o site lá, botou o link e tinha um código com a data de nascimento e a gente tinha que deixar prontinho pra chegar pra aplicar a prova. Aí nisso a gente teve acesso.
Barbara	Aí assim, eu até pensei em olhar a prova e tal mas eu fiquei acabando de arrumar os computadores porque a outra menina foi chamada. Aí os meninos estavam chegando todos alvoraçados e tal, mas aí sentaram tudo certinho, mas aí começou aquela falação, mas eu não falei nada porque assim eu não vou ficar gritando com eles eu não conheço né. Aí de repente acho que eles ficaram curiosos e começar a prestar atenção e fazer, aí tava até legal, aí às vezes

	um outro menino virava e falava assim, que foi uma coisa que eu achei muito interessante, falava assim ô Dona, professora, eu não tô entendendo esse daqui, a não sei o quê. Aí eu respondi, ah então eu não posso te ajudar e tal até porque eu também não sei.
Barbara	Eu achei interessantes me chamarem de dona e de professora, eu fiquei assim, gente quer dizer que eu não tenho cara de aluno igual eles?
Sala	Risos
Barbara	Foi uma sensação boa. Assim ...
Professor Orientador	Foi boa?
Barbara	Sim, foi boa.
Professor Orientador	Pois é, o primeiro dia que chamam a gente de professor.
Barbara	Foi tão bom, eu fiquei, nossa, assim, que bom que me enxergam como professor e eu ainda nem sou.
Professor Orientador	Sim, em formação.
Barbara	Aí tá, eles estavam empolgados e tal, de repente um aluno, ah eu tô tentando salvar não tá indo, aí começou a travar. Aí começou todo mundo. Ah tô tentando salvar e não tá indo. Não tá indo. Aí deu erro no sistema.
Lisa	Nú que beleza.
Barbara	Aí eu tentava ajudar não dava certo, aí eu falei, ah vou chamar o professor, que era o responsável pela turma. Aí uma menina ainda falou assim, ah deixa que eu chamo ele, deixa que eu vou atrás dele. Aí eu falei assim, não, deixa que eu chamo. Aí ela falou assim. Não, deixa eu ir, aí começou a tipo assim, me enfrentar.
Professor Orientador	E a outra tava com você também na sala?
Barbara	Tava, só que tava todo mundo assim.
Professor Orientador	Porque você também não podia sair deixa eles sozinhos né?
Barbara	Não! Ela tava lá. Aí eu fui falei assim, aí ela começou até meio que. Eu falei assim, não vocês ficam aqui eu vou atrás dele, aí ela ficou e tal, aí acabou que eu não achei ele achei a supervisora e falei com ela. Aí ela chegou lá e falou, ah vai tentando. Aí tinha gente que tentava voltar para a questão e dava. Aí teve gente que conseguiu terminar só que chegou uma hora que realmente não deu, todo mundo travou. Até que a internet chegou uma hora que caiu. E no fim os alunos começaram a perder o interesse, aí eles falaram. Ah não, deixa a gente ir embora. Ah, não sei o que que tem. Aí outras ficaram, mas eu queria fazer. Acho que nem dez pessoas conseguiram fazer, por fim, a supervisora falaou, não tem jeito, não vai ter como continuar, a gente tem até quarta-feira para fazer. Aí ela perguntou se a gente tiver disponível para vir aqui de novo e ajudar, aí eu falei assim, ah por mim tudo bem, mas eu não sei porque a internet não ajudou muito.
Professor Orientador	E você tá afim de ir aplicar a prova de novo?
Barbara	Por mim tudo bem, É bom que eu vou interagindo com os alunos.
Professor Orientador	É um primeiro contato.
Barbara	Experiências novas, é uma forma de juntar o útil ao agradável.
William	E se a escola não tivesse sala de informática?
Professor Orientador	Faz essa pergunta lá.
Barbara	Acho que todas as escolas têm, sempre vem o recurso pra computador, essas coisas.
Lisa	O (nome da escola ocultado) não tem sala de informática.
Galileu	Eu nunca vi.

William	(nome da escola ocultado) também não tem.
Barbara	Ela (se referindo a supervisora) falou que ainda ia chegar mais.
Barbara	Aí é engraçado porque tinha duas portas dentro da sala, depois que ela foi lá eu perguntei o que que eram as duas portas, aí ela respondeu que as duas dava para o banheiro que era um corredor vazio que dava para o nada e no recreio os meninos ficavam lá querendo namorar, querendo dar beijo, aí tinha que ficar uma pessoa lá no fundo, tinha que ficar uma pessoa vigiando no fundo e outra na porta, aí o diretor trancou para fazer uma sala, aí chegou na conclusão de fazer a sala de informática lá. Só que assim.
Barbara	Só que assim, o que eu achei engraçado também é que cheio de mapa de geografia nessa sala. Eu entrei, Nossa Senhora que tanto de mapa de Geografia na sala de informática, é muito assim.
Lisa	É a globalização.
Sala	Risos
Professor Orientador	Duas questões para você perguntar. Uma é se não tivesse a sala de informática e outra é o porquê desses mapas de geografia.
Professor Orientador	E como é que foi no final das contas no final dessa experiência?
Barbara	Eu gostei, assim do contato com os alunos, assim, eu gostei porque eu tive contato com os alunos. Eu gostei dessa recepção deles comigo de me chamar de professora e aí até teve alguns que comentaram assim, nossa vocês vieram aqui na escola atoa porque não deu certo, aí eu falei assim, não mas a gente não tá só aplicando a prova não, a gente fazendo estágio, vendo o que que tem.
Barbara	E essa menina que queria atrás desse professor, ela é muito teimosa. Ela falou assim comigo, aí eu te conheço de algum lugar, eu já te vi. Aí eu falei assim, ah deve ser às vezes durante as aulas de educação física que tem aqui na escola. E ela, não, é dentro da sala, na aula de inglês. Aí eu falei assim, não mas ainda não fui dentro da sala. Ela falou assim, não mas eu vi sim. Aí ficou teimando, aí a outra falou assim, não, não é não, não ela não. Aí eu falei assim, ah deixa s não vou ficar batendo boca com essa menina teimosa. Eu só achei engraçado.
Barbara	Aí no final das contas a gente desligou todos os contadores e tal, fechou a sala e nesse momento a supervisora tava junto com a gente a gente passou perto de uma sala estava cheia de alunos conversando e ela chamou atenção deles. E falou pra gente, essa turma tá sem professor se vocês quiserem ir lá conversar com os alunos e tal. Aí a gente passou direto, depois eu falei com ela, vamos lá ver os meninos e tal? Aí a gente entrou assim, aí ficou meio que cri cri cri. Aí o menino assim, que tem cara de bagunceiro, assim, falou para o outro, ah vocês não precisam ficar aqui não porque vocês vão ficar vigiando a gente tipo assim.
Professor Orientador	A sala é de qual série?
Barbara	Eu não lembro acho que é do sexto ano. Aí ela (a outra estagiária) brincou assim, não, porque vocês querem fazer alguma coisa? Fazer bagunça? Aí acabou que depois a gente saiu da sala, assim, não tava tendo muito porque ficar lá, os alunos tavam olhando meio com cara assim, o que que vocês estão fazendo aqui, risos.

### Apêndice 3.2: Transcrição na íntegra do evento II

Falante	Turno de fala
Professor Orientador	Rita
Rita	Então, eu to la no (nome da escola ocultado) com as aulas da (nome da professora ocultado)
Rita	Eu tô fazendo a segunda e a terceira etapa agora e minha primeira experiência em sala de aula não foi muito boa, porque era prova eu ia ficar na sala sozinha enquanto os meninos estavam fazendo uma prova bimestral e era pior turma de manhã.

Professor Orientador	E aí?
Rita	E aí que eu saí de lá e falei assim, nunca mais eu entro numa sala de aula.
Monitora-pesquisadora	Como assim pior turma, em que sentido?
Rita	Pior turma que eles não respeitam professor, não fazem nada, todos os alunos tiram nota ruim, todos pegam recuperação e tal, aí eu meio que fiquei assim. Mas as professoras conversaram comigo, chegaram a conversar comigo, falaram que não era para ficar assim que essa turma é assim mesmo e que não era para eu tomar como minha primeira impressão, que era para eu esperar as outras turmas tanto é que todos os professores todos os dias tem um aluno que leva alguma corrência naquela sala
Galileu	Como que ficou sabendo desse contexto desses alunos?
Rita	Todos os professores falaram.
Galileu	Eles te falaram antes de você entrar?
Rita	Não, depois.
Professor Orientador	E o que que aconteceu que eles viram que você tava de alguma forma ...
Rita	Porque deu para escutar a gritaria de uma forma toda, no corredor, na escola, aí os professores estavam de greve e aí eu tive que falar assim porque antes quem tava era diretora ninguém falava lá com a diretora aí depois entrou uma pessoa de 20 anos que eles não conhecem
Professor Orientador	Mas é prova que você falou?
Rita	E eu não podia fazer nada, não sabia o nome de ninguém, só falava que não era para olhar. Me deu vontade de arrancar a prova de todo mundo, tava todo mundo colando na cara dura.
Sala	Risos
Rita	Então e essa aqui qual que é? Eu fiquei tipo assim, ai Deus me dá força porque senão ...
Professor Orientador	Me dá paciência porque se me der força eu mato um.
Sala	Risos
Rita	Aí depois os professores que estavam lá eles viram que eu tava meio assim, eles foram conversar comigo, mas aí depois ...
Lisa	Mas quem te botou lá? Por que que te botaram nessa sala?
Rita	Mas é porque não tinha professor para aplicar prova eles estavam de greve não tinha ninguém para ficar.
Lisa	Por que que aplicaram prova então?
Monitora-pesquisadora	O professor da matéria não tava lá?
Rita	É porque a bimestral eles vão durante uma semana então todos os alunos fazem todas as provas de toda matéria nessa semana independente se é o professor ou não.
Monitora-pesquisadora	É recuperação?
Rita	Não, não é recuperação não, é bimestral também é assim.
Galileu	E você tá fazendo a etapa 2?
Rita	Eu tava fazendo a etapa dois depois eu passei pra etapa três.
Galileu	Nesse momento então foi tipo assim, acompanhar aula de um professor e eles colocaram para ficar aplicando prova.
Rita	E eu não tinha nem acompanhado a professora ainda, eu só fui porque não tinha ninguém mesmo para ficar lá, não tinha ninguém na sala.
Sala	Muita conversa.

Lisa	Te colocaram lá e não falaram o que você tem que fazer?
Rita	É, você só tem que ir lá para aplicar a prova.
Lisa	Ninguém falou assim, se alguém levantar, se alguém virar para trás, o que que você tem que fazer?
Monitora-pesquisadora	Te pediram? Como que foi?
Rita	Não, só falaram assim, fica lá até aplicar prova, até conseguir alguém para ficar lá.
Monitora-pesquisadora	Mas não perguntou se você queria?
Rita	Não, perguntou se eu podia, falei posso só ficar lá observando.
Professor Orientador	Quanto tempo que você ficou lá?
Rita	Eu não fiquei nem um período inteiro porque eu não aguentei. Eu fui chamei a diretora e falei assim, os meninos não estão respeitando então não tem condições de eu ficar aqui.
Professor Orientador	Você deixou eles sozinhos lá e saiu?
Rita	Não, a professora tava na outra sala e aí um aluno que terminou foi chamar a diretora.
Professor Orientador	Entendi.
Rita	Todas as turmas tava fazendo prova e aí eu falei com ela que era a prova dela que eu tô trabalhando, que era de biologia, e aí quando descobriram que eu estava lá como estagiário de biologia, aí piorou mais ainda a situação. Porque falaram que tava errado isso, aqui tá errado, porque começaram a fazer gracinha e aí a diretora foi lá e falou assim não pode, porque a diretora ela teve que sair pra resolver os problemas da escola e então ela demorou para voltar porque foi na época que o povo estava de greve ainda. E aí tava complicado aí o ... aí ela conseguiu sair mais cedo do que ela tava fazendo foi lá ficou e ela meio que brigou com os alunos, mas foi isso.
Professor Orientador	Tá bom aí tem uma questão de orientação. Você não vai ficar em sala de aula sozinha, tá muito cedo e a situação tá muito, digamos assim, não controlada. Pra você tá nesse contexto. Você não pode ter esse primeiro tipo de experiência, não que o primeiro tipo de experiência vai ser a mais agradável, tudo certinho, mas esse é um caso muito extremo e o risco disso criar uma memória negativa para sua prática é muito grande. Então se tiver outra oportunidade você vai falar que não pode, que o seu orientador falou que você não deve estar nesse lugar. Você só pode estar em sala de aula com o professor regente, você está fazendo só acompanhamento. Se der algum problema você pede cancelamento do estágio e a gente termina em outras escolas.
Rita	Mas tanto é que a Cássia ela não dá aula nessa, nessa era outra professora e aí já faz três semanas que eu tô acompanhando a Cássia na sala e os alunos lá da sala eles me respeitam. E aí foi só a primeira impressão.
Professor Orientador	Ok
Rita	Não é a mesma sala, mas não é mesma sala nessa sala eu não entro porque é a outra professora entendeu, foi do primeiro ano.
Professor Orientador	Então tá, mas assim ficou clara mensagem? Porque você vai falar para usar o meu nome e pra me ligar qualquer coisa, porque não existe essa condição, vocês estão começando. O momento, o risco de uma memória muito negativa e criar trauma, essas coisas, é muito grande e eu sei como é que a gente fica sensibilizado nesses momentos. Isso não pode acontecer você tem que entrar no terreno mais confortável e depois a prática vai aparecendo de várias formas no contexto, pra você não pegar esse contexto e falar que ele reproduz tudo que você viu, sabe, porque assim fica muito marcado então espero que foi um problema mas que vocês consigam ver outras questões.
Rita	Mas olha aí nessas três semanas que eu tô acompanhando a Cássia não deu para assistir muitas aulas dela porque tem aluno ainda que a gente já pegou um ano para fazer recuperação, que acho que foram duas semanas de recuperação, ela deixou corrigir as

	atividades e deu tempo para os meninos estudar, aí foi umas três aulas que eu peguei ela dando aula e aí ela meio que me perguntava as coisas, assim, que teve meio que uma brincadeira sobre o que era dominante e recessivo aí ela me perguntou e eu interagi com os alunos.
Professor Orientador	E aí?
Rita	E aí deu tudo certo.
Professor Orientador	O que que é dá tudo certo?
Rita	Todos os alunos me chamaram de professora, de dona, me pediram para tirar dúvidas com eles.
Professor Orientador	De qual turma que é? Qual série?
Rita	Primeiro segundo e terceiro eu tô acompanhando, mentira eu tô comprando só segundo e o terceiro ano, quando ela tem no primeiro nesse dia eu não tô, quando ela tem nesse primeiro ano, então eu tô acompanhando todos os segundos e todos os terceiros que são 7 turmas e sempre tem aqueles alunos que fica fazendo gracinha, mas no final todos os alunos no geral tão respeitando. Lá eles tentam colar quando vê que eu tô olhando finge que não tão colando, mas não é igual os outros.
Professor Orientador	Você comunica a Cássia tudo que você tá vendo?
Rita	Sim eu falo sempre com ela.
Professor Orientador	Qualquer forma de desrespeito também.
Rita	Sim, eu sempre falo com ela e agora eu tô começando a gostar. Só hoje que eu fiquei meio assim, porque umas duas alunas meio que tiraram a Cássia, meio que fizeram falta de educação sabe. A Cássia não escutou mas eu escutei, ela tava dando aula e eu tava prestando atenção dos alunos né.
Lisa	E o que que elas falaram?
Rita	Uma sala de terceiro ano e nessa sala a professora teve que fazer mapa de lugar.
Marie	Gente aconteceu a mesma coisa hoje comigo por causa mapa.
Rita	Não, não foi por causa de mapa, já tinha tem umas duas semanas, foi na primeira semana que eu fui e ela fez esse mapa e ...
Rita	Aí tinha uma menina que não tava copiando e a professora falou assim se você não copiar, porque era exercício, na próxima aula você não entra na minha sala, aí ela falou assim, eu não vou copiar porque eu não tô com meu caderno não está completo eu preciso completar. Mas com tom arrogante. E aí ela falou assim, se você não copiar na próxima aula você não entra na minha sala. aA ela virou com a colega e falou assim, tô nem aí na próxima aula dela também nem quero tá aqui, nem vou entrar e aí começou a fazer cara feia para ela sabe, só que ela tava de costa e mesmo eu vendo, olhando, encarando e ela continuou.
Professor Orientador	Por que você olhou?
Rita	Porque eu achei uma falta de respeito eu estando lá meio que como uma professora, eu acho que se eu ficaria com seu jeito se um professor ficasse encarando, aí, mas não adiantou nada.
Professor Orientador	Interessante.

### Apêndice 3.3: Transcrição na íntegra do evento III

Falante	Turno de fala
Professor Orientador	Lisa foi em algum evento depois daquilo?
Lisa	Fui, fui no do levante popular.
Professor Orientador	E aí me diga o que que foi esse encontro, era dos cursinhos?
Lisa	E aí esse encontro foi assim, deixa eu olhar aqui que é melhor, minhas anotações
Galileu	Chama encontro de educação popular na verdade.
Professor Orientador	Você foi Isa?
Galileu	Fui na verdade eu estava na organização.
Lisa	E aí a proposta eram pessoas que se interessavam por cursinho popular, que se interessavam em fazer o cursinho ou dar aula nesse cursinho ou só entender como funciona o cursinho, podia ir lá e assistir essas palestras. E aí ia falar sobre o que que é cursinho popular, sobre como se deu na história do Brasil a construção de cursinhos populares e sobre a história do cursinho popular daqui. E eu assisti essa palestra.
Professor Orientador	Onde foi?
Galileu	Na peteca.
Lisa	Aí foram alunos mesmo que participam do cursinho há mais tempo e tudo mais. Só que aí eu fui achando que era uma coisa e chegando lá era outra coisa.
Professor Orientador	Por que?
Lisa	Porque eu não sabia a diferença entre o cursinho, por que o cursinho popular e um cursinho alternativo. Cursinho alternativo é aquele cursinho que é oferecido para a população com o intuito de ajudar alguém entrar na universidade e tal, e aí você passa o conteúdo né, para o Enem ou para o vestibular, pra o que a pessoa precisa, pra fazer a prova do EJA. E aí enfim, acabou o seu compromisso. Já o cursinho popular tem um viés mais político, vai pra além disso, pelo que eu entendi.
Lisa	Aí você vai me ajudando aí ... Risos
Lisa	E aí é os primeiros cursinhos populares eles eram esses cursinhos alternativos depois foram se criando esses. Parece que houve uma resistência muito forte durante a ditadura e aí as pessoas se encontravam nesses lugares assim, na missa, no cursinho. E se alguém chegasse e perguntasse: que você tá fazendo aí? Ah tô estudando para o Enem. Que que tá fazendo aí? Ah estão rezando. Rezar pode, estudar também pode.
Sala	Risos
Professor Orientador	Interessante né?
Lisa	É isso, e aí surgiu né o cursinho Popular com as ideia mais de
Lisa	Não só estimular o pensamento crítico, mas pelo que eu vi é bem
Lisa	Não é só de refletir é bem político mesmo, né. É um cursinho de esquerda, me parece. Pelo que eu entendi, pelo que eu percebi na sala o que que é.
Rosalind	Eu não sei, mas é porque é tipo, de situar no lugar que você onde você vive também. Contextualizar o lugar onde você vive também.
Lisa	A refletir sobre isso também né?
Rosalind	É além do olhar crítico para o mundo tem esse viés também.

Galileu	E a questão que um monte de gente fala de política é nesse sentido de se entender enquanto um sujeito político, se entender enquanto um sujeito de classe, de entender seu papel na sociedade e entender também o tipo de sujeito que a gente quer que entre na universidade, que ele tem um porquê de entrar na universidade, um processo de conhecimento, um processo político por trás disso também. Que é questão de não acabar ali. Normalmente o cursinho tem o objetivo que é passar os meninos no vestibular, e é isso, assim, tá acabado aí.
Lisa	Tá acabado seu compromisso por aqui e não é bem assim. É mais de formar-se resistente.
Lisa	E aí que a proposta é legal e tudo, só que eu fui no intuito também além de falar assim: vou ali fazer o estágio. Eu fui também conhecer ele. O Isa já tem muito tempo participando dessa construção do cursinho popular e a Luana também, da minha sala. Eles já me chamam já tem um ano para ajudar nesse cursinho e eu nunca tinha tempo, nunca batia o horário, aí eu falei agora eu vou. Fui lá ver, conhecer, porque você não pode ir lá só dar aula, como é que eu ia saber que que eu ia fazer né?
Sala	Risos
Lisa	E aí eu fiquei né
Lisa	Sei lá eu acho que eu não tô preparada pra tudo isso aí não. Achei massa a proposta né, mas é muito maior do que ensinar
Lisa	Mitose e meiose.
Lisa	E eu não sei fazer isso. Então aí eu tava refletindo sobre isso, como eu vou fazer, como eu poderia fazer isso. Aí eu conversei com um professor meu que deu aula no cursinho há muitos anos atrás e tava contando para ele, ele falou que é a vivência, é dar o seu melhor e que é legal, mas eu sei lá ...
Lisa	Sei lá. Resumindo, sei lá. Risos.
Galileu	Mas é justamente essa reflexão que é o caminho que a gente procura mesmo.
Lisa	Mas eu achei um povo lá mais político.
Galileu	Mas é porque a galera lá já é uma galera que já tem essa comunicação de objetivo de mundo, de sociedade.
Lisa	Ali tava claro que um deles vai virar político. Risos. E vai mesmo, vai. Essa construção de cursinho popular sempre sai depois alguém que vai ser eleger, aí eu fiquei assim.
Galileu	Tomara que seja, mas não é o objetivo do cursinho. Mas é porque eu acho que assim, o fato de você falar isso é uma coisa que até me emociona, porque quando a gente começou a construção do seminário era nesse sentido, e aí você fala que você se pegou pensando que é um espaço para muito além de dar aula e é mesmo a escola também é. A gente chega na escola o objetivo não é só de ensinar o conteúdo, é de pensar o sujeito que tá ali e tal.
Professor Orientador	Aproveitando um pouco fala. Tô adorando tudo que você tá falando, inclusive as dúvidas, são muito legais. Porque se a gente chegar aqui só com certeza, que que esses lugares estão dizendo para você?
Lisa	Eu saí de lá com a certeza de que eu não tô sabendo que que eu tô fazendo aqui.
Professor Orientador	Mas aí vocês se pergunta assim, que não é só ensinar mitose, será uma outra coisa, sei lá, política. Como assim participação cidadã? Localização de mundo né?
Lisa	Como biologia faz parte disso?
Professor Orientador	Como é sua relação com a Biologia? Como eu vou fazer isso como professora? E pera aí, e aí o Isaías fala na escola. A gente não faz isso? E se a gente não faz a gente faz o que? O que que é feito nesse lugar de que deveria ser feito. Percebeu que eu tô colocando um monte de perguntas e até fazendo uns trocadilhos pra justamente nos questionar mesmo.

Lisa	Porque eu não estou preparada para isso, eu não fui preparada até então para isso. Porque no PIBID acompanhando a Jane eu dava as aulas que eu tava lá disposta a dar, não teve isso até então.
Professor Orientador	Não teve o que?
Lisa	Não pensei nisso. Não fiz isso. Não fiz isso!
Professor Orientador	Isso que?
Lisa	Isso!
Sala	Risos
Lisa	De trazer isso lá para os meninos. A Jane não fazia eu também não fiz!
Professor Orientador	Agora você pode tentar. Agora você tá tendo um outro tipo de reflexão, você já teve um contato, as portas estão abrindo. E aí?
Lisa	Nossa e agora eu quero sair correndo.
Sala	Risos
Professor Orientador	Mas fica calma porque quando você começou com a Jane e mesmo agora suas preocupações são outras, do ponto de vista nem mais nem menos importantes, mas são questões mais urgentes, digamos assim, que bate na sua porta. Como é que eu vou falar com aluno? Como é que eu vou responder para ele? Será que eu sei biologia?
Lisa	É, é um passinho de cada vez e eu tava naquele passinho ali que eu tava preocupada em como que eu ia escrever, como que eu ia me portar, o quê que eu ia falar para o menino, que que eu ia responder, que que eu podia ou não podia. Era outras preocupações
Professor Orientador	Isso.
Lisa	Aí até então achei que tava resolvido. Pronto! Sei dá aula!
Sala	Risos
Galileu	E aí é muito engraçado isso porque tudo envolve política, porque tipo assim, você é professor de biologia aí o menino pergunta sobre sexualidade, aí você vai falar assim, existe homem e mulher, próxima pergunta. Sabe? Ou você pode dizer. Existem várias coisas, a questão da Monsanto, se ele perguntar para você, você pode dizer aconteceu um acidente lá e destruiu o rio ou você pode falar diversas outras coisas, trazer outras reflexões sobre isso.
Lisa	Um crime.
Professor Orientador	Você pode chamar de desastre ou acidente da Samarco que é uma posição política mas é o passo a passo, primeiro eu quero ensinar biologia. Depois eu quero falar de política.
Lisa	Depois hein.
Sala	Risos
Professor Orientador	Achei curioso porque falou passo a passo e é tudo no passinho mesmo.
Regina	Não adianta a gente chegar lá querendo mudar tudo.
Professor Orientador	Vamos empoderar esses meninos. Da licença, deixa que eu mudar esse lugar aqui
Sala	Risos
Lisa	Mas aí se chegasse tipo, voltando na Assembleia né, que eu fui na Assembleia que teve sobre a BNCC, e aí para falar daquele jeito não precisa disso né, de ser político assim. Nossa ainda tô com um nó

Galileu	Mas a segunda parte que eu queria que você fosse foi bem legal. Foi um cara que veio para trazer a ferramenta de educação popular na visão do cursinho, assim. E aí você pensa, é um centro de educação popular de um Instituto em São Paulo. Uma galera que nasceu na ditadura, é uma galera que bebeu muito de Paulo Freire. E aí a galera tem muito o método da educação popular. É igual o seu professor falou, experiência, vivência. Não existe, acho que nada existe né? Nem para ser professor existe algo convencional, uma forma pra gente ser.
Lisa	Mas ele falou várias coisas assim legais, quem dera eu pudesse fazer isso, não fique com medo, é esse tipo de aula que eu quero dar e não posso. Aí eu perguntei não pode porque, aí ele é conhecido lá em Belo Horizonte já. Ele é professor famoso e dá aula em um dos melhores cursinhos de Belo Horizonte né, um dos maiores, ele é antigo lá e aí ele tem que passar aquela educação. Ele falou, gente quem me dera, aproveita disso. Ele falou várias coisas legais assim, mas mesmo assim eu ainda fiquei.
Professor Orientador	Ótimo né. Acho que vamos encerrar com essas dúvidas né e questionamentos, inquietações. Dá um tempinho para turma da 7.

## **Apêndice 4: Resumo das aulas**

### **RESUMO: AULA 01 (05/03/2018)**

O primeiro encontro do estágio, tanto na primeira quanto na segunda turma, ocorreu de forma a ser uma apresentação sobre como seriam os encontros e a orientação da disciplina do estágio.

Inicialmente o professor da disciplina se apresentou, seguido pela minha apresentação e a do bolsista de iniciação, posteriormente falei resumidamente sobre meu projeto de pesquisa do mestrado e o Galileu sobre seu projeto de IC. Os estagiários presentes também se apresentaram e responderam a um pequeno questionário proposto pelo professor, com as três questões:

- Qual(ais) etapa(s) do estágio já havia realizado
- Qual(ais) etapa(s) pretendia fazer
- Qual semestre/ano previsto para a colação de grau

Este pequeno levantamento foi feito no intuito de nos ajudar a ter um panorama geral das turmas e o que planejamos para as discussões.

Após fazer as perguntas a maior parte do primeiro encontro nas duas turmas foi utilizado para a explicação burocrática do estágio. Os documentos necessários e a forma de serem preenchidos

### **RESUMO: AULA 02 (12/03/2018)**

#### **Turma A:**

A aula se iniciou com o professor perguntando sobre o que cada um tinha feito durante a semana, trazendo as propostas com o local e a respectiva etapa que cada um faria.

Mayer foi conhecer e se interessou por realizar a etapa 1 em uma horta comunitária. Fez uma descrição do que foi possível perceber na primeira visita ao local: terreno grande, com hortaliças e chás, os produtos são vendidos pelas pessoas que trabalham lá. O professor então nos estimula a pensarmos sobre algumas questões para que ela possa tentar observar em sua próxima visita: o que ela vê que se relaciona com o ensino de ciências (botânica, conhecimento popular, ..); quem frequenta; qual a proposta do lugar; se há remuneração ou somente trabalho comunitário. Galileu faz uma observação, que o local é próximo ao CRAS e se há alguma ação para que as crianças de lá que recebem assistência frequentem a horta

O professor frisa sobre o cuidado que se deve ter ao fazer alguns questionamentos. Ter atenção sobre o que e como os estagiários vão formular suas questões, pois caso aconteça um desconforto uma barreira pode ser criada com o local, impedindo que outros estagiários possam futuramente estar frequentando. Ele atenta então para o compromisso público e social que os estagiários têm sobre as impressões que deixam nesses locais. Seguindo esse pensamento Galileu fala sobre o receio que alguns lugares já têm em receber estagiários, sentem como se seu trabalho estivesse sendo “supervisionado” pelas universidades.

Um dos estagiários surge com a proposta de observar como vídeos de divulgação científica falam sobre vacinação. Surge no grupo uma conversa sobre a importância da vacinação, como algumas doenças estão voltando com a falta de uma arte da população se vacinar, falta de vacinas em postos públicos, relatos de efeitos/reações de algumas vacinas. Voltando ao estagiário, ele diz que sua proposta é observar dois canais distintos, um que se mostra totalmente a favor da vacinação e outro que apresenta não dar tanta importância, e, como o público reage a esses vídeos através dos comentários. Em uma olhada inicial aos comentários percebeu muita discussão entre vacinar ou não vacinar e percebeu uma grande quantidade de pessoas contra a vacinação por vários motivos, que ele vai aprofundar mais. Mayer sugere olhar se nos vídeos que são contra a vacina as pessoas defendem mais e nos que são a favor tem mais comentário contrários? O professor ainda destaca sobre como as pessoas tendem mais a comentar contra o que se diz, usando o exemplo de centrais de atendimento, nas quais só ligamos quando temos críticas e não para elogiar. Mayer ainda fala sobre quem concorda normalmente só vai curtir o vídeo, poucos vão comentar, então esse é outro ponto a se observar, o número de curtidas.

O professor joga então uma questão a se pensar: sendo esse um meio de divulgação com um público muito amplo, pensar sobre o que um vídeo como esse pode causar em um jovem em idade escolar ao assistir.

Lisa ainda está pensando em uma proposta. Pensou inicialmente em acompanhar um grupo de mulheres que se reúnem para falar sobre a saúde das mulheres. Porém terá pouca carga horária e como o assunto é muito voltado para mães ela não se sentiu muito à vontade. Devido a carga horária e a não se sentir muito à vontade para interagir,

pensou em conciliar com outra coisa ou procurar um outro espaço.

O assunto de filhos fez com que o tema vacina voltasse a discussão, quando eu (pesquisadora) relaciono com a questão de alguns pais que não querem e não aceitam que seus filhos sejam vacinados. Então o professor forma um tema: a decisão da vacina em si e no outro. As pessoas falam de vacina em si ou também no outro? Quais os argumentos? Como isso tem sido comentado. E fica como mais uma questão a se observar nos vídeos sobre a vacina.

Lisa faz uma reflexão sobre o assunto e pensa que pode ser uma falha na formação deles enquanto biólogos não entenderem melhor do funcionamento das vacinas para conseguirem explicar as pessoas.

### **Turma B:**

A segunda turma começou com Lisa continuando a pensar sobre a proposta do seu estágio. Como ela queria inicialmente observar um evento que a universidade oferecia para conversar com a comunidade, Professor Orientador lhe propôs que ao invés de um grupo ela olhasse eventos variados para observar como vem sendo essa relação da universidade com a comunidade, como são divulgados, quais são os horários que normalmente acontecem (são acessíveis ao público destinado?).

A segunda turma é formada pelas etapas 2, 3 e 4, os estagiários estão no momento de buscarem e escolherem suas escolas, surge então diversas dúvidas quanto aos documentos necessários e a maneira correta de se preencher. Um bom tempo dessa aula foi destinado então a discussão sobre a burocracia dos estágios. Após essa discussão a aula retoma com as observações semanais que os estagiários trouxeram.

Um ponto interessante dessa aula é que no relato de Barbara ela fala sobre como a diretora parecia receosa em receber estagiários, sem entrar em detalhes ela disse que já havia tido problemas e isso fez com que a escola se resguardasse. Isso trouxe novamente a discussão que havia acontecido com a primeira turma sobre a importância do compromisso que os estagiários devem assumir quando entram nesses ambientes e que em situações como essa, locais onde já aconteceu alguma coisa, o cuidado deve ser redobrado.

Surge o questionamento sobre quais os principais pontos a serem observados nas escolas Professor Orientador deixa claro que não quer limitar as observações, que eles devem adentrar no ambiente e ver como algumas coisas podem influenciar, mesmo que indiretamente, no meio. O que chamar a atenção; quadro de avisos; organização do espaço físico, ...

Galileu fala sobre como a arquitetura remete ao período histórico que a escola foi construída, a disposição dos ambientes dentro da escola, que isso é algo interessante de ser observado. Surge uma discussão entre a turma sobre o espaço e como ele é “pensado”. Galileu continua falando sobre como não se pensa nas necessidades ao se projetar as escolas, janelas abafadas, aí precisa colocar ventilador (que faz barulho e incomoda), Professor Orientador fala sobre salas mal iluminadas. Eu falo pela questão de como ter que dar aulas com a porta aberta me incomoda.

A arquitetura e observação do espaço físico tem muitas questões a serem discutidas.

Ao ser convidado a falar James diz ainda estar procurando, mas que está em contato com um professor que gostaria de acompanhar, que trabalha em duas escolas e ficou de acompanhá-lo. O professor disse que isso facilita.

Questionados pelo professor sobre suas expectativas, Rita começa relato contando como e porquê de sua escolha, como ela não conhecia bem as escolas da cidade procurou informações na internet e destacou duas escolas, sendo uma delas aparentemente semelhante a que havia estudado em sua formação básica ela se interessou pela (nome da escola), que tinha em sua descrição ter um laboratório e acessibilidade para deficientes. Como ela não tinha estudado em lugares que apresentavam essas características surgiu a expectativa de ver “como seria uma escola que tem mais oportunidades pros alunos que eu nunca vivenciei”. Barbara entra na fala de Rita e reflete que a não tinha pensado a respeito, mas que a escola que ela escolheu é muito semelhante as escolas que ela estudou e diz também que sua expectativa era “ver na prática como que é eu estando em um lugar onde vou estar futuramente como professora”. O que pode demonstrar que algumas pessoas querem o desconhecido e outras se sentem mais confortáveis com o conhecido.

Falando de suas expectativas Professor Orientador questiona a James se ele já pensou nas suas e ele disse estar ansioso, como é o primeiro passo pra se tornar um professor e que fica se perguntando “se foi cruel com seus professores”.

Um momento interessante é quando Rita conta sobre uma experiência negativa que uma amiga teve no estágio em uma situação difícil no qual os alunos não a respeitaram como professora e que pensar nisso a deixava insegura, com medo, ansiosa e se achando nova demais pra ser respeitada em sala. Nesse momento eu, Galileu e Lisa que já tínhamos experiência com essa situação tentamos passar um pouco de segurança a Rita, que cada pessoa passa por situações diferentes e que isso não é por culpa dela, ou quer diz que ela é ou será uma professora ruim, mas que tudo faz parte do aprendizado dessas etapas.

Professor Orientador finaliza o encontro de hoje falando de a importância dos estagiários tentarem ter uma perspectivaêmica (olharêmico, de quem está de dentro), de tentar ter um olhar de estranhamento, pois como todos passaram muitos anos dentro das escolas levam a crer que conhecem aquele lugar, porém conhecem como estudantes e agora estão olhando de outra posição. É como um etnógrafo estudando uma cultura. Quais são as regras que as pessoas constroem naquele lugar. Se irmos já achando que conhece, não precisaria ir lá.

## **RESUMO: AULA 03 (19/03/2018)**

### **Turma A:**

Como essa primeira turma os participantes estão em sua maioria no primeiro estágio surgiram muitas dúvidas e questões a respeito de cada etapa do estágio. A aula hoje então se iniciou com a explicação do professor a respeito das quatro etapas do estágio, a importância de cada uma e atividades a serem desenvolvidas. As quatro etapas juntas têm por objetivo que os estagiários percebam que o trabalho do professor não se resume apenas a “regência de aulas”, dentro de uma sala padrão, com quadro e giz, mas tem toda uma construção. Após discutidas as dúvidas, a aula seguiu com os relatos dos estagiários.

Cecilia contou sobre o seu interesse em acompanhar o trabalho desenvolvido por um grupo de agricultores, *Semeando a Diversidade*. Esse grupo desenvolve atividades que oferecem degustação de café, queijos, cachaça, exposição de flores, dentre outras, que preservam a tradição de famílias imigrantes. Sendo orientada a observar então a entender melhor esse lugar e seu ambiente, se ele tem alguma relação com o ensino de ciências, como se comunicam com a comunidade, seus objetivos e se tem um público alvo.

Gertrude foi conhecer uma ONG filantrópica, *Semeando o Amanhecer*, que oferece atividades para crianças no contraturno escolar. A ONG não tem manutenção da prefeitura, mas ainda não sabe como ela se mantém. Outro ponto observado foi que ainda não conseguiu ver relação com o ensino de ciências. Esse, junto com outros pontos, ficou para serem observados no decorrer do estágio.

Mayer voltará a horta comunitária semana que vem.

Luigi voltou aos vídeos de divulgação científica que falam de vacina e tivemos um contraponto: no canal que defende a importância da vacina os comentários são praticamente todos contrários ao que é proposto no vídeo, porém o número de curtidas no vídeo é consideravelmente maior que os comentários. Já o canal que tem um discurso que a vacina não é tão importante assim e defende que a única ação importante é o combate ao vetor, já aparece comentários defendendo a vacinação. Esse momento gerou uma discussão na turma em torno da seguinte questão, será que os comentários realmente dizem sobre a opinião pública ou as pessoas tendem a comentar só quando são contrárias, quando são a favor se contentam em apenas curtir?

Outra questão destacada pelo estagiário é que o canal que é a favor da vacinação se descreve como um canal de divulgação científica, porém sua linguagem é de difícil entendimento, sendo uma barreira para atrair alguns públicos. Já o canal que não dá importância a vacina tem uma linguagem simples e objetiva, tendo até comentários de pessoas dizendo que mesmo sem conhecimento entendem o que o vídeo diz. Essa observação trouxe muitas reflexões ao grupo. O próprio estagiário diz que “achava que a divulgação científica estava muito avançada, atuante, atingindo mais pessoas e percebeu que não, tem que rever a linguagem como está sendo passada.

Grande desafio da divulgação científica: como mediar um discurso onde manter uma acurácia científica e ter uma linguagem simples.

### **Turma B:**

Lisa conta como foi a primeira participação em um evento organizado por um grupo de extensão da universidade. Workshop: projeto quatro patas. A inscrição foi fácil de ser realizada, via e-mail e foi realizada na câmara de vereadores. O local estava cheio, porém muitas pessoas pareciam estar envolvidas com o projeto e não foi possível traçar um perfil do público (se eram estudantes ou da comunidade). O tema principal abordado era sobre quantidade de cães abandonados nas ruas e o controle de doenças. Pensando no evento como um todo a estagiária faz a observação que a linguagem utilizada era muito técnica, de extrema dificuldade para pessoas que não são da área entender o que gera uma contradição, pois era um evento que tinha por objetivo informar a comunidade sobre o projeto. **O que pode ser relacionado aos comentários da primeira turma sobre as dificuldades da divulgação científica.** Como ela não vai acompanhar um grupo específico não precisa se aprofundar em informações sobre o grupo em si, mas entender como um cidadão teria acesso e o que ele promove de conhecimento para a comunidade.

Willian pensou no planetário, mas gostou da ideia de canais de videoaulas, pois tinha um questionamento: “Os vídeos de youtube podem contribuir com a geração de conhecimentos?”. Um canal em específico lhe chama muito a atenção pois além dele, ele conhece muitas pessoas que o utilizam para estudar para as disciplinas do seu curso. É

um canal produzido por um estudante de medicina que faz videoaulas sobre as disciplinas do seu curso, é muito acessado, tem muitos comentários positivos de estudantes que só conseguiram compreender e passar em determinadas disciplinas pela utilização desses vídeos, linguagem mais acadêmica.

Esse canal trouxe um momento de muita participação do grupo, pois quase todos os estudantes ali conheciam e assistiam seus vídeos para estudar, o que trouxe o seguinte questionamento: Porque os estudantes estão buscando esses videoaulas, as aulas na universidade não deveriam ser suficientes?

Ao ser questionado pelo professor sobre o que este canal em específico lhe chamou a atenção, Willian respondeu que é porque funciona, com ele e com amigos. Lisa também concordou: “comigo funcionou!”. E sobre a intenção desse estudante ao fazer os vídeos Lisa pensa que é uma maneira para o próprio rever os conceitos e estudar. Sobre os pontos positivos dos vídeos, vários dos estudantes ali presente deram suas opiniões: metodologia do professor, que pode não ser boa pra compreensão de alguns; tempo de aula, que é pouco e não pode aprofundar em alguns aspectos; possibilidade de pausar e voltar para escutar quantas vezes preciso; barulho, você pode escutar em um local com mais fácil concentração; explicação mais detalhada das imagens dos livros.

Ficou como proposta Willian tentar encontrar se ele tem um público alvo específico, suas intenções com os vídeos e ver se tem algum que se assemelha mais a proposta do currículo.

James ainda não conseguiu começar o estágio, o que preocupa o professor com o tempo.

Uma parte da aula ficou com a explicação de mais alguns documentos que eles estavam com dificuldades para resolver e com a sugestão de escolas pra quem ainda não conseguiu começar o estágio.

Michael chegou com um caso especial, ele passou no mestrado e pretende fazer etapa 1 e a 4 em 1 mês, já está tudo conversado com o professor da escola, porém Professor Orientador ressalta que não é só regência (3 a 5 aulas), tem que acompanhar o professor um período antes, desenvolver uma atividade avaliativa sobre o tema escolhido e pensar junto com o professor se pode, se tem esse tempo, como pode ser feito. Ele (Professor Orientador) vai pensar sobre isso, se tem como ele permitir que isso seja feito. Notei algumas caras de desconforto de alguns, ficaram pensativos.

Barbara retoma essa semana contando como foram as primeiras observações do estágio. Encontrou outro estagiária de geografia e ficaram observando juntas. Ela conversou com alguns dos funcionários e a diretora permitiu ficar na sala e analisar os documentos, mas reforçou o pedido de não tirar foto nem xerox, ela percebeu que ficou bem marcados os problemas com os outros estagiários. Está sentindo que não tem mais o que observar e perguntou sobre a próxima etapa, o professor pediu calma e ir mais algumas vezes. Ela mudou opinião ao achar que escola era parecida com a sua “Na verdade acho que tinha esquecido como era” disse rindo. Parece ser pior, a quadra é muito pequena. Não era com ela pensava, foi um pouco contraria as expectativas. Fez uma descrição bem detalhada da estrutura física, com bastante críticas, disse que deixa muito a desejar, não viu laboratório e observou que tem um aluno cadeirante e apenas uma sala com acesso, não viu acessibilidade no restante da escola e não sabe como será quando ele mudar de série ou vir outro aluno de outra série com necessidade.

Situação de desconforto: a supervisora pediu para ler o caderno de anotações, apesar de deixar claro que não iria fiscalizar o que a estagiária estava fazendo sentiu que isso iria atrapalhar na hora de fazer algumas anotações. Professor Orientador deu a sugestão de falar que aquilo seria para um relatório e que o relatório ela mostraria no final, um dos estagiários falou de uma estratégia de ter dois cadernos. Essa se torna uma situação muito complicada, pois a escola recebe sem ter “obrigação” e ler comentários muito negativos seria complicado, poderia causar desconforto principalmente nessa escola que já teve problemas com Estagiários ela está torcendo para que a supervisora esqueça. Rita falou em tentar falar de uma forma menos forte e James de fazer registro de áudio no celular.

Esse assunto remeteu ao Professor Orientador de falar sobre a importância dos registros na hora, para poder voltar, para fazer reflexões.

Ela também foi a biblioteca e observou que não é muito utilizada, tem uma bibliotecária e Galileu questiona se tem concurso para esse cargo em específico. Esse assunto leva a uma discussão sobre professores com cargos diferentes de suas formações. Galileu, por exemplo, se lembrou de uma professora de biologia que dá aulas de artes, Barbara diz já ter tido aula com fisioterapeuta e dentista dando aula de química. E surgiram questões sobre como isso funciona nos concursos. No estado primeiro conta o currículo e depois o tempo de serviço, já em escolas particulares se contrata quem quer (lembra o professor).

## **RESUMO: AULA 04 (26/03/2018)**

### **Turma A:**

Professor Orientador inicia a reunião tendo uma conversa com os alunos sobre a questão da presença e que esta será cobrada a partir de agora, pois as vagas para o estágio são limitadas e o número de vagas é pequeno, 25 alunos

podem ser orientados por semestre pelo Professor Orientador e 25 pela outra professora, e estão frequentando na média metade desse número. Sendo assim parte dos matriculados estão tomando vaga de outros que querem realizar o estágio. O estágio ele é feito normalmente mais no final do curso e as pessoas fazem ele quando já estão quase se formando, algumas se matriculam no estágio e não fazem a disciplina, sendo assim tomam vagas de pessoas que realmente querem estar ali e participar do estágio. Alguns acham que não precisa participar da reunião é só fazer o estágio e entregar o relatório no final do semestre. Ele pede então para quem não pode frequentar as reuniões naquele horário para que tranque a disciplina e deixe que outras pessoas que o estão procurando por vagas façam estágio. Como essa é uma disciplina obrigatória, a coordenação matricula o aluno automaticamente quando ele cumpre o pré-requisito mínimo e os alunos que não querem realizar tem que ir lá e desfazer a matrícula. O que tem acontecido é que as pessoas estão se matriculando faltando um semestre para se formar e querem fazer tudo em seis meses, e não tem como fazer as 4 etapas em seis meses.

Continuando as informações o professor avisa que todos já estão inseridos no Portal Didático e que todos os documentos necessários também já estão disponíveis, bem como a descrição do que é feito em cada etapa.

Após os avisos os alunos começam seus relatos, Isaac precisa só do texto, pois ele fez dois anos de PIBID e apresentou no SID (Seminários de Iniciação à Docência)

Rosalind ainda não sabe o que vai fazer, está no estágio 1 e está pensando em algum projeto de extensão. Se interessou por um projeto de extensão de umas colegas que trabalham com sexualidade nas escolas. Ela estava em dúvida porque o projeto é feito nas escolas e como o estágio é em espaços não formais, porém o professor gostou da ideia, pois é uma maneira de educação não formal mesmo sendo feito dentro de uma escola. Ela conta que o grupo tem algumas dinâmicas de trabalho, como por exemplo: mitos e verdades. Elas falam algumas frases e distribuem papezinhos vermelhos e verdes aos estudantes e eles levantam se acham que é mito ou verdade, depois quem acerta ganha camisinhas (risos) e elas explicam porque é mito ou se é verdade.

Isaac entra na conversa perguntando se trabalha também sobre sexualidade em si e questões de gênero pois nas escolas ainda há uma barreira muito forte para se falar desses assuntos.

Professor Orientador reafirma que seria muito interessante, pois mesmo sendo dentro da escola é um espaço de intervenção criado por pessoas fora da escola, sendo considerado uma educação não formal. Ele sugere que ela também faça a etapa dois junto, pois como ela já vai à escola já pode conciliar, Rosalind acha complicado, pois como não tem período fixo ela não sabe se teria dias certos para ir observando e então prefere outro lugar. Ela queria fazer, mas está sem contatos para pensar em alguma escola próxima à sua casa. Galileu indica escola, Isaac também e Professor Orientador indique alguns nomes que ela pode procurar. Rosalind pergunta se as outras etapas precisam ser na mesma escola ou pode variar o professor diz que não, pode ser feito da maneira que quiser, continuar na mesma ou variar as escolas.

Surge nesse momento muita discussão sobre a questão de se trabalhar esses temas nas escolas, Galileu conta sobre uma experiência ruim de quando foram na escola dele fazer uma palestra sobre DST e ficaram apenas mostrando imagens muito fortes de doenças chegando até a causar mal-estar em algumas crianças, ele tinha 10 anos. E completa dizendo que normalmente esses temas são tratados de uma maneira só, e usa a palavra suja para caracterizar a maneira como é mostrado a sexualidade e DSTs nas escolas. Professor Orientador conta do caso de quando a Lady Di foi em um lugar onde as pessoas tinham o vírus HIV na década de 80 e ela pegava na mão das pessoas sem luvas e isso foi um absurdo virou manchete na época e todas as pessoas ficaram horrorizadas com aquilo, pois muitos ainda acreditavam que podiam se contaminar apenas com o toque. Galileu retoma a fala e observa sobre essa ser uma doença caracterizada como sendo de africanos e Isaac fala que aqui no Brasil é caracterizada como doença de “viados”.

Galileu conta ainda sobre um projeto de extensão que criou um teatro para falar sobre a dificuldade das pessoas que não se enquadram nos padrões de gênero da sociedade e a maioria das escolas não deixaram com que eles desenvolvessem esse projeto e não aceitavam que falasse sobre sexualidade nas escolas. Isaac desabafa falando que está perdendo a vontade de dar aula pois tudo o que ele planeja não pode ser aplicado nas escolas e que ele gostaria de trabalhar sobre gênero e sexualidade e tratar esses temas abertamente com os alunos, e as escolas não permitem que esses temas sejam abordados dessa maneira, somente quando trata das doenças e volta mais pra saúde. Eu falo para ele ir aos poucos e tentando um pouco de liberdade com a escola e as pequenas brechas que a escola der a ele, aproveitar e mostrar o trabalho dele. Ele completa dizendo que no cursinho acha muito mais fácil pois tem muito mais liberdade.

Professor Orientador pergunta sobre as expectativas de Rosalind e ela fala que a maior expectativa é ver como os alunos irão discutir sobre esse tema e quais as perguntas eles vão fazer, sobre o que eles vão falar e comentar, porque ela fica lembrando da experiência ruim dela com esses assuntos na escola. Professor Orientador ainda frisa que os temas sexo, sexualidade, DST's e ideologia de gênero são coisas diferentes e as pessoas costumam tratar tudo como sendo um tema só. E pergunta aos outros estagiários eles se lembram desse discurso em suas escolas Isaac não lembra

e Luigi também não se lembra pois, o ensino na sua escola era muito técnico e competitivo então não tinha esse tipo de discussão, era mais discussões sobre trabalhos futuros. Rosalind lembra de uma experiência na sétima série em que a professora de ciências estava tentando falar sobre o clitóris, na época ela não sabia o que era, mas se lembra da professora falando para as meninas que se elas pegassem o chuveirinho e colocassem na parte íntima elas sentiriam, mas que ela frisou que não estava falando para elas fazerem nada só explicando que existia. Que existe uma parte sensível. Galileu completa refletindo em como que com os homens masturbação é conversada a partir dos 10 anos no máximo e com as mulheres mesmo depois de adulta ainda é um tabu, ainda é considerado algo “sujo” de se fazer. Rosalind fala que a maioria das amigas dela dizem que não sente vontade de fazer não se satisfazem masturbando e Isaac cota sua fala dizendo que provavelmente é porque não conhece não sabe fazer ou tem vergonha e não admitem, ainda completa falando sobre a questão das mulheres serem criadas para não fazerem esse tipo de coisa, criadas para dar e não para terem prazer.

Surge então outro ponto desta discussão colocado por Galileu, a de que o professor de biologia é sempre procurado para tratar desses assuntos envolvidos nesse tipo de tema. Isaac ainda completa, tudo que envolve saúde, Galileu relaciona com tudo que evolui o corpo humano. O professor concorda e diz que esse na verdade é um tema transversal que pode ser trabalhado por qualquer professor.

Luigi que está olhando vídeos de divulgação científica sobre a vacina, conta sobre um novo vídeo que assistiu, com um posicionamento a favor da vacina. Ele descreve o vídeo como sendo mais longo que os que ele já tinha visto, porém com explicações muito mais simples e mais fáceis de uma pessoa que não é da área entender. Ele destaca também que nesse vídeo os comentários são mais amigáveis, mesmo os que não concordam com o explicitado. Há uma interação entre as pessoas que comentam e o perfil do canal, que responde a muitas perguntas. E sente que as pessoas se mostram mais engajadas para opinarem em seus vídeos, sendo que nos outros parece que elas estão querendo discutir e nesse não, as pessoas parecem gostar de comentar mesmo que seja só pra dar a opinião.

Contando sobre o vídeo ele traz uma parte que fez um link com a aula passada, quando o vídeo fala sobre a importância de se tomar a vacina para que não haja um surto, e que é necessário um número de pessoas para isso. O vídeo tenta mostrar a quem assiste que não se deve ter o pensamento de que não é necessário tomar, pois outras pessoas irão e completarão o número necessário, isso pode levar a várias pessoas pensarem da mesma forma. Professor Orientador lembra sobre a discussão sobre a decisão da vacina em mim e no outro. Algumas situações que aparentemente as decisões são individuais não serem tão individuais assim, pois passa pelo coletivo e não podemos deixar de pensar no coletivo. E ainda voltando aos pontos das aulas anteriores Professor Orientador reflete se a divulgação científica, se ela leva realmente um tempo para atingir as pessoas, devido ao tempo que os vídeos e os canais já tem estão atingindo mais pessoas, e Galileu já faz uma reflexão relacionando com a linguagem, pois o vídeo que tem uma linguagem mais simples parece que as pessoas compreenderam e reagiram melhor as informações. Luigi concorda que está mais ligado à linguagem pelo que ele percebe as pessoas reagem melhor quando a linguagem é mais fácil, simples e a maneira como se comunicar com o público.

### **Turma B:**

Lisa escolheu uma audiência pública que teve na universidade com a presença de um professor que veio falar sobre a base comum curricular era aberto ao público a todo mundo tanta membros da Universidade quando da comunidade. Ela achou que o professor fosse falar a respeito mesmo do que propõe a base e o que iria mudar, porém ele não falou o que era esperado. Lisa diz que teve a impressão de que ele veio apenas defender a base, sendo muito agressivo, muito incisivo e político ao falar, incomodando ela um pouco. Professor Orientador, que também estava na palestra, fala que ele foi impositivo mesmo. Lisa diz que como não tinha lido a base curricular, ele a convenceu um pouco, a maneira como ele falava, e ela pensou se realmente era daquela forma que ele estava falando.

Lisa olha suas anotações do Diário de Campo para ver tudo que foi anotando aí fala: “deixa eu ver aqui o que eu anotei” ela fala o que o palestrante disse sobre a construção da base, como ela foi construída, as pessoas que participaram. Ficou surpresa ao ver que a Puc tinha participado da criação por ser uma universidade particular. Ela não leu a base mas conhece a LDB e acha que tem muita coisa para melhorar nela. O professor concorda com ela sobre o fato de sair convencido pelo jeito que ele falou, ele reflete sobre o fato de ele ter usado Austrália, Canadá e alguns outros países como modelo para criação dessa base, modelo de Portugal, e acha que esses países não cabem aqui porque cada um tem sua particularidade. Lisa pensa que um público comum (leigo) não entenderia daquilo, achou a linguagem muito difícil, muito pesado, específica e acadêmica, até ela que não é área teve dificuldade para entender algumas coisas que ele falava, citou alguns autores de filosofia, pessoas que ela acha difícil de entender: Kant, Foucault. E aí fez o questionamento: para quem ele estava falando? Então pensou, é uma audiência pública então não está adequado mesmo tendo muita gente da universidade. Lisa mostra o papelzinho de divulgação e disse que tava escrito Base

Nacional Comum Curricular e que pensou que chegaria lá e aprenderia sobre isso, porém chegou lá e ele só argumentou a favor da base vendendo alguma coisa mesmo, não explicando realmente o que era. E aí o professor frisa que é um evento que não foi oferecido para/pela Universidade, mas na universidade organizado pela comissão de participação cidadã da Câmara Municipal. Como tinha uma mesa ela pensou que seria uma palestra e depois seria uma discussão, mas não, foi apenas uma apresentação tendenciosa para o tema. Galileu (que também esteve presente na palestra) questiona sobre a mesa que eles levaram porque ele não conhece as pessoas que estavam lá e realça que eles não falaram que as pessoas que participaram da mesa não iriam opinar. Lisa fala que já estava esperando que seria uma palestrinha e não uma mesa redonda. Galileu fala que quando viu falando que ia discutir sobre a implementação estranhou porque é algo que já foi aprovado então não tem meio o que ser discutido. Galileu e Lisa falam da parte que ele fala sobre o professor que comete fraudes quando está na escola e não está fazendo nada, não está trabalhando ou não usa o tempo que tem na escola para fazer as coisas e fazem e casa, que isso é fraude. Então questionam se ele realmente conhece algo sobre a educação brasileira. O professor ressalta sobre a formação dele, que ele é sociólogo não é formado na parte da educação e eu ressalto que as pessoas que decidem sobre a educação, que fazem as leis sobre educação jamais pisaram em uma sala de aula, pelo menos a maioria não conhece o mínimo da realidade educacional do nosso país. Lisa fala que ele é político mesmo, que ele convence as pessoas do que ele está falando.

Surge a questão sobre a forma como ele se apresentou falando as informações dos títulos que ele tem, o que ele já fez ... Então surgiu uma discussão entre os estudantes sobre a questão do prestígio. Rita cita o exemplo de um dos professores deles do curso de biologia que quando cita que tem phd as pessoas parecem que prestam mais atenção na aula, levam a aula mais a sério, ficam mais atentos as coisas que ele fala. Quando são formados em universidades de prestígio também chama mais atenção.

Lisa continua contado sobre a palestra que ele também falou sobre a questão da inclusão, que deu certo e que as pessoas estão inclusas nos dias de hoje, que elas participam, tem acesso, acessibilidade. E ela pensa que não, que não é bem assim ainda e se está sendo bom realmente, que isso tem que ser perguntado para as pessoas que estão sendo inclusas. Ela cita o exemplo que já conversou com o pai de um menino que tem deficiência e que o pai não quer que ele participe de ensino regular, que ele já presenciou preconceito e etc, e preferia que o filho continuasse na APAE. Outra aluna fala sobre um exemplo também que participou assistindo a uma aula e viu que uma professora excluía um aluno que tinha algum tipo de deficiência, como se ele não tivesse capacidade, não dava atenção para ele, não tinha paciência de explicar as coisas e ela percebia que mesmo com déficit e um problema na perna, ele se expressava muito, ele tinha muita facilidade em algumas disciplinas e conseguia desenvolver muito bem seu raciocínio porém, era bem excluído por outros e ficava praticamente só com a professora de apoio na escola. Ela achava que isso prejudicava muito ele tinha, que ele precisava ser mais incluído, ter mais trabalhos em grupo. A discussão foi finalizada com reflexões a respeito da inclusão que o palestrante assumiu que ela estava acontecendo e bem feita e a maioria dos estagiários discordaram dessa posição dele.

A fala passa para Willian que se interessou realmente pelo medcanal, por ser um canal que a maioria conhece e que ele tem afinidade. Pretende olhar a diversidade dos tipos de vídeos que ele faz, pelo que viu pode perceber que ele faz alguns vídeos relacionados a algumas séries de medicina para estudar algumas doenças. O Professor Orientador pergunta pelo público mas ele esqueceu de olhar não olhou todos os comentários Mas viu que tem muito ele estava vendo os vídeos e as descrições dos vídeos. Elizabeth fala que via os comentários para poder assistir o vídeo e que a maioria dos comentários eram positivos e elogiando os vídeos, fala também que passou em algumas disciplinas assistindo os vídeos dele. Lisa fala que também, mais dois ou três estagiários também falam que tiveram essa experiência positiva com os vídeos desse canal, que ajudaram mesmo a conseguirem a passar em algumas disciplinas e entenderem alguns conceitos. O Professor Orientador pergunta se tem algum vídeo que ele especifica para quem ele está falando e então Willian fica de olhar e observar se tem especificando para quem ele está fazendo esses vídeos, ele fala que percebe que os vídeos que ele faz sobre séries eles ele percebeu que ele tentou pegar o público da série. O Professor Orientador pergunta então porque ele acha que ele quer atingir esse público? Willian acha que mesmo tendo pessoas que não são da área elas assistem os vídeos dele pela curiosidade de entender o que aconteceu em alguns episódios sobre algumas doenças e etc. Lisa falou que já perguntou para a mãe dela que assistiu Grey's Anatomy se conseguia entender algumas coisas, por ter coisas muito médicas que as vezes nem ela entendia, ela fala que algumas vezes estudando ela já usou a série para tentar entender na prática alguns casos e que tem alguns muitos difíceis e técnicos que passam. Então o professor comenta que as vezes ela assiste pelo caso do romance que acontece em volta e não pelas questões médicas em si.

O Professor Orientador fala que quando eles forem observar espaços não formais ou informais, como os vídeos, a primeira pergunta que eles precisam se fazer é: Para quem eles estão falando? Quem eles estão querendo atingir? Porque na escola sabemos que são os alunos e esses outros espaços nem sempre. Então precisamos pensar para quem eles estão falando, com quem eles estão querendo falar, são as primeiras perguntas e quando falamos, eu acho que ele fala para o público da série, essas opiniões tem que estar marcadas, ou seja, ver se ele fala isso no vídeo, se ele

deixa algum indício disso é o primeiro aspecto que a gente tem que marcar e depois a gente pensa sobre a linguagem e o conteúdo, sobre o que ele está falando.

Lisa fala que o público que se interessa muito por essas séries é quem faz cursos, que pegam essas doenças que estudam algo relacionado e as pessoas que não são vão mais pela história em si e nem presta muita atenção nos conceitos médicos usados. O Professor Orientador pergunta o que chama atenção além do conteúdo e Willian fala que a questão da maneira como ele fala que ele consegue pegar um livro extremamente difícil explicar em uma linguagem mais simples tendo entendimento melhor, como por exemplo uma imagem em um livro que ele não tinha entendido nem a legenda e com a explicação dele ele conseguiu entender, outra estagiária, Rita, ainda destaca sobre a dificuldade desse livro em específico.

Willian continua relatando o que observou: o local onde ele grava é no quarto dele com uma estante de livros atrás dele, Lisa volta ao comentário da aula passada que acha que ele faz o vídeo para estudar e o Professor Orientador fala que está mais interessado na linguagem que ele usa e no que ele quer com os vídeos, quem ele quer atingir, o que ele quer com esses vídeos e não no conteúdo do vídeo em si, para ele tentar ver alguma coisa que ele ainda não aprendeu e ainda não viu para ele ver se ele realmente consegue entender a partir do vídeo dele ou se era porque ele já tinha uma base, se o cara é bom mesmo que ele consegue entender o vídeo sobre algo que ele ainda não sabe.

Professor Orientador encerra e passa a fala para Rita que hoje já foi na escola vai fazer Etapa 2 faz perguntas sobre a carga horária. Rita fala sobre um comentário que a supervisora fez porque tem muita gente de greve e eles estão precisando de gente para ajudar o professor pergunta se ela mostrou o plano sobre as coisas que ela pode fazer aí ela fala que sim, que explicou tudo que ela vai fazer e que ela pergunta se ela puder ajudar porque ela está com poucos professores e se ela pode ajudar quando ela puder e tiver disponibilidade. Elas foram conversando andando porque ela está completamente sem tempo pela questão da falta de professores. O professor então intervém e pergunta ajuda para fazer o quê? E diz para Rita responder que vai ver com o orientador se ela pode fazer algo que não está no plano. Preencher alguma coisa, chamar algum aluno e etc, não tem problema, porém ela não pode entrar ainda na sala de aula não é essa a etapa, não é esse objetivo dessa etapa do estágio. O professor frisa na importância de sempre reportar tudo a ele, se não quiser falar ali na reunião do estágio procurar ele pessoalmente e qualquer questão que o incomode, qualquer questão que veja que é dificuldade, para que ele perceba se é algo e esteja atento a tudo que está acontecendo. Para ela ver o que ela está disposta a fazer, o que está acordado no documento e sempre reportar a ele o que ela achar que não está dentro daquilo que ela pensa sobre o estágio. Então ele tira mais algumas dúvidas sobre o documento. Rita diz também que a supervisora pediu um favor para ela ficar numa sala de aula que estava faltando um professor e ela falou que não podia ficar na sala sozinha, que estava no termo e que depois disso ele notou que a postura dela com relação a ele mudou que ela mal conversava com ele

Barbara começa a falar sobre a escola que tinha ido e todo mundo pergunta sobre o diário, estava muito todo mundo curioso, ela falou que os dois dias que ela foi não aconteceu nada as atividades foram da escola era aniversário da escola e acabaram sendo fora da e ela nem quis ir, ela falou que analisou o que estava achando interessante, mas que esqueceu de perguntar o que que era mais para fazer e o Professor Orientador falou que é realmente isso olhar o que ela acha interessante. Ela vai olhando o caderno para lembrar o que olhou e fala sobre a questão de presença e sobre o histórico da escola que chamou atenção pelas localizações que a escola já teve e o Professor Orientador pergunta sobre quem era o (nome da escola ocultado) então ela retorna ao diário para falar quem foi. Depois ela fala da experiência que teve aplicando a prova do simave, que a supervisora pediu para que ela e outra estagiária ajudassem. Era em uma sala com computador, elas foram e ajudaram a ligar os computadores e um dos Estagiários questionou sobre a sala, como era, ela falou que a sala cheirava mofo e era extremamente abafada, a prova era sobre matemática e português e seria nos computadores. Willian pergunta se tinha um computador para cada aluno e ela fala que tinham vários computadores, mas apenas 17 funcionando, menos da metade. Barbara diz também que os alunos chegaram todos atrasados, mas chegaram certinho, porém começaram a falar demais e ela falou que não iria ficar gritando com eles e depois começaram a fazer a prova. Ela fala que é uma coisa que achou interessante é que vez ou outra perguntavam as coisas pra ela: dona não tô entendendo isso aqui e tal e aí ela falava eu também não sei não é da minha área, eu tô apenas auxiliando mesmo. Achou a sensação de ser chamada de dona e professora muito boa porque ela não estava com cara de aluna, que era algo que estava com medo, ter cara de aluno. E então os computadores começaram a falhar, os alunos não estavam conseguindo enviar e teve um problema no sistema, então disse que ia chamar o professor responsável e uma das alunas queria ir para chamar o professor e ela falou que não que ela mesma quem iria e que essa aluna começou meio que querer enfrentar para ir chamar o professor e que ela manteve a postura firme e falou, não quem vai sou eu. Demonstrando segurança. Disse que gostou muito da experiência que gosta de coisas novas, que gostou de ter um contato com os alunos, que quer mais esse contato para poder se ver mesmo naquele lugar. Surgiu o questionamento entre os estagiários motivado por Willian de que se a escola não tivesse sala de informática como seria essa participação essa prova, já que é uma prova feita no computador e com tantos problemas com conexão com a internet que os alunos já tiveram? Ela diz que acha que todas as escolas tem. Por fim desligaram

os computadores, seguindo a orientação da supervisora que também disse que a prova seria remarçada e que se elas quisessem aplicar novamente. O Professor pergunta então se ela quer e como foi a experiência no geral. Ela disse que sim, que gostou da experiência e se puder aplicaria a prova novamente.

Outro fato destacado no relato de Barbara é de sempre observar mães indo na sala da diretora. Ela relata o caso de uma mãe que recebeu um bilhete que um dos alunos estava muito disperso na aula, ela estava na sala e escutou a conversa e aí até perguntou para diretora se não tinha problema e a diretora disse que não, que era bom que ela visse realmente que acontece na escola. Ela viu que tem alguns meninos com TDH, muitos casos de meninos que moram com avós, e percebeu muita questão de estrutura da família e ela pensou que no pouco tempo que ela está ali foram três alunos com caso de dispersão, dois que tomam remédios para déficit de atenção, e o Professor Orientador ressalta a importância desse momento, dessa reflexão de pensar sobre isso, ele fala sobre um documentário na Netflix que trata do uso de remédios para estudar, *Take a Pill*, recomendando que ela assistisse para entender um pouco esse mundo dos remédios para estudantes. Lisa e Galileu destacam sobre o uso da Ritalina para os alunos e Galileu fala sobre a diferença em se falar sobre pessoas que estão tomando esse medicamento por conta própria e para crianças que não podem tomar essa decisão e os pais e o médico decidem que eles devem tomar. Barbara questiona sobre a questão do medicamento, se os médicos não generalizam e já passam direto para o remédio sem pensar no outro tipo de tratamento. Galileu fala que tentou perguntar um pouco quando estava no (nome da escola ocultado) sobre isso sugerindo que as vezes ela pergunte também. Lisa fala que tem umas escolas que não são muito abertas a falarem sobre isso e que naquela também tinha muitos alunos e quando foi tentar entender a escola não foi aberta, não quis falar sobre. Galileu fala que uma vez em uma escola ouviu uma professora recomendando esse tipo de remédio para crianças muito pequenas, falando o quanto era importante dar esses remédios para crianças hiperativas. Galileu fala da importância de se conversar sobre a medicalização na escola porque nós vamos nos deparar muito com com isso, e fica a questão do papel da escola quando percebe que algum aluno tem algum tipo de déficit, algum problema de aprendizagem. O Professor Orientador questiona então para pensarmos como é feito o diagnóstico nessas crianças, em que idade escolar. A estagiária relata sobre o fato de já ter presenciado uma conversa entre a direção conversando com os pais sobre perceberem que a criança tem um pouco de dificuldade e os pais não aceitarem. Rita conta de uma experiência própria falando sobre uma vez que a mãe dela queria que ela repetisse o ano porque ela trocava B com T e a professora não quis, falou que poderia ser uma dificuldade normal e a mãe colocou a responsabilidade sobre o professor e ela relata que até hoje ainda tem essa dificuldade em trocar essas letras. Jane fala que como os professores têm mais contato com os alunos eles seriam uma das pessoas que teria mais percepção para esses problemas e o professor questiona então o que os estagiários pensam: se a escola deve intervir ou não? Barbara acha que sim, dar um acolhimento, não diferencial, mas como conviver bem com os alunos, pelo menos na escola onde ela trabalha ela percebe uma relação boa da supervisora com os alunos ela acha que a escola deve mostrar para os alunos que ela está ali para ajudá-los, para auxiliá-los. Isaac fala da experiência que teve com a supervisora relatando que foi conversar com os pais sobre um aluno que percebeu ter dificuldades e viu que a mãe tinha mais dificuldades do que o filho então como agir numa situação como essa. Barbara diz que não sabe se deve ou não intervir porque tem medo de prejudicar mais ainda a criança dependendo da situação. Lisa destaca ainda que dependendo da questão ainda entra a questão de um conselho tutelar.

Barbara finaliza seu relato falando que ainda precisa ver a questão da sala dos professores que lá eles falam que os estagiários não podem entrar na sala dos professores. Todos os estagiários comentam achar estranho porque todos frequentaram a sala dos professores normalmente em seus estágios, ela acha que pode estar relacionado com a questão de ter tido algum problema com um estagiário antigo que já foi relatado, ela tem medo de ser com relação a isso e poder criar mais problemas.

A reunião se encerra com Ana Carolina dizendo que ainda está vendo as escolas, e a possibilidade de fazer em coroas porque é mais fácil pela localização da sua casa.

## **RESUMO: AULA 05 (02/04/2018)**

### **Turma A:**

Os relatos começam com Gertrude falando do espaço onde está estagiando devido a semana santa ela não foi hoje, semana passada eles só trabalharam coisas relativas a Páscoa. Ela falou que nem era muito interessante ela começou na segunda de manhã que são os menorzinhos e à tarde na turma dos maiores. Eles trabalham no contraturno escolar, os menores são do fundamental 1 e os maiores são do fundamental 2, eles desenvolvem nesses lugares algumas atividades com os alunos como atividades físicas, capoeira, e reforço escolar. Os alunos da manhã ela percebeu que eles almoçam lá e já vão prontos para escola, já de roupa trocada e banho tomado. O Professor questiona sobre quem pode frequentar e ela diz que qualquer pessoa pode, independente do Bairro, da localização, só é difícil a questão de locomoção, mas que pode sim de qualquer lugar qualquer criança que esteja matriculada nas escolas. Ela sabe que é uma ONG, mas ainda não sabe de onde vem os recursos financeiros e sente curiosidade porque tem bastante

professores, monitores e o almoço que é gratuito. Ainda não sabe a questão de quantidade de alunos e tem algumas perguntas que ainda está tentando responder. Ela ficou um pouco sem graça porque a pedagoga estava do lado dela, então ficou meio sem jeito de andar livremente e de ficar anotando certas coisas se sentindo um pouco presa nesse primeiro momento e espera que com tempo consiga confiança para poder andar livremente observar melhor o local. O professor perguntou pela divulgação, como que as pessoas ficam sabendo, ela ficou sabendo como? Ela sempre via quando passava por lá.

Ela fala também que a coordenadora disse que tinha muita vontade de ter alguém das universidades que desenvolvessem algum projeto com essas crianças porque para eles irem até a universidade é um pouco difícil. E aí o orientador fala da importância de dar um retorno para esses espaços quando estamos lá, nunca ninguém foi nesse espaço é a primeira que tá indo, então tem de dar algum retorno para aquele lugar, entender e compreender seu lugar e abrir espaço para que aconteça outras coisas lá. Encerra o mento de fala de Gertrude e passa a voz para a próxima estagiária.

Rosalind que as meninas terminaram uma ação e estão no intervalo para começar a outra, então ela ainda não teve nada para ser observado. Rosalind até fala da possibilidade de talvez pensar em ir na onde Gertrude está participando, porém Gertrude atenta ao fato de que eles são muito novos, menores de 6 anos. O Professor Orientador fala para ter calma como é a primeira vez que alguém está nesse espaço para tomar cuidado que isso pode virar uma barreira, se fosse teria que ser somente para turma dos maiores. Rosalind sente uma necessidade de falar com as crianças desde mais novos, principalmente com as meninas, porém ela tem medo de quê a coordenação não goste, então prefere esperar até alguma oportunidade aparecer.

Seguindo a sequência de relatos Lisa como que foi em um evento chamado educação jovem popular. A proposta era falar com pessoas pessoas que se interessavam por cursinho popular, em dar aulas nesse cursinho ou entender como funciona. Algumas questões que abordaram foram: O que é o cursinho Popular? Como que surgiu sobre a história dos cursinhos Populares? Porém ela foi achando que era uma coisa e chegou lá era outra. Ela não sabia a diferença de um cursinho popular e de um alternativo. O alternativo é oferecido para a população com o intuito de ajudar alguém a entrar na universidade passando o conteúdo do Enem ou vestibular e seu compromisso acaba ali já o cursinho popular tem um viés mais político, ele surgiu de encontros durante a ditadura, que as pessoas não podiam ter encontros então usava-se esses cursinhos para se ter esses encontros de uma forma legal falando que estavam só estudando, mas conversava sobre política criando um olhar mais crítico também nas pessoas que participam tendo uma maior reflexão entre os participantes. Galileu interfere na fala de Lisa, que a questão política é para mostrar para as pessoas, para elas se entendam mais como sujeitos políticos, que as pessoas tenham um porquê de entrar na universidade, que existe uma questão política por trás disso não só pessoal, o objetivo não é só passar no vestibular, mas sim entender seu lugar e de formar seres resistentes. Ela sempre foi convidada por colegas para ajudar no cursinho, mas não teve tempo e aí viu nesse momento uma oportunidade de entender melhor esse espaço, porém ela viu que é muito maior do que só ensinar mitose e meiose (transferir conteúdos). Então ela diz que estava refletindo sobre isso, se poderia e como faria isso porque é muito mais do que ela se vê fazendo, que ainda se sente insegura. Galileu fala que essa reflexão é justamente que eles procuram: “nós queremos é isso mesmo que as pessoas fiquem fritando”. Galileu é um dos organizadores do cursinho e diz se sentir até emocionado com o jeito que ela fala e pensa no cursinho, que é um espaço para além de dar aula sim e que não só o cursinho deve ser assim, mas qualquer escola tem que pensar no sujeito que tá ali, quem ele é e o que eles querem. O Professor Orientador ressalta a importância dessas questões, desses questionamentos, de chegar na reunião com essas questões de não chegar com certeza, ter a consciência de que uma aula não é só ensinar os conceitos, mas sim a sua participação na formação da pessoa como cidadão. Ele então lança algumas questões: como relacionar isso com biologia? Como fazer isso como professora? E aí nos perguntamos se na escola não fazemos isso o que a gente faz? E se não faz, onde que isso é feito? Quando que isso é feito? Quem faz isso? Lisa diz ainda não estar preparada para isso e que não foi preparada até então para isso. Ela não observou esse tipo de pensamento no tempo que esteve no PIBID. O Professor Orientador pergunta o que ela quer dizer com isso. E ela diz ser o fato de pensar dessa forma, com esse viés político da educação. Então ele destaca que agora ela está tendo outro tipo de reflexão onde outras portas estão se abrindo, acalmado a estagiária dizendo que quando ela começou e mesmo agora as preocupações são outras, questões como: Como eu vou falar com aluno? Eu sei os conceitos para eu ensinar? E ela diz que entende que é um passo de cada vez. Que achava que sabendo os conceitos, que respondendo para os meninos e como que ela agiria dentro da sala de aula e respondendo essas questões achava que estava pronta e agora vê que não.

A aula é encerrada para preparar a entrada da próxima turma.

**Turma B:**

A reunião se inicia com a fala de James que ainda não foi porque não conseguiu o contato com o professor, o professor sugere que ele não espere e vá na escola para tentar agilizar o processo.

Professor Orientador fica um bom tempo tirando dúvidas sobre as etapas, a ordem e os documentos necessários.

Surge o assunto sobre os nomes não oficiais das escolas como, por exemplo, Polivalente. O Professor Orientador explica um pouco sobre o surgimento desse nome e os estagiários começam a se perguntar sobre outros, como Caíque, Estadual e a arquitetura típica de cada uma dessas escolas que têm uma relação com o tempo que elas foram construídas. Então fica para as pessoas que estão na Etapa 2 mentira olhar a sobre isso. Continuando sobre o tempo surgem questões relativas aos nomes das escolas que normalmente são nomes de pessoas que foram importantes para a cidade (entre aspas) e aí o Professor Orientador pergunta se já nos questionamos sobre esses nomes. Uma das estagiárias, Elizabeth, fala que já se questionou sobre o nome da escola da sua cidade porque era o nome de uma pessoa que ainda estava viva, mas que não sabe o porquê. E ficou como mais um dos pontos a serem analisados para quem está na Etapa 2 pensar no nome da escola, do porquê deste nome.

Jane volta a sua escola para fazer estágio e fala quanto lá está diferente, diz que na sua época foi o mesmo diretor por muito tempo, com muitos anos e que mesmo sendo uma escola pública era extremamente rígida, com horário, com roupas, com ir no banheiro, tomar água, etc. Tudo tinha que ser pedido, tinha que pedir permissão para tudo e que hoje com outro diretor parece que deu uma relaxada e ela sente que tá um pouco bagunçado, não é como na época dela e ela acha do papel do diretor muito importante nesse sentido de manter uma postura mais firme dentro da escola e surge o questionamento sobre a postura do diretor. James destaca que algumas escolas são conhecidas justamente pelo nome do diretor, Lisa fala que tem muitas questões relativas ao uso de uniforme, que nem sempre é algo que remete a disciplina ou alguma coisa boa. A turma se dispersa com assunto de algumas escolas onde nós estudamos. O Professor Orientador ressalta que agora a gente está falando das nossas experiências, porém a gente vai começar a falar das experiências nas escolas e como nós temos muitas memórias nós tendemos a ter um olhar de que nós conhecemos muito bem esse lugar e não é bem assim, a gente não pode ir com essa visão que escola é tudo igual, que não é porque eu tive uma história ruim com um diretor que eu vou olhar para as escolas achando que todos os diretores vão ser assim, vão ser ruins, nós não podemos abandonar nossas experiências, o lugar da onde a gente veio, porém o para-brisa é maior do que o retrovisor, que a direção é para frente para onde eu vou, o retrovisor é onde estivemos, nós temos que entender o contexto primeiro né, da escola, o ambiente escolar, lembrando da onde eu vim com o ponto de vista que pode me ajudar a pensar, mas que não me prenda aquilo pois não podemos dirigir olhando para o retrovisor, nós temos que olhar para o para-brisa, o retrovisor é só uma referência. E encerra a aula com essa reflexão.

**RESUMO: AULA 06 (09/04/2018)**

**Turma A:**

Relato ocultado do primeiro estagiário.

Rosalind está ansiosa para ir na escola, pois não pode participar da primeira intervenção. O professor Orientador pergunta as expectativas e Galileu pergunta o que ela espera acontecer na escola. Ela diz que as meninas falaram que o primeiro foi tranquilo e aí o Professor Orientador pergunta o que é tranquilo e ela responde que é tranquilo no sentido de não ter conflitos e que elas falaram que os meninos estão perguntando coisas mais simples mesmo, teorias básicas mesmo. Ao ser questionada pelo Professor Orientador ela diz que não é fechado apenas a DST, é aberto a mais algumas coisas, que abrange para sexualidade, que não foca em sexualidade pela questão de não ser aceito nas escolas, mas que elas vão com DSTs e abrangem. Galileu fala que é uma questão muito legal dela observar onde aparece a fala delas que mostra a mudança, onde elas falam sobre DST e onde elas entram com sexualidade, como que elas introduzem esse assunto dentro de DST. Rosalind diz que quer ver os tipos de perguntas que os meninos vão fazer porque ela só entra com assunto das doenças, dos métodos contraceptivos, mas que ela acha que as perguntas não vão ser tão voltadas para isso, como já vai ser segundo e terceiro ano do ensino médio e eu pergunto como que vai ser essa intervenção se ela tá vai ser palestra, dinâmica, gincana. Ela disse que primeiro é uma palestra mesmo com slides e depois é a dinâmica dos mitos e verdades, elas falam algumas questões e eles respondem se é um mito ou verdade e elas vão tirando essas dúvidas. Isaac pergunta se elas já comentaram como que tratam da sexualidade e Rosalind diz que as meninas falaram que focam em DSTs, mas sempre que tem uma “brechinha” elas vão introduzindo o assunto sobre a sexualidade.

Isaac conta uma experiência que teve ao tentar trabalhar o tema sexualidade na escola e Rosalind pergunta pra que série foi e ele diz ter sido para a escola inteira e que foi um “auê” na escola. Eu comento sobre uma professora da UFLA que trabalha sobre gênero e sexualidade nas escolas e que ela trabalha desde a infância, Isaac se surpreende e se interessa muito, pergunta quem e como é o nome, como não me lembro fico de passar.

Relato ocultado.

## **Turma B:**

Michael conta da sua experiência com a regência, ele está na parte da regência e só falta isso para completar as horas e fala que foi uma experiência muito diferente porque ele nunca tinha estado em uma escola pública. Galileu lembra que ele já falou que já tinha dado aula, ele falou que sim já deu aulas no Sesi e que ele sentiu muita diferença em questão de comportamento dos alunos e até mesmo motivação dos professores. Ele comentou com os professores que achou muito difícil falar com os alunos e os alunos não deixam você falar e tal, e uma das professoras disse para deixar eles conversarem e considerar a matéria como dada. Ele disse que tentou se impor pela questão de ser estagiário, pois percebeu que eles querem crescer para cima dos Estagiários então ele falou que queria respeito para que ele os respeitasse e que é uma questão de troca. Ele falou que a turma é muito grande e que os alunos lá de trás não ouviam ele e que viu alguns comentando que ele não era bom e que era para o (professor da turma) voltar e dar aula e ele falou que não adiantava eles jogarem para ele que ele não é um bom professor sendo que eles não são bons alunos que eles não estavam deixando nem ele falar como que eles iam julgar se ele é um mau professor que tudo que acontece dentro da sala é uma questão de troca entre professor e alunos, inclusive eu respeito.

Ele prossegue seu relato falando do comportamento dos alunos. então o Professor disse que ele falou muito dos alunos que agora ele quer saber dele, antes da preparação, durante, agora. Ele fala sobre a questão da regência que ele já teve essa experiência de preparar aula de dar aula que ele sentou com o professor da escola para preparar as aulas e foi bem tranquilo, ele achou o material bem superficial dessa escola para outras para escolas particulares é muito superficial, que traz só um recorte mesmo do tema e como o tempo é curto acaba fazendo um recorte do recorte, então o conhecimento o conteúdo que eles recebem é muito pouco e a questão de cobrança acaba sendo muito pouca também mas ele disse que achou tranquilo que não tem problema nenhum em questão de preparar aula, de desenvolver a aula, de autonomia, de lecionar, ele não achou problema nenhum. O Professor Orientador fala que ele não pode olhar para esses alunos do mesmo modo que ele olhava para os alunos da escola particular da experiência onde ele teve, que são outros alunos, que vêm de outros lugares, que tem um contexto diferente, que tem outras questões, que tem outras características outras experiências de vida então ele tem que abrir mais o olhar dele para poder tentar compreender essas diferenças que tem para os alunos da escola particular. Se ele não tem condições de fazer tudo que ele quer em uma escola pública se perguntar: quais são as condições que ele tem, o que dá para fazer com aquilo e destaca que foi muito legal, que mesmo sendo um período curto de estágio foi bem extenso e teve bastante reflexões aí Lisa disse que acha que vale a pena ela repensar essa questão de postura dele por que a postura que ele tinha em uma escola particular não vai funcionar da mesma forma ali justamente por serem diferentes e ele diz que achou o comportamento dele errado porque ele não ia acompanhar eles muito tempo foi só um período do estágio, mas como ele já tem experiência de professor ele já chegou muito se impondo. Lisa diz que como eles não conheciam ele talvez eles nem sabiam como ele era, as coisas que ele gostava, que tem professores realmente que não ligam para o que os alunos estão fazendo dentro de sala de aula.

Marie faz um questionamento: se professores mais antigos não fazem nenhum curso para serem atualizados e o professor fala que tem que tem muitos cursos, o tempo todo, gratuitos que o governo oferece e Maria fala que acha que isso seria muito necessário porque o conteúdo vai mudando muito, a metodologia de ensino muda o tempo todo e eu conheci muitos professores que não mudaram, que tem a mesma didática desde a idade da pedra que não pode parar de se atualizar eu falo que os professores tem que ter formação continuada e o professor fala sim existe uma infinidade de cursos oferecidos aos professores de formação continuada e esses cursos até agregam na questão da carreira deles, só que ele joga uma reflexão para pensarmos: os professores chagaram a colocar um outdoor para pedir que o governo pague o piso, que é um mínimo, imagina fazer cursos que não vão agregar financeiramente, eles acabam se desmotivando a fazerem, pois a carga de trabalho já é cansativa e o esforço seria enorme e sem a valorização eles não se motivam e outra questão que ele fez seguida foi perguntar a Marie se ela pensa que a pessoa muda com o curso ou como que é essa questão de atualizar que ela está pensando e Marie fala que é porque acha estranho ter muitos professores que às vezes nem são formados em biologia são formados em Magistério dar uma aula de biologia e acha isso muito estranho. Galileu destaca que o IF oferece uma gama de cursos nesse sentido. Lisa fala que esses cursos são muito importantes para atualizar e não para questão de conteúdo, mas sim para se atualizarem realmente com ensino, metodologia de ensino.

Barbara foi acompanhar os alunos na sala de informática para terminar a prova e ficou sozinha porque a outra estagiária estava acompanhando o professor, a supervisora só foi ajudar a ligar os computadores e chamar os alunos, ela disse que a princípio ficou com receio de como que iria dar conta e tal, mas que no final ela saiu de lá muito feliz pelo bom comportamento dos alunos e a maneira que trataram ela respeitando como professora mesmo, deu tudo certo todo mundo conseguiu fazer a prova. Ela explica o que significa SIMAVE.

Rita não conseguiu resposta sobre o formato da escola, mas pesquisou sobre o nome da escola e explica que foi e o que ele tinha feito na região que o agradeceu a escola com seu nome.

## RESUMO: AULA 07 (16/04/2018)

### Turma A:

A reunião começa com Mayer fazendo seu relato sobre o estranhamento da coordenadora por ela ser do curso de biologia e a maioria ser da pedagogia e falou que gostaria muito que ela propusesse algo com relação à Ciência para desenvolver com os meninos, que eles quase não tem esse tipo de contato porque não vão pessoas dessa área lá. Surge nas falas de Elisângela as palavras educação, educar e ensinar, aonde entra cada uma, onde se encaixa cada uma e qual instituição que deve promover cada uma. Começa a haver uma interação então com relação a esses dois conceitos então Lisa fala que não consegue ver uma separação o tempo todo porque acaba que ela se sente educada até na faculdade pelos professores. O Professor Orientador fala para a gente pensar porque às vezes a gente usa alguns termos que remetem a vários sentidos, a gente tem que compreender o que cada um desses termos quer dizer para nós, dando um direcionamento o processo de educação que Mayer trás da experiência dela é algo para além de educação dentro de sala de aula vai para um sentido mais comum do termo mesmo, sem educação, mal educado, regra de convivência, normas, conduta, ética, moral, etc. E o ensino vai mais de algo escolar mesmo, ensinamos escolares os conceitos e tal, então quando a coordenadora fala que eles não trabalham com ensino, mas que eles educam, eles trabalham mais com essa questão de valores, de ética, de normas, de condutas, então o Professor Orientador pergunta se tem como fazer uma separação tão nítida na escola entre o que é ensinado e o que é educado, se há uma separação nítida entre esses dois tipos de educação de ensino na universidade. Nós estamos muito no científico, entende-se que os alunos já passaram por muitos processos de escolarização e que o aluno já tem essa educação, esse conhecimento de educação e se trabalha mais com a questão científica mesmo. Lisa e Isaac falam que não consegue ver uma separação clara entre esses dois métodos principalmente nessa idade porque tudo que você vai falando, você vai educando o tempo todo. O Professor Orientador fala que a gente tenta separar o educar e o ensinar como se existisse um lugar muito formal que só se ensinasse e não se educasse. Será que existe esse espaço?

Isaac tira dúvidas sobre o seu relatório, como participou do PIBID já terminou todas as etapas, só falta elaborar o relatório mesmo. Então o professor usa o restante da aula para dizer como e o que precisa ter no relatório.

### Turma B:

Lisa começa o segundo encontro contando como foi o lançamento de um livro que teve na universidade de um amigo dela que já formou e fez mestrado aqui sobre pessoas com deficiência e sua identidade para pessoa com deficiência e sua identidade para si na sociedade atual. Ele é cadeirante fez psicologia e mestrado também, fez várias entrevistas com pessoas com deficiências diferentes e falou que encontrou muitas pessoas que tinham um tabu, como por exemplo, que isso não me impede de fazer nada, isso não me atrapalha em nada. Ela fala que uma das questões que mais chamou atenção foi a questão da sexualidade, o quanto é difícil às vezes para eles expressar seus sentimentos, suas relações com uma pessoa, questões de trabalho também, que elas têm as limitações como todos. Tinha familiares, professores, pessoas da comunidade acadêmica, ele falou do processo de escrita do livro, contou dos relatos das entrevistas que ele fez com deficientes. Ela não viu deficientes na plateia o Professor Orientador perguntou se ele falou para quem era o público-alvo da fala dele. Ele não define o público-alvo, ela entendeu a linguagem dele, ele não usou autores muito difíceis nem palavras muito difíceis, ela não percebeu um público específico. Então acho que ele estava contando aqueles relatos para as pessoas independentemente de serem ou não deficientes. O Professor Orientador fala que a reflexão que ele gostaria de perceber é o que ela está vendo de comum nos eventos, nesses eventos diversos que ela está acompanhando. Marie fala que percebe que são questões meio que de relatos de experiências do que eles estão desenvolvendo ou foi desenvolvido, Lisa concorda que sim, que até agora ela só viu realmente relatos de trabalhos desenvolvidos sempre relatando experiências mesmo.

Marie segue a deixa e já entra em seu relato da semana e conta que vai começar o estágio e tira dúvidas sobre a questão de tempo na escola e se tem possibilidade dela fazer muito tempo de uma vez o Professor Orientador falou que talvez não seja bom porque a observação quanto mais longo o processo melhor e mais chances de ver mais coisas você tem, de ver coisas diferente.

Willian que está acompanhando o medcanal canal descobriu agora que ele produziu uns vídeos que ele montou uma playlist que chama *aprenda algo novo todos os dias* que a proposta é abordar alguns assuntos da Medicina e ser menos conteudista, talvez pensando em atingir mais o público geral, ele focou no que ele achou mais interessante, falando sobre lesões da pele, comparando ao estilo do programa *Bem Estar* sobre diferenciar os sintomas de lesões na pele usou alguns termos técnicos. Falou um sobre a história natural da ciência, mas achou bem chato de assistir uma coisa bem medicina mesmo, ficou didático algumas partes, mas um pouco cansativo de assistir. Ele gostou bastante do que chama anatomia no teto da Capela Sistina que é o desenho da criação do Adão, **ele trouxe o desenho para mostrar que ele ia falando e mostrando no desenho o que ia falando no vídeo e trouxe anotações também**. Ele ainda não olhou os comentários ele só percebeu passando rapidamente que ele não responde os comentários porque tem alguns de

dúvidas que ele ainda vai olhar mais a fundo, mas que ele não responde os comentários. James fala para ele olhar se ele não responde por redes sociais que alguns respondem por redes sociais. O Professor Orientador pergunta como que ele interage com o público. Willian fala que ele não interage até onde ele viu. Ainda não entendeu a proposta dele com canal porque ele não interage com o público, não tem explícito isso, então ele acha que ele é um pouco famosinho porque ele já deu até entrevista no *Bem Estar* o professor pergunta se ele ganha patrocínio com canal e Willian disse que não sabia não aparece. Wilain finaliza dizendo que o que mais chamou atenção é que quando você pesquisa sobre imunologia no Google o vídeo dele é o primeiro aparece.

Seguindo os relatos Rita conta que presenciou na sala da supervisão quando um aluno recebeu suspensão porque mexeu nas câmeras da escola e nesse dia um celular foi roubado. O Professor pergunta o que ele fez, Rita diz que ele mudou o foco, ela disse que ele virou a câmera e uma também que fica filmando os carros dos professores também foi virada e os carros dos professores apareceram arranhados, a diretora falou não sei se foi você, mas foi você que mexeu e aconteceu isso quando você mexeu e teve relatos que no mesmo dia que ele foi expulso da Escola e os alunos da sala dele melhoraram 100%, começaram a participar mais das aulas e começou a ser mais fácil porque ele que tumultuava a sala. Uma pergunta lançada pelo professor é do porque tem câmeras dentro da sala de aula. Rita fala que quando colocaram na escola dela eles deixaram claro que era para realmente vigiar os alunos e o professor questiona em que sentido. Rita relata sobre o roubo de um celular que aconteceu na escola e a escola não quis se envolver, pois ela deixa claro que é proibido usar celular na escola, então eles não precisariam nem levar o celular para escola e eles não tem o direito de revistar. A diretora foi na sala pediu para que os próprios alunos olhassem suas mochilas porque às vezes algum colega podia ter colocado de brincadeira, mas não quis chamar a polícia, não quis envolver polícia. Lisa acha que deveria sim ser chamada a polícia porque sendo não permitido o celular na escola aconteceu dentro da escola então é de responsabilidade da escola resolver esse problema. James fala que provavelmente a pessoa teria uma noção de quem poderia ser. O Professor Orientador fala que é um assunto complicado não tem uma literatura nem um exemplo que explique que a escola tem uma regra, não leva o celular, aí você leva quebra a regra e ele é furtado. Galileu fala sobre colocar polícia dentro da escola, que é algo muito complicado. E relaciona com um exemplo: é como em um estacionamento que eles falam que não se responsabilizam pelo que foi furtado ali. É um assunto muito complexo para ser pensado e discutido. E aí abre para uma discussão muito grande com muitas opiniões sobre o celular, como lidar com o celular, se tem como proibir o celular, como que a gente faz isso se hoje as pessoas não desgrudam do celular. Tem a questão de que tira o interesse ou se a gente poderia usar isso para as aulas. James ainda fala que daqui 30 anos não tem como voltar atrás, a tecnologia está avançando Então temos que adequar a rotina da sala de aula.

O Professor Orientador lembre de perguntar a Barbara sobre o caderno dela, se a supervisora chegou a olhar o caderno e ela disse que não, que aparentemente ela esqueceu. E conta que essa semana teve algo diferente, ela presenciou a ida da nutricionista na escola, percebeu que estavam todos agitados e as pessoas estavam falando que ela é chata. Viu uma das merendeiras perguntando o que que era minestrone e ninguém sabia o que era e era uma das receitas que essa nutricionista tinha passado. Todo mundo estava muito disperso porque ela ficava andando muito pela escola ia na cozinha e a na sala do diretor (Barbara guia seu relato o tempo todo pelo diário, traz muitas anotações). Achou ela como a postura muito superior mesmo, o jeito dela falar de ficar repetindo a mesma merenda vários dias. E nós sabemos que não tem como ter muitas merendas variadas.

A aula se encerra com o professor tirando dúvidas pessoalmente de alguns estagiários.

## **RESUMO: AULA 08 (07/05/2018)**

### **Turma A:**

O Professor Orientador fala que quer saber o que eles fizeram nesse tempo, 15 dias desde a última reunião, Rosalind pede para falar porque foi na escola pela primeira vez, ela relembra que está acompanhando o grupo de meninas que está falando sobre sexualidade nas escolas, ela foi na reunião só que não tem muita coisa para tirar porque estava atualizando o que elas tinham feito desde dezembro nas outras escolas quando ela não fazia parte do grupo então estavam atualizando a orientadora do que foi feito. Elas foram na escola hoje de manhã e conversaram com a diretora. A escola é muito boa muito arrumada e a diretora foi super aberta não mostrou nenhum empecilho do tipo: não pode falar isso, não pode falar aquilo, perguntou que dia que nós queríamos ir (porque geralmente nas escolas falam: aí pode tal dia, não pode falar disso ou daquilo) e nessa a diretora foi super aberta. A diretora contou que eles fizeram tipo um questionário sobre o que eles queriam aprender de coisa diferente, além do conteúdo escolar, das disciplinas e uma das coisas que eles mais falaram foi sexualidade e DST, então eles já estavam com vontade de que tivesse algum projeto assim na escola, quando a gente mandou e-mail eles se interessaram e a diretora não disse que ia falar o que pode e o que não pode, que queria deixar aberta a escolha dos alunos aí as meninas pensaram que em vez da gente aplicar a dinâmica de levantar as plaquinhas de mito e verdade planeja fazer a caixa de perguntas, que aí durante essa semana vai deixar a caixa lá e as meninas vão providenciar para os alunos do ensino médio: primeiro, segundo e terceiro. O Professor Orientador pergunta quando que vai deixar a caixa e Rosalind diz que a partir de hoje as meninas já vão

providenciar, vai deixar ela hoje, vai recolher sexta-feira e vai planejar a palestra de acordo com essas perguntas que os meninos fizerem, as pessoas que não tiverem vergonha pode fazer pergunta também na hora que elas vão responder, elas estão pensando em chamar um amigo que é enfermeiro para auxiliar e mais um homem também para ter uma outra visão e ajudar a responder melhor todas as questões. Já começa nessa segunda-feira, porém ela não vai poder ir porque está fazendo uma disciplina fora da cidade, então ela vai nas outras séries. O Professor Orientador pergunta sobre as expectativas. Rosalind diz ter achado muito legal essa dinâmica que elas resolveram mudar e fazer as perguntas que será melhor do que mitos e verdades e está muito curiosa para ver as perguntas, o Professor Orientador pergunta se ela vai acompanhar a seleção das perguntas e ela disse que não pensou nisso, mas que pode sim que é interessante e ele sugere que ela trouxesse algumas para a gente ver como não vai ter identificado ninguém que fez. Lisa pergunta se ela vai participar respondendo também e ela diz estar mais acompanhando mesmo, que se ver que ninguém sabe ela responde.

O Professor Orientador pergunta quem mais quer falar e Isaac tira algumas dúvidas sobre o TCL. Questões de formatação e normas, ele orienta que tem um leve formato, mas não tem uma receitinha de bolo é mais livre. Pergunta então de novo quem mais quer falar e Gertrude pega a palavra, lembra a todos onde está estagiando e quais as questões ela ficou de conferir. Ela pode notar que lá tem o sistema de telemarketing para doações. Acompanhou as atividades da semana: festa de São José (o local fica próximo a uma igreja e participou das festividades) e agora preparação para reunião do dia das mães (soube que na programação são três reuniões anuais que eles fazem com os pais e família: dia das mães, dia das crianças e confraternização de natal), o professor pergunta se ela ajuda com alguma coisa também ou só observa e ela diz que tenta observar mais, mas quando é solicitada ou vê que pode fazer algo ela faz. Como por exemplo, eles iam desenvolver uma atividade sobre pássaros e pediram que ela auxiliasse, então ela foi a procura de um colega que entende e estuda sobre, e preparou uma intervenção para as crianças. Ele pergunta como foi e se as crianças gostaram. Gertrude conta que elas gostaram muito e que foi muito boa, pois as crianças não sabiam das diversas espécies, que eles imaginavam que pássaros eram uma coisa só. O Professor Orientador lembra que ela estava com uma angústia sobre fazer algo além da observação e ela diz ter gostado muito, pois nunca foi ninguém lá e agora eles estão supertranquilos com a presença dela, eles até convidaram para ela desenvolver uma atividade caso quisesse. O professor pergunta sobre o que ela está sentindo estando lá e Gertrude diz que está gostando muito e demonstra que está sendo muito afetada com o que está vendo, fala muito que as crianças demonstram estar muito carentes de atenção e carinho. Ela conta também que a supervisora fez orientações de como eles lidam com isso, que mesmo dando todo o suporte ela sempre orienta aos professores e monitores que não podem misturar os sentimentos, eles estão ali como profissionais educadores, mas que ela achou isso impossível, pois no pouco tempo já se apegou as crianças, que ao saber da história de algumas deu até vontade de fazer algo a mais. Lisa e Isaac concordam que não conseguem imaginar não se afetar, porém Lisa fala que tem que saber realmente ter um controle, pois se a cada criança que precisa os pedagogos que trabalham a vida inteira com isso quiserem ajudar de forma pessoal, como pessoa além do profissional eles não vão dar conta. E então Isaac que já trabalhou em um ambiente parecido diz que é uma dificuldade enorme, que mesmo tentando e devendo controlar os sentimentos é muito difícil ter essa separação entre pessoa e profissional.

Isaac e Rosalind contam alguns exemplos de casos nesse sentido. A sala começa a se dispersar em torno desse tema e o professor volta a atenção de todos colocando a reflexão para eles de como lidar com a questão do afeto versus a profissional. Gertrude fala que mesmo com os adolescentes ela já se afetava, com os pequenos então foi impossível.

Outra questão colocada pelo Professor Orientador é de se tem homens trabalhando nesses lugares. Gertrude diz que viu apenas um homem uma vez, mas que não sabe o que ele fazia, que só observou os que dão aula de futebol e capoeira. Lisa pergunta se as meninas podem participar desses esportes também porque ela se incomoda muito quando as garotas são excluídas desse tipo de atividade e Gertrude afirma que elas podem sim. Lisa traz a questão de que não vê muitos homens na pedagogia e que lá eles discutem muito essa questão, porque ainda tem muito preconceito das pessoas em aceitarem, eu lembro de um colega do mestrado que é pedagogo e sempre relatava casos de preconceito dos pais com ele. Lisa diz que também teria receio em deixar um filho com um homem, que ainda tem essa visão fechada também. Gertrude lembra de um episódio de uma série dos anos 90 no qual mostra um caso desses, um casal procura uma babá e aparece um homem “perfeito”, como tudo o que eles querem e até mais qualidades, porém não aceitam só por ele ser homem.

O professor encerra com mais algumas questões burocráticas.

#### **Turma B:**

Convida a começar a reunião, Lisa que é da turma a, mas sempre fica nas duas turmas, o professor a deixou por último, caso não desse tempo ela poderia falar nesse encontro. Ela fala que está acompanhando os eventos aqui na universidade ou em espaços públicos que vai ensinar alguma coisa e hoje ela vai contar das aulas de forró oferecidas na universidade. Professor Orientador pergunta se ela vai e ela diz que já foi três vezes e então começa contando que o projeto se chama “Universidade do Forró” que é um projeto de alunos da universidade e aberto para comunidade,

então qualquer um pode ir, ele funciona todos os domingos das 18:30 as 19:30 às 7:30, uma hora de aula e fica muito cheio e quando fica muito cheio ela fala que eles separam quem tá mais avançado de quem tá começando. Após terminar a aula tem a dança livre, na qual todo mundo pode dançar e costuma ter shows no pátio da universidade eles montam uma banda com caixa de só de som e fica todo mundo dançando ali até tarde e essas pessoas também se reúnem em vários lugares para dançar forró, teve um dia que ela acompanhou e foi em um forró em um bar e percebeu que as pessoas já se conhecem, sabem quem dança e dançam sempre assim festas que tem em São João. Professor Orientador pergunta questão de homens e mulheres em relação a distribuição e Lisa fala que geralmente tem mais ou menos a mesma quantidade e tem alguns monitores da Universidade que entram para suprir quando falta, mas que é muito raro faltar pessoas. Professor Orientador pergunta se dança homem com homem, mulher com mulher e ela responde que sim, mas que é muito difícil, ela nunca viu faltar e tem a questão da dança, do homem conduzir e a mulher ser conduzida então normalmente são casais homem e mulher mesmo que dançam. Ela conta que foi pensando que eram só pessoas da universidade e acompanhando ela conheceu muitas pessoas que não são daqui e que frequenta o forró. Galileu pergunta se é um projeto de extensão e ela disse que não sabe se é realmente um projeto de extensão, mas que acha que é uma galera animada que resolveu fazer, pois eles tem Facebook, WhatsApp, tem os monitores, é uma aula de forró mesmo, animada, tem os passinhos, tem ensaio, tem uma aula mesmo super organizada e ela está achando muito bom, está achando muito legal aprendendo a dançar forró e gostando muito. Professor Orientador diz então que aparentemente é um espaço de entretenimento, diversão e aprendizado e ela concorda e acrescenta o adjetivo social. Ela reflete sobre o fato que estava só aprendendo coisas e agora está aprendendo a dançar e William ainda diz é bom pois está fazendo uma atividade física ela disse pois é. Lisa destaca para o fato de que é muita gente, só que nova, não percebeu pessoas mais velhas e que um dia ela viu uma pessoa mais velha, mas que ela nem dançou ficou só olhando. Galileu pergunta uma média de pessoas se ela sabia e Lisa disse que ontem ela percebeu uma média de 40 pessoas e que as pessoas ficam para o horário livre depois da aula.

O Professor orientador pergunta se fica sempre com a mesma pessoa, o mesmo casal e ela disse que não, que varia, que vai trocando, que o instrutor vai falando “gira” e aí você vai trocando que você dança com 10, 15 pessoas diferentes no mesmo dia e aí dança com gente que sabe dançar e com gente que não sabe. na hora do livre você puxa quem você quer para dançar, mas normalmente você puxa uma pessoa e quando a dança acaba você chama outra pessoa, fica rodando não fica com aquela pessoa fixa e ela acha isso interessante porque você aprende realmente dançar, você não aprende a dançar com tal pessoa você vai trocando e vai aprendendo a dançar.

O Professor Orientador pergunta quem mais quer falar e Gertrude pergunta sobre a apólice de seguro, pois estavam com problemas com o número Galileu fala que as apólices municipais provavelmente vão usar a mesma das estaduais e então fica um tempo da aula falando sobre a questão da apólice de seguro.

William com começa seu relato e diz ainda não entender o que ele pretende com o canal. Lisa sugere que ele mande um e-mail para ele perguntando. Ele falou que olhou alguns outros vídeos com alguns estilos diferentes, por exemplo, uma sessão de vídeo com outro padrão, diferente dos de séries e de conceitos médicos, ele pegou questões de vestibular chama “Eis a questão”, na sessão de vídeo ele pegou umas questões de vestibular e foi respondendo e com isso comentando e indo além das questões, uma que gostei muito ele pegou uma questão sobre vacinação ao nascer que a gestante foi fazer um exame sobre questões de imunização e ele colocou também sobre o calendário de vacinação e não foi voltado para estudantes de medicina, percebeu que foi um vídeo mais geral que, ele tentou abordar nesses vídeos as doenças no geral, não abordou muitos temas específicos de biologia e medicina. O Professor Orientador pergunta se ele fala de aspecto social também e William disse que não. O Professor Orientador pergunta se ele prescreve algum tipo de coisa e William disse que também não. O Professor Orientador pergunta de postura médica: faça isso, não faça aquilo aí William disse que mais ou menos isso mais informativa mesmo. Fala também de outro vídeo que chamou atenção dele pelo título que chama pneumonia adquirida na comunidade ele ficou se perguntando porque desse título “Como assim na comunidade?” e ele não sabia que existia esse conceito de pneumonia adquirida na comunidade e Galileu pergunta como assim comunidade porque ele tinha pensado que era de favelas quando falou assim e então William explica que ele fala que é a pneumonia adquirida fora do ambiente hospitalar. William falou que ainda não entende o propósito do canal e dele com o canal, pois tem muitos vídeos que é de aula mesmo, conteúdo muito maçante, mas tem muitos vídeos que fogem também que é o caso desses de doenças e os das séries também fogem um pouco. E Lisa diz pensar que ele faz como um meio de estudar ensinando.

O Professor Orientador chama atenção para que quando os Estagiários estão apresentando no começo o lugar onde eles estão começando o estágio e que acaba que todo mundo faz perguntas descritivas e repetem, duas, três vezes porque esquece, ainda não lembra o que cada um tá fazendo e depois todo mundo começa a lembrar de tudo o que cada um tá fazendo. E então ele fala para eles observarem que o elemento descritivo vai diminuindo que ele não precisa mais ficar descrevendo, que todo mundo que tá ali já começa a entender e agora é interessante que eles comecem a ver quais questões que estão surgindo. Quais as impressões, as análises, se teve que ir em outro lugar, pesquisar algo no Google, para todos verem essas impressões. Ele exemplifica isso com um exemplo da turma anterior onde um dia

Gertrude falou em três frases o que foi feito no estágio e aí depois a partir de um elemento que ela lançou uma questão, ela ficou um tempão, boa parte da aula falando sobre, pois a gente tem essa impressão que já conhece, que não aconteceu nada, mas a gente tem que parar para pensar nas questões que surgem, não mais só descritivo, então pensar mais no que vai acontecendo que vocês vão observando para vocês irem mudando as formas de olhar para esses lugares.

Chien começa a falar das dificuldades que está tendo com os papéis, que são muitos papéis e já tem 3 semanas que ela tá tentando resolver essa burocracia para começar a fazer o estágio e não consegue. James concordou também que ainda está precisando resolver alguns documentos então o Professor Orientador fala um pouco dessas questões do que que falta o que precisa e como agilizar esse processo dos papéis.

## **RESUMO: AULA 09 (14/05/2018)**

### **Turma A:**

Rosalind abre a reunião lembrando que não pode acompanhar as meninas nas três intervenções na escola, ela vem acompanhando as atividades que os meninos estão desenvolvendo e vai na escola nas duas próximas intervenções nessa primeira de segunda-feira devido a disciplina ela não vai poder ir, ela falou que encontrou com as meninas depois que elas pegaram as perguntas e que elas falaram que as perguntas estão muito boas, mas que ainda não conseguiu ver as perguntas que no próximo encontro que elas vão fazer que ela vai ter acesso, quarta-feira que elas vão montar a palestras e ler todas direitinho e montar. Ela também disse que está tentando dar uma estudada por fora sobre isso, sobre sexualidade principalmente ela ter um embasamento e o professor pergunta o que que ela tem lido sobre isso, ela diz que viu um podcast sobre sexualidade e sentimentos que uma das meninas me indicou que fala do machismo para o homem pela questão que falou na reunião passada que elas estavam com medo de responder algumas questões masculinas e aí as meninas indicaram esse podcast e ele fala muito do machismo para o homem, que os homens são criados nesse machismo de ter que ser pegador, que o pai mesmo às vezes força e fica pressionando filho para ser macho e como que isso influencia na vida do homens, que pai não pode demonstrar sentimento, tem casos de pais que falam que não pode demonstrar sentimento e que ela achou muito interessante porque ela está acostumada a conversar com mulheres, que o machismo prejudica as mulheres e como diminuir o machismo contra as mulheres e foi algo novo ver sobre o machismo com os homens. O professor pergunta se isso já foi na cabeça dela que poderia surgir alguma questão desse fato e ela diz que estava tentando ler sobre todas as questões e as meninas falaram e achou muito interessante e ler sobre isso eu lembro a questões de que falei sobre uma professora da UFLA que trabalha com gênero e sexualidade com crianças e que talvez ela tem alguns trabalhos que ajude, poderia estar passando o nome depois para ela e aí ela fala que se interessa porque com crianças é algo que ela ainda tem um pouco de receio do que falar e como falar. Eu intervenho falando a questão de discutir a participação dos homens de discutir isso com eles desde novinho: Você vai mesmo na raiz do problema que a gente discute muito do machismo com as mulheres e normalmente esses machistas vem nesse tipo de criação, então se mudar esse tipo de criação talvez seja uma maneira de mudar esse quadro.

O Professor Orientador atenta para a questão de que temos que tomar cuidado com que nós vamos pegar para discutir, porque é complicado, dentro da escola os professores de biologia já são vistos como várias coisas: como médico, como psicólogo, como o jardineiro, como o farmacêutico e etc, como se o professor de biologia tivesse responsabilidade de saber lidar com tudo, Lisa fala além de ter que saber todos os nomes de plantas, todos os nomes de bicho, todas as doenças. Os estagiários intervêm fazendo comentários concordando com isso. Galileu destacou o fato de ser importante reproduzir nas crianças, fazer com que elas compreendam os limites, que aprendam o poder do não, de falar não e passar para os meninos o valor de um não de uma mulher, o limite de um não, mostrar para as meninas e para os meninos quais os são os limites. Além disso porque essas coisas começam muito pequeno e isso é um dos principais pontos que a gente tem que trabalhar nas escolas. O professor entra para o fato da cultura machista entre os homens também fala da questão do pai para o filho e o quanto as pessoas sofrem com isso que ele mesmo sofreu com isso, Galileu fala que sofreu demais porque era uma criança super afeminada e fala que quem não se encaixa nesse padrão de macho alfa sofre muito independente da sexualidade.

O professor pergunta a Rosalind se era só isso, encerra o debate e passa a voz a Lisa que diz ter muitas coisas a contar hoje e começa dizendo o que ela acompanhou era essa semana, que está tendo a semana da história e ela foi. O professor pergunta se ela voltou no forró e ela disse que foi, tá continuando e vai toda semana, risos. Ela assistiu uma palestra sobre cultura indígena essa semana de uma mulher que faz no mestrado na UFSJ, a pesquisa dela tem a ver com essa questão da cultura indígena e foi no formato de uma roda de conversa que já começa até mais interessante, a palestrante começou falando sobre algumas questões básicas de como o professor e o livro didático de história traz essa questão da cultura indígena e trata aqui no Brasil antes de 1500, que o Brasil já existia e porque a gente começa a estudar só a partir de 1500 como se fosse descobrimento, como se o Brasil não existisse, como essa terra tivesse surgido do nada e já tinha até gente aqui e falando também sobre o protagonismo porque muita gente acha que os índios ficaram

passivos e aceitaram tudo e na verdade é porque diferente o jeito de lidar com as questões e depende muito das Tribos também. Um ponto que ela achou muito interessante que a palestrante trouxe é a questão de tratar todos como índio como se fosse tudo a mesma coisa e não é, quem chamou ele de índio foram as pessoas que vieram de fora e que ainda passou um vídeo de um índio falando para o neto: \_Ah você não é índio, você nunca vai ser um índio, você é um Munduruku. Porque não pode resumir tudo a uma coisa só ele ainda é munduruku e tem a sua cultura ele, tem seus rituais e é muito diferente de uma outra tribo. O professor comenta que é muito legal porque é o nome deles, é o nome que eles escolheram e que eles são nativos ou indígenas. Quando for falar de geral são os índios, são indígenas e cada um com a sua tribo. Galileu fala que nós pegamos todos eles esprememos e colocamos uma pena na cabeça deles, que detesta e tem pânico quando vê isso nas escolas no dia do índio, colocar uma pena na cabeça de todo mundo como se aquilo lá fosse a representação de um e Lisa diz que é um dos pontos que foi frisado na palestra como que a gente reforça que eles são todos daquele jeito de um jeito só falou da questão do preconceito nas escolas que a gente cria esses estereótipos.

#### **Turma B:**

Lisa continua na segunda aula falando dos estereótipos que criamos dizendo que eles são selvagens, preguiçosos que não gostam de tecnologia, que não sabem de nada e o professor acrescenta que ainda tem o mito do bom selvagem, que tem uma boa relação com a natureza, bucólica, romântica e que índio também taca fogo em floresta, índio devasta, e etc. Galileu conta que foi na casa de um índio na Bahia e ele tinha um monte de passarinhos na gaiola, e o casal era evangélico, e vários dos pássaros que ele mostrou estavam em extinção e ele tinha maior orgulho de ter aquilo ali e estranha porque a gente tem essa visão do índio preservando a natureza, visão distorcida que a gente tem, quando a gente vê o índio por exemplo com o celular a gente até nos perguntamos se realmente ele é um índio porque a gente ainda pensa que índio tem que ficar lá no meio da selva pelado e sem acesso a nada.

Outro ponto que Lisa destaca é de quando a palestrante fala que em algumas tribos quando a mulher trai o homem ele tem o direito de bater nela, só que ela também tem o direito de descer o cacete nele e eles podem ficar nisso até um dos dois morrer e Galileu questiona sobre a questão da legislação, pela nossa legislação isso não pode acontecer então como é que fica se vale para eles e ninguém soube opinar sobre.

James fala que agora está no (nome ocultado) porque não deu certo a primeira escola que ele estava olhando e só falta acabar de preencher os documentos. O Professor fala para ele correr, pra fazer a documentação mais rápido possível.

Rita começa a contar a sua experiência da semana com muito desânimo, ela lembra que estava fazendo a Etapa 2 e agora começou a etapa 3 também e a sua primeira experiência em sala de aula foi horrível. A diretora pediu para que ela aplicasse uma prova bimestral em uma das turmas de 1º ano porque os professores estão em greve e estava sem professor para ficar em todas as salas. O professor orientador pergunta como foi e ela disse que saiu da sala dizendo que eu nunca mais pisaria em outra sala. Todos na reunião se assustaram eu pergunto pior turma em que sentido e ela disse que é pior turma no sentido de que eles não respeitam ninguém, respondem os professores, não fazem o que eles pedem, não fazem silêncio, a sala é uma zona, todo dia algum aluno daquela sala leva alguma ocorrência, mas diz que depois que saiu de lá os professores chegaram e conversaram com ela para que não ficasse desse jeito porque o problema era a sala não ela e o professor pergunta como que eles ficaram sabendo desse contexto e ela disse que a gritaria estava dando para escutar nos corredores. Galileu pergunta pelo fato de ela estar na Etapa 2 e ela disse que estava, mas passou para três e Galileu volta a comentar que nesse momento então foi tipo assim ela tinha que acompanhar a aula de um professor eles a colocaram para ficar sozinha aplicando uma prova. Ela disse que nem acompanhado a professora ainda ela tinha, ela só foi mesmo porque não tinha realmente ninguém para ficar lá na sala. Lisa pergunta se não falaram o quê que era para ela fazer caso acontecesse algo desse tipo e ela disse que não que não recebeu nenhum tipo de orientação do que deveria fazer, do que deveria ser feito caso ela tivesse algum problema, não recebeu orientação nenhuma desse tipo. Eu pergunto se eles pediram como que foi para ela e ela fala que que só falaram com ela que era para ela aplicar uma prova na sala até eles conseguirem alguém para ir ficar lá na turma, eu volto a perguntar se não perguntaram se ela queria e ela disse que perguntou se podia e ela falou que poderia ficar só observando.

O professor pergunta por quanto tempo ela ficou lá e ela disse que não aguenta ficar o período inteiro que ela foi e chamou diretora e falou o que estava acontecendo, que não tinha condições de ela ficar lá e então o professor intervém falando das questões de orientação, que ela não pode em hipótese alguma em momento algum durante um estágio ficar sozinha em uma sala de aula, muito menos agora que era primeira vez que ela estava pisando dentro de uma sala. Ela não poderia nem desenvolver atividades junto com professor sozinha então de jeito nenhum, porque esse tipo de experiência é muito marcante e por isso tem que ter um certo cuidado quando se tem a primeira experiência porque pode marcar e fazer com que os futuros professores desistam de seguir carreira docente, pode se tornar uma barreira para sua carreira, para construção seu perfil como profissional e diz que essa mensagem vale para todos que eles só podem, só devem fazer o que está escrito no plano de cada estágio, em cada etapa, em cada tempo, que tem que

respeitar isso tanto eles quanto a instituição porque foi assinado um documento falando claramente o que cada etapa vai desenvolver na escola.

Marie começa a contar que tem um mês que está no (nome ocultado) acompanhando o Fundamental e o médio e é na escola onde ela estudou e disse que de cara já sentiu muita diferença, ela faz muitas comparações com a época dela que tinha muito respeito, tinha mais disciplina e etc. Ela percebeu que a escola virou muito uma escola de bairro, de pessoas para aquele bairro que na época dela não, que ela mesma morava superlonge e saía para estudar lá. Ela disse que toda aula ela ora, faz a oração do aluno antes da aula que os alunos acalmam nessa hora. Lisa perguntou o que que ela acha de rezar antes da aula e Galileu pergunta como que é essa oração, se é para Deus. Ela disse que pelo que já ouviu nas reuniões que não é legal, porque as escolas não podem ter isso por ser laica, mas que é uma oração que não é de religião é falando para ter força. Ela disse que vai anotar oração para que a gente possa ver como que, ela diz que é que ele seja um bom aluno, que a escola esteja entre as melhores, etc, meio que o momento de concentração, às vezes tá todo mundo disperso e ela fala vamos fazer oração para começar a aula e fica todo mundo quieto todo mundo respeita esse momento. O professor orientador frisa as perguntas que ela vai fazer: é oração? tem Deus? observar e anota. A questão do Estado Largo nem questão é, é uma lei e algo que precisa ficar claro e é que Laico não é ausência de religião é que não tem preferência, então a princípio você pode rezar, mas você pode fazer um ponto de macumba também, então se você abriu espaço para uma, você tem que abrir para todas e temos que lembrar que nem toda religião tem Deus, então se você faz uma oração que é para Deus você dá abertura para outras se expressarem, pode ser um mantra, uma ordem de comportamento, um grito de guerra, pode ter, mas se tiver uma tem que dar abertura para que outras espécies de demonstrações tenham espaço. E aí a turma se desperta falando vários tipos de oração do aluno gritos de guerra e etc.

Marie segue contando muitas coisas de falta de respeito e falta de postura que ela foi reparando, que percebeu que a escola se tornou uma escola muito de Periferia que a maioria das pessoas que estudam lá são negras e pardas. E conta um fato de muito desrespeito de um menino, mas que viu que esse menino não se encaixava, que ele era branquinho, usava só roupa de marca, tênis de marca, etc, e que ele foi todo arrogante assinar a ocorrência. Eu e Isaías trocamos olhares, essa parte me afetou o jeito dela comparar meio estereotipando que ela assustou ele ter esse comportamento porque ele era branquinho. Quando ela termina o seu relato o professor pergunta se Galileu quer perguntar alguma coisa e ele disse que não, então ele fala que tem umas questões e fala com ela que ela disse algumas coisas comparando raça e classe com o desempenho e que ela tem que tomar cuidado com as coisas que ela vai dizer, como ela vai dizer, e aí ela faz outra comparação que na época dela aí a gente de todos os bairros e iam para lá estudar lá e agora não, é só daquele bairro mesmo. O professor perguntar quanto tempo atrás ela disse que tem bastante e ele então fala não, não é. Ele então fala para ela tentar entender o que aconteceu na escola com o geomapeamento, como que aconteceu com relação a atualização da escola. Ele diz que ela está dizendo que alguma coisa mudou do tempo dela e que ela está relacionando com a localização das pessoas que estão estudando lá e que é para ela se perguntar o que estava acontecendo ou se é só a impressão dela, porque pode ser uma impressão dela, pois agora ela está em uma outra posição, às vezes ela acha que era uma boa aluna e talvez nem era e na época dela talvez fosse desse jeito também. Galileu fala que isso é muito geral é muito generalizado todo mundo fala que na sua época tinha mais respeito, todo mundo respeitava, que todo mundo isso e não era bem assim.

Aula finalizada com orientações.

## **RESUMO: AULA 10 (21/05/2018)**

### **Turma A:**

Relato ocultado.

Entra no assunto de postura perante aos alunos, a como falar, a como lidar com certas situações que acontecem dentro da sala de aula e Isaac conta de quando ele presenciou uma situação de um racismo extremo de um aluno chamando outra aluna de preta, macaca, que ela devia voltar pra senzala, usando termos horríveis e que a vontade dele era explodir, era gritar, era falar e agredir ele verbalmente falando sobre coisas a respeito dele, mas que na hora a única coisa que ele conseguiu fazer foi mandar o menino calar a boca, ele falou que sabia algumas coisas do menino pessoais e que a vontade na hora foi de falar (ele aparenta ser muito explosivo, tem opinião muito forte, posicionamentos muito fortes), então o professor conversa com ele que ele tem que ter cuidado com isso porque ele tem opiniões muito boas, porém ele tem que tomar cuidado com a maneira com que ele defende esses posicionamentos, porque senão ele vai acabar perdendo a razão dependendo da forma como ele agir especialmente dentro de uma sala de aula com estudantes, os quais nós devemos saber agir de forma com que eles percebam que o posicionamento deles em algumas vezes estão errados.

### **Turma B:**

Professor recomeça aula com Lisa contando que foi no encontro morfofuncional e foi participar porque como

ela quer participar do mestrado da morfologia. Teve muitas coisas, várias palestras, vários discursos, mas ela vai falar só da última palestra que foi que ela achou mais interessante que tem muito a ver com a histologia. Ela achou legal porque pelas palestras ela viu que as pessoas estão conseguindo enxergar mais a partir de um todo, porque antes era todo mundo picadinho cada pessoa estudava uma coisinha separada e agora parece que as pessoas estão pensando mais não todo, dentro de um contexto muito geral que o ser humano, os cientistas agora nessa área estão começando a fazer ligações com os sistemas não só isolado, e ela pensa que era isso que estava faltando, ainda é pouco porque é um sistema com outro, eles não funciona só dois sistemas a gente é muito complexo tem muita coisa acontecendo. Ela conta que a palestra dele trouxe um viés de como funciona o organismo, foi muito focada na imunologia que é um dos sistemas, mas o discurso dele era muito: vocês estão aprendendo tudo errado e eu vou dizer para vocês porque que vocês estão entendendo tudo errado, por que as teorias estão sendo explicadas muito isoladamente. Ela diz que ele foi dando exemplos dentro da imunologia que não são explicados pela própria imunologia e ela disse que ele até falou que para quem não quisesse desacreditar em imunologia que podia sair, ela disse que deu um grito lá e riu. E que ele não respondeu nada que ele trouxe um milhão de perguntas e durante a mesa tudo que perguntaram para ele, ele fazia outras 10 perguntas como resposta, ela achou interessante isso, chamou a atenção dela. Lisa foi contando alguns conceitos biológicos que ele trabalhou durante a sua palestra. Eu comento que eles sempre falam de imunologia nas conversas paralelas que é a matéria mais difícil que eles enfrentam e aí vem um cara querer falar que tá tudo errado. O professor pergunta se essa opinião é dela ou se é generalizado ela disse que percebeu que é generalizado, que todo mundo ali ficou encabulado com as coisas que ele disse, mas que realmente tudo que ele falou faz sentido e eles não conseguem responder realmente as questões. Ela disse que percebe que a área dela falta pessoas como ele, pessoas que não só criticam, que não só chegam com verdades absolutas, mas que chegam com questões, por mais que ela tenha estranhado e não tenha concordado com algumas coisas ela disse que sente falta disso e o professor pergunta se ele só desconstruiu ou colocou algumas coisas no lugar, pelo que parecia na fala dela ele entendeu que ele colocou algumas coisas no lugar e ela concorda. Ele diz que pelo que entendeu ele quis passar a ideia de que é para olhar o todo, ter uma disciplina mais holística e interdisciplinar, lisa concorda dizendo que ele criticou muito o reducionista também. O Professor Orientador pergunta se ele tem uma perspectiva de entender que a ciência não responde tudo e que entendeu que ele deu um senhor tapa de luva em todo mundo, porque quando a gente conhece, a gente fala a causa disso é isso. Lisa diz que a ciência só quer a resposta, só quer respostas e falta pensar sobre os paradigmas.

Rita foi na escola, mas não estava tendo aula porque foi paralisação por falta de pagamento. E hoje pelo pós-greve foram poucos alunos nessa segunda-feira, então que ela notou que o rendimento foi outro, que a matéria rendeu, que ela deu muita coisa, passou muita matéria. Então ela relacionou ao fato pela quantidade de alunos, que principalmente os mais problemáticos não foram, todos os alunos estavam prestando atenção, participando, então isso ajudou muito no rendimento da sala. O professor pergunta se hoje foi isso, que ela viu essa questão do rendimento e relacionou ao fato da quantidade de alunos e por serem principalmente determinados alunos que não foram, ela disse que sim que sim sempre os mesmos meninos que dá mais problemas. Galileu comenta que ela fala muito do perfil dos meninos mais levados e ele pergunta como que ela consegue perceber quem são os meninos mais levados e ela disse que quando chegou que ela teve aquela pré-conceito, ela já meio que caracterizou cada um e depois com a convivência ela viu que a maioria dos que ela pensou era contrário quem ela achou que era quieto não era e quem achou que era “levado” não era. Rita fala que a professora usa de um “instrumento” para chamar atenção da classe bater a régua na mesa quando eles estão conversando muito e eles se silenciam então e o professor pergunta o que ela acha dessa maneira que ela utiliza para chamar atenção da turma, ela disse que compreende porque querendo ou não que os meninos na hora que ela faz isso se silenciam, então é um jeito de chamar atenção e é melhor do que ela ter que ficar gritando, se esforçando para poder chamar atenção. O professor fala para ela perguntar como que ela chegou nesse ponto, porque que ela chegou nesse ponto, se ela já utilizou de outra ferramenta para tentar chamar atenção, porque o estágio é justamente isso né gente compreender o que aconteceu para as coisas chegarem a esse momento com a experiência o que que eles vivenciaram que que eles, quais as experiências eles passaram para serem quem são hoje.

O Professor destaca a importância de sempre e contando realmente tudo que aconteceu porque ela chegou falando que achava que não tinha nada para contar, porque teve paralisação e não teve aula, e olha a quantidade de coisa que teve de um dia de aula.

Willian não avançou no canal essa semana.

Chien precisou de orientações com os documentos.

## **RESUMO: AULA 11 (04/06/2018)**

### **Turma A:**

Gertrude conta que eles estão preparando para quadrilha, as danças e etc, e foi praticamente só essa atividade durante a semana algumas atividades continuaram aula de futebol dos meninos e por causa da greve não ia ter alguns dias. Galileu pergunta sobre a questão de coisas religiosas porque já teve uma festa de São José, se trabalha alguma

coisa de religião ela disse que já observou trabalhos que ficam pendurados com historinhas de Jesus e ele comenta questão de objetos religiosos dentro das escolas e todo mundo comenta principalmente de São João que São João Cidade muito católica.

Surge o assunto sobre estereótipos das escolas com relação aos alunos: bons alunos e maus alunos. Que quando a pessoa estuda na escola “tal” ele já é estereotipado com o que dizem sobre a escola: esse é bom alu porque é da escola tal, aquele é brigão, aquele não presta atenção, sem nem ao menos conhecerem. Gertrude relata a visão de próprios professores que demonstravam não gostar quando viam alunos de escolas estereotipadas, já ficavam com pé atrás. Um exemplo que o professor retrata é o da escola X, quando um aluno atirou no outro todos acharam normal porque a escola tinha um estereótipo ruim, mas se fosse na Y que é considerada a melhor estadual da cidade o problema seria aquela pessoa isolada, não a escola. Eu dou a referência que a supervisora me falou que eu peguei uma sala boa, entre aspas, porque a maioria dos alunos não eram deles, mas vieram de uma escola tal, a municipal bem falada da cidade. O professor pergunta como eles veem esse processo de estereótipos, se como um problema ou se eles veem normal. Mayer disse que isso pode desmotivar os alunos e piorar a situação dos professores. E os estagiários citam exemplo de universidades que também são estereotipadas.

Comentários paralelos sobre a greve e o que acarretou.

### **Turma B:**

Rita fala que perguntou sobre a régua e que ela falou que aconteceu naturalmente só para chamar atenção que o primeiro utilizava o apagador no quadro, mas que colocaram quadro de vidro e todos riem.

Jane começou no Planetário e desistiu de fazer etapa dois juntos.

Willian entrou em contato com o criador do canal e explicou toda situação, contou tudo o que está acontecendo, que ele está fazendo no estágio e tal e que ele foi no canal porque já utilizava o canal e precisava pesquisar um espaço não formal de ensino e então ele passou o WhatsApp já de cara, porque ele já tinha perguntado no final da mensagem qual era a proposta com o canal e então ele mandou um áudio de 4 minutos. Várias suposições feitas durante as aulas ele confirma, então ele mostra o áudio para que pudéssemos escutar, foi realmente como método de estudo para ele e para os outros, porque viu que quando ele estava fazendo cursinho ele estudava muito por vídeo aulas esse ajudou ele muito quando ele entrou na medicina ele viu que não tinha vídeo aulas em português e hoje ele acha que o grande objetivo do canal é cobrir uma lacuna que acha que existe em muitos curso de medicina, não só da Medicina mais área da saúde no geral que muitos cursos são daquele formado pdl, que você não tem aula e o aluno estuda em casa e que ele estuda muito para poder preparar esses vídeos, as formas de didática, como fazer o vídeo ficar mais didático. James teve a sensação de ele ser uma pessoa muito aplicada porque ele fazia resumo das matérias para estudar e passava para sala inteira e a partir desse resumo que tudo começou incentivar ele a fazer isso. Como o canal não teve um propósito ao ser criado fica difícil mapear agora.

O professor termina a aula com orientações para finalizar o estágio, questões para eles já comecem a fechar para dar uma característica de fechamento. O que eu pensei? O quê que isso me causou? O quê que isso mudou em mim? Como foi a sua experiência para pensar um além da experiência?

### **RESUMO: AULA 12 (11/06/2018)**

#### **Turma A:**

Getrude começa a reunião falando que foi a mesma coisa dos outros dias, que as crianças estavam jogando futebol e semana passada receberam uma entrada de doação de computador, 6 computadores novos. Ela diz que está sem saber sobre a questão da aulinha de futebol porque não tinha antes do período da copa, ela acha que começou porque eles estudaram sobre o futebol com as crianças e começaram a jogar, mas que agora eu não sabe se vai continuar depois da copa, o professor pergunta se meninos e meninas e ela disse que sim todo misturado. Ele pergunta sobre o que ela achou da organização desse lugar e ela falou que é muito relativo as festividades das quais eles se preparam e o objetivo de lá para ela é o cuidado, cuidado com as crianças, ensinar respeito e educação. E diz achar muito bom e importante esses lugares, porque muitas mães não tem condições de pagar uma pessoa para ficar olhando enquanto trabalha e é muito difícil trabalhar sossegado e eu vejo que lá tudo que acontece é falado com os pais, é relatado quando tem problema de saúde, eles ajudam, o controle de doações quando eles recebem muitas doações e sobra dinheiro eles podem ajudar a família, ela já presenciou doação de cesta básica.

Relato ocultado

#### **Turma B:**

James não conseguiu começar até agora então não adianta mais, vai deixar para o semestre que vem.

Lisa está tendo problemas com uma disciplina que não teve professor para dar aulas e com isso pode não conseguir colar grau, todos da sala juntamente com o professor analisamos o caso e tudo o que ela poderia fazer dentro

de seus direitos para que isso não acontecesse.

O professor pede para que willian comece a construir algumas reflexões caminhando para as conclusões sobre o canal. James então começa a falar você aprendeu bastante conteúdo, ele disse que conheceu o canal quando precisou estudar imunologia e usou essa ferramenta e pensou que queria analisar o canal no YouTube, pesquisou alguns artigos e a maioria era voltado para o ensino médio. Mas está se guiando por alguns. O professor fala para ele pensar sobre a questão de que uma coisa é ele saber de biologia, de medicina e os conteúdos, outra é ele saber falar, se ele acha que ele sabe, que ele ajuda realmente a compreender esses conteúdos e James afirma que sim, sabe explicar melhor até que os professores que eu tive. Galileu questiona então o que ele acha que tem de diferente na forma que ele explica para os seus professores, o que faz ir no canal. James fala que a palavra que sempre vem a mente dele é objetividade e cita um exemplo que são as explicações das imagens em uma das disciplinas, na qual a professora chega com a imagem, coloca e vai falando a matéria e ele não consegue compreender e relacionar os conceitos com a imagem e no canal ele pega as imagens e ele relaciona, explica passo a passo mostrando na imagem e ele já consegue entender.

### **RESUMO: AULA 13 (18/06/2018)**

#### **Turma A:**

Relatos ocultados.

Rosalind começa a aula trazendo as questões que os meninos elaboraram para a intervenção na escola: Qual a DST mais perigosa? Quais os tratamentos para DSTs? Como prevenir as DSTs? Tem como engravidar sem ter relação sexual? Por que os meninos gostam mais de sexo anal? Por que mulheres demoram para gozar? Como fazer a mulher sentir tesão? Como fazer mulher gozar? Como fazer uma mulher querer transar? Como fazer uma mulher soltar muitos orgasmos?

Ela não pode estar presente e conta o que elas falaram da apresentação. As meninas colocaram DST primeiro e foram acrescentando as outras coisas, colocaram as perguntas no data show e iam conversando com as pessoas em uma roda, ficaram sozinhas com os alunos, nem a diretora, nem a professora ficou com elas e falaram que os meninos estavam conversando demais no início quando falavam algumas coisas que tinha mais interesse que eles ficavam calados. Que trataram também sobre a questão dos limites, pois surgiram perguntas que as preocuparam, por exemplo a de como fazer uma mulher querer transar. Sobre as formas de se engravidar elas levaram para uma explicação mais científica.

#### **Turma B:**

O professor pergunta o que ela pensa diante disso, dessas perguntas, quais pensamentos que vieram na cabeça dela, como que ela se imagina professora desses alunos. Ela diz que percebeu que mesmo introduzindo de uma forma voltada para parte mais de saúde e conceitos biológicos, se abre um leque imenso para se tratar e trabalhar de muitas questões até mesmo sociais que se você propor de cara pra escola ela não vai aceitar.

Como foi o último dia de reunião todo mundo estava muito disperso conversando sobre outros assuntos não relacionados ao estágio. O professor tira um momento para as orientações finais com relação ao que deveria ser feito para o fechamento da disciplina.